CAPÍTULO III

SABER COTIDIANO X CONHECIMENTO CIENTÍFICO

"Professora Terezinha, eu li o texto várias vezes, mas não entendi muito bem a mensagem da escritora Adélia Prado.

O que ela quis dizer de verdade, quero ter mais informações da minha mestra, para melhores explicações sobre o texto, a mim parece de bom conteúdo, talvez a minha ignorância seja a culpa de tudo isso, mais importante é a minha vontade de aprender analisar texto como este, por esta razão peço ajuda à minha professora de Produção de Texto para ajudar-me num conteúdo como esse de Adélia Prado. Na sua simplicidade ela escreve coisas maravilhosas numa simplicidade que só ela tem.

Só que eu, aluno da 3ª Idade, estou tendo dificuldade de analisar e entender melhor, conteúdos como esses, mas sei também que depende de mim, para isso quero-me esforçar até o final deste segundo semestre, ou quem sabe nos anos vindouros. Talvez me falte um pouco de humildade para entender os textos e a própria vida diária. Eu gostei quando a escritora Adélia Prado na sua escrita alguém lhe interrogou e disse assim outro dia. 'Será que você não dá conta de escrever sem falar em Deus e ela respondeu não?'

Gosto mais quando você escreve sem falar em Deus...

Eu achei uma resposta humildemente que só Adélia Prado poderia dar na sua escrita"[12].

"Râmios, o mais importante é a sua vontade de aprender. Não desista. Acho que você entendeu o texto da Adélia Prado. Cada pessoa entende de um jeito próprio e você

---

[12] - Resumo de texto, reproduzido na íntegra, entregue por Râmios do Nascimento como quesito de avaliação na disciplina Leitura e Interpretação de Texto – segundo semestre de 2000.

entendeu do seu jeito. Ela escreve as dúvidas que ela tem quando é obrigada a fazer uma escolha. Nós também somos assim. Se pudéssemos fazer tudo o que desejamos seria melhor, mas não é possível".[13]

O sentimento de angústia, revelado em forma de resumo e expresso por Râmios Nascimento identifica o estado de tensão e muitas vezes de conflito interno com que se defrontam os estudantes da Terceira Idade. É o significado na prática de que a estrada para atingir o nível de conhecimento a que se propõe é árdua e sofrível. E esse sofrimento se acentua ainda mais quando se está diante de sujeitos que abrem mão de suas experiências no passado, na luta por um progresso pessoal como meio de construir o futuro. É expressamente significativa a alegação de Râmios, em primeiro plano, de que sua dificuldade de entendimento de um texto simples é pela ignorância, ou mais precisamente por uma culpa que principia pela sua história em Saúde, cidade onde nasceu no interior baiano. Se pertencesse desde o nascimento a uma outra estrutura social, certamente decifraria o texto com mais simplicidade ou teria outros critérios mais "profundos" de análise.

O depoimento é uma auto-análise e precisa ser estendida à problemática social. "Talvez a minha ignorância seja a culpa de tudo isso" é o indicativo mais forte desse estado de aflição tomado pelo estudante. O confronto se apresenta de forma clara. Ao reconhecer a simplicidade em Adélia Prado na interpretação do texto **Solte os Cachorros**, o autônomo reconhece o quanto está distante desse universo. E na impossibilidade, não de entender, mas de analisar o conteúdo simples, todo o seu plano existencial é colocado em discussão. Até porque a universidade aberta tem exatamente esse significado para Râmios e muitos

[13] - Resposta por escrito da professora Therezinha Tagé Dias Fernandes sobre o resumo apresentado por Râmios.

outros estudantes: é o mais importante instrumento para poderem continuar existindo como sujeitos históricos e construir uma realidade de forma diferente da qual vivenciam.

Mas há um outro valor expresso pelo autônomo em seu depoimento que conduz a outra forma de interpretação. Não se pode negar que Râmios atravessa um período de angústia e ao mesmo tempo se defronta com uma forma de saber, em vez de conhecimento, do qual nem ele mesmo tem a percepção. Ao procurar atingir o nível acadêmico com a mesma velocidade com que sonha em mudar de emprego, para alterar o ritmo de seu presente, Râmios deixa de compreender conscientemente que está passando por um período de rica experiência.

O texto de Adélia Prado tem o mesmo vigor causal em sua vida em relação às perguntas feitas pelo repórter, quando tentava entrar no curso de oratória, citado no primeiro capítulo. “Chorei. Você sabe o que é sair lágrimas dos olhos. Eu chorei. Porque eu não soube responder as perguntas”. (Râmios, Entrevista: 12/2000). As lágrimas que correram pelo seu rosto não foram em vão. Elas se tornaram à demonstração de que só é possível se transformar e mudar a própria realidade quando todo o ser é envolvido, provocado e levado a um sentimento de plenitude humana. A angústia instigada pelo texto de Adélia Prado incide nesse mesmo valor: ele provoca um outro estado de comportamento de Râmios no qual ele busca incessantemente se identificar.

Só que é nessa busca incessante que se corre o risco da pobreza da experiência e todo o poder da memória no futuro. Em momento algum esse problema pode ser deixado de lado, até porque o significado da experiência começa a ser vinculado artificialmente à duração da permanência na universidade e não na intensidade que se vivencia. Essa preocupação consumou-se durante um dos diálogos fora da sala de aula, em que Râmios descrevia sua participação em um dos seminários e que considera fundamental para se sair

bem nas próximas apresentações. Disse que os integrantes de seu grupo foram bem porque já estudam há anos na USP e, em tom de conselho de quem já compreendeu como se estrutura essa nova realidade, disse a outro companheiro da Terceira Idade. “Se nós ficarmos quatro anos aqui estudando vamos poder estar do mesmo jeito”. (Râmios, Anotações, 11/2000).

Há uma confusão que se faz entre tempo de aprendizagem e intensidade de experiência. A segunda é sempre interpretada como resultante da primeira, como se no decorrer de determinado período ou pelo fato de ter passado por diversas disciplinas na universidade se conquista automaticamente uma experiência de vida. Além desse automatismo falacioso, há outro agravante que torna esse sentimento de conquista automática deslocado: é o de quanto mais os estudantes buscam avançar no processo de conhecimento, mais incorporam uma prática de ação de se distanciar cada vez mais das experiências de seu passado. É como se parte de sua vida ficasse em uma outra estrutura da qual hoje já não tem mais nenhum significado.

É isso o que pode ser interpretado na resposta de Râmios sobre sua cidade natal. “Eu nem sei quantos habitantes têm porque quando eu saí de lá, sinceramente, nem fiquei sabendo a situação daquela cidade”. (Râmios, Entrevista: 12/2000). Se a pergunta fosse feita em 1960, dois anos depois de ele ter migrado para São Paulo, talvez a resposta tivesse um outro significado. Porém, quatro décadas depois de ter deixado Saúde, a enunciação adquire um peso de desprezo. Não se sabia nada quando ele decidiu deixar a cidade, e em nome do desenvolvimento pessoal, o que foi construído ou destruído em Saúde foi esquecido ou sequer faz parte de sua preocupação. O fato de ser filho de uma família analfabeta teve dois pesos em sua vida: ao mesmo tempo em que o instigou a mudar sua realidade no presente, em nome de um futuro promissor, o fez abandonar as vivências do

passado. “Eu não posso continuar no mesmo ritmo de lá. Tenho que fazer alguma coisa” foi o condutor da sua vida.

A idéia que se projeta em todo esse comentário é o da possibilidade de mudar a realidade por meio de seu próprio esforço. E o conhecimento científico, a ser adquirido na universidade, será o diferencial como ser humano em uma sociedade onde o principal referencial é quem tem maior capacidade de análise da informação. É um paradoxo típico da sociedade contemporânea: quanto mais o individualismo se fortalece, e o homem se distancia de suas origens, mais ele perde seu espaço de influência social.

> *“(...) a individualidade é prejudicada quando cada homem decide cuidar de si mesmo. À medida que o homem comum se retira da participação nos assuntos políticos, a sociedade tende a regredir à lei da selva, que esmaga todos os vestígios da individualidade. O indivíduo absolutamente isolado foi sempre uma ilusão. As qualidades pessoais mais estimadas, tais como independência, o desejo de liberdade, a simpatia e o senso de justiça, são virtudes tão sociais quanto individuais”. (HORKHEIMER, 1976: 143).*

É exatamente por isso que a proposta inicial da Universidade Aberta da USP não é desejar que os estudantes tenham simplesmente um semestre feliz, nem que permaneçam em casa, ranzinzas. Mas que saiam às ruas e façam protesto para combater os maus políticos que estão destruindo a terra. Entretanto, um dos parâmetros mais utilizados pela coordenadora Ecléa Bosi está na interrogação: Afinal, para que serve termos um passado, memória e experiência? Lê-se aqui experiência de vida e não estritamente conhecimento científico.

Pode-se dizer que o mesmo sentimento que toma conta de Râmios, de um avanço particular na aquisição de conhecimento irreversível, está vivenciando o estudante David Barbosa de Menezes. A noite do dia 30 de novembro de 2000 foi especial para o autônomo.

Pela primeira vez em seus 71 anos de vida, David apresentou um seminário[14]. Com as mãos trêmulas, a voz ainda tímida e se esquivando de olhar para o público – uma técnica utilizada para não se perder na leitura -, o autônomo vivenciou uma emoção que há tempos sonha em atingir: se comunicar com o povo. Naquele momento ele se sentiu como uma pessoa esclarecida.

Ao terminar o seminário ele contou aos alunos sua história de vida e explicou como a ignorância, por achar que depois de uma certa idade não se poderia mais estudar, o manteve afastado do que acredita ser a essência da vida. Dessa vez não era mais uma representação de um ser esclarecido, como quando trabalhava como remarcador de preços em supermercado. “O serviço de reposição eu gostava porque eu só vivia com o carimbo na mão. Você vestia um avental branco, aquilo parecia que a gente era médico. Igual um médico no meio do povo”. (David, Entrevista: 12/2000 - 02/2002). No seminário ele tinha a certeza que estava passando um conhecimento, ou mais precisamente, uma informação aos mais jovens.

Esse fato o instigou com mais força a seguir o caminho para realizar o seu desejo de ser um homem formado para se comunicar com o povo. “É comunicar. Tem uma reunião aí fora, num lugar aí, você ser chamado para ir lá, dar um depoimento; falar com um repórter”. (David, Entrevista: 12/2000-02/2002) O que representa ser um homem formado, com conhecimento científico? A essência da resposta está contida mais na identificação do que o autônomo não é, do que aquilo que deseja ser. “Eu tenho certeza que eu vou chegar naquilo que toda vida eu tive vontade de fazer. Mas hoje, como eu te falei, não sou uma pessoa

14 - Seminário de avaliação na disciplina de Comunicação Comparada da professora Lucilene Cury, segundo semestre de 2000. David apresentou o perfil histórico dos meios de comunicação intitulado “do sílex ao silício”

formada é por causa das dificuldades e também por ignorância. Mas se não fosse isso eu já era um homem formado. Era um homem da sociedade, no meio dos homens". (David, Entrevista: 12/2000-02/2002).

Embora a saudade o mantivesse vinculado a Amargosa, onde nasceu, David parece não encontrar mais sentido nas experiências do passado. Há algo além do desenraizamento. As lembranças claras das festas, da antiga namorada Dionilia, das canções e do companheirismo na construção da casa e da vida de lavoura daquele lugar, não amenizam uma frase de auto-incentivo que poderia ser colocada na mesma tônica de Râmios: "não posso mais continuar no ritmo de lá". Como David mesmo confessa: "Eu sinto muita saudade de lá, mas hoje eu estou satisfeito aqui em São Paulo; é porque naquela época, você via o que acontecia com as pessoas, como é que falavam, era tudo serviço. Era de pessoas que não tinham o esclarecimento, pessoas que não tinham estudo, não tinham nada". (David, Entrevista:12/2000-02/2002). A possibilidade de estudar na USP o faz crer ainda mais na realização de seu desejo e de escrever sua vida em uma folha em branco ao virar a página do passado. "Eu não sei, mas eu tenho muita vontade de fazer muita coisa daqui para a frente".

Essas são afirmações do que hoje se denomina como sociedade da informação e da comunicação. Sempre se remete esse termo às novas tecnologias de informação como ponto inicial de análise e em seguida se prolonga para a cultura. A proposta desta pesquisa é exatamente o contrário. Procura-se partir dos conceitos incorporados pelos estudantes como identidade para entender se esse movimento implica em uma construção da história pelos homens ou se eles são conduzidos por ela. Há de certa forma uma preocupação com os desenvolvimentos individuais, acompanhados de um discurso de que todo esse aprendizado se reverta para o social. Só que em um sistema social em que o aprendizado se estabelece de forma contínua, no infinito, delegada ao plano da informação, essa ação é sempre deslocada

para um futuro mantido como estático: ou porque o idoso se considera jovem e, portanto precisa estar na “crista da onda”, ou porque atingiu a velhice, e sem esse poder de manter-se ativo, sente-se a frustração de estar só, de não mudar mais a realidade.

No primeiro momento há uma mera adaptação em relação a um determinismo tecnológico. No segundo momento não há como se esquivar do exemplo de Donana. Por outro lado, o conhecimento científico, que contribui para alguns estudantes reafirmar o significado de suas vivências, atua de modo negativo, como o desmoronamento das experiências do próprio passado. É uma incoerência que se identifica ao se analisar os idosos na universidade aberta. E a análise que implica em todo esse processo pode ser visualizada no modo como cada estudante enfrenta as situações no cotidiano.

A tensão entre esses dois pólos se mantém pelo progressivo aumento de intensidade que se busca em acordo com o pressuposto, contido na proposta inicial do projeto USP, de possibilitar aos jovens e velhos trocarem experiências em sala de aula. O objetivo é claro: contar a experiência vivenciada em diferentes contextos históricos-sociais por cada pessoa. O problema é que o entrar na universidade traz como concorrente paralelo à experiência de vida e com ela a necessidade de encontrar justificativas por meio do conhecimento científico. Os exemplos mais práticos da vida cotidiana, antes entendidos sobre um saber, agora são revertidos para outra instância argumentativa. A educação dada aos filhos não pode ser mais expressa na simplicidade do saber cotidiano e sim numa construção de argumentos estabelecidos por autores, mesmo que eles estejam ligados à auto-ajuda. A reafirmação de que se está educando dentro dos princípios atuais e isso representará sucesso no futuro é delineado por critérios vinculados ao que se entende por pensamento moderno.

Até mesmo a descoberta da importância de ouvir os outros durante as conversas no cotidiano só é compreendida quando se participa das aulas na faculdade. “Até os 50 anos eu

era meio ‘tapada’ nessa área. Depois que eu fui estudando, fui descobrindo. Fui descobrindo: “você tem direito também”, “você tem que viver”. Não é só viver para o marido, para os filhos, pra sociedade ou para a família. E os seus netos, cadê os seus netos? Então descobri que você tem que ter seu tempo. Pelo menos uma hora por dia, você tem que dedicar para você”. (Esther, Entrevista: 11/2001). O conhecimento que adquiriu na universidade atinge até a descoberta de expressões de sentimentos que consideraríamos como fora do plano da universidade. “Se você está nervoso ou alguma coisa, vá dar uma caminhada. Daí o seu organismo vai liberar a endorfina, que é o hormônio da alegria. Se você não fizer um exercício físico ou uma caminhada, o organismo não produz esse hormônio que é da alegria, da felicidade”. (Esther, Entrevista: 11/2001).

Tem-se a impressão de que quanto mais o grupo é instigado a expor suas vivências aos jovens, mais eles colocam as experiências do passado em segundo plano e creditam que com isso seguem o rumo certo da transformação. A questão não está em desconsiderar completamente o papel do conhecimento na vida dessas pessoas. Mas em criticar esse movimento de substituição de um saber cotidiano pelo conhecimento científico. E nesse movimento pode ser identificado um desvio do que se concebe como experiência.

O desafio proposto pela universidade, de troca de experiências entre jovens e velhos em sala de aula, é sintomático: há na proposta a clareza de que a sociedade atravessa um momento do que o então cardeal Dom Paulo Evaristo Arns chegou a chamar de incomunicação. “A incomunicação se torna particularmente dolorosa em nossos tempos, por ser sentida na área em que ela é mais intolerável: no convívio. Ainda mais quando ela nos impede de sermos plenamente homens. E, afinal, quando se torna o obstáculo principal à convivência dos homens”. (MELO, 1979:54). Há uma ausência de comunicação que se contradiz ao período em que atravessamos. E é exatamente esse o teor do problema.

Vinculam-se os avanços tecnológicos como se eles fossem conduzir automaticamente uma melhoria nas relações sociais, mais especificamente no exercício de comunicação. Assusta-se que em pleno século XXI, na era que poderia ser chamada da robótica, da realidade virtual, nos escandalizamos ainda com essa ausência de comunicação. O que se apresenta como crise da experiência é provocado exatamente por esse deslocamento do desenvolvimento humano à máquina.

O pensamento contemporâneo que atualmente traduz avanços tecnológicos com avanços sociais está delineado em um processo, cuja metáfora foi apontada por Neil POSTMAN (1994). "A partir da proposição de que os humanos são em certos aspectos como as máquinas, passamos para a proposição de que os humanos são pouco mais que máquinas e, por fim, que os humanos são máquinas. E depois, como seria inevitável, (...) passamos para a proposição de que as máquinas são seres humanos". (POSTMAN, 1994: 118). Ao se atribuir um valor cada vez mais vinculado às tecnologias, atrelou-se a ela a questão da cultura como conseqüência automática do evoluir dos investimentos econômicos. Só que nem sempre se atém ao tipo de comportamento e ao esforço imposto ao arbítrio na modernidade para os homens e mulheres continuarem a acompanhar esse avanço.

É exatamente esse contexto que está subscrito na análise da antropóloga Guita DEBERT sobre o que representam os novos estudantes. "A construção de uma imagem positiva do envelhecimento entre os alunos não tem como referência a idéia dos idosos como detentores de sabedoria e de experiência. É, antes, a disponibilidade para o aprendizado e para novas experiências que dá uma identidade aos estudantes e uma particularidade ao envelhecimento de cada um". (DEBERT, 1999: 155). O envelhecimento positivo não se refere mais à idéia dos idosos como detentores de sabedoria e da experiência. Mas é preciso indagar: de que sabedoria e de que experiência se está analisando? Em uma sociedade em

que se valoriza estritamente o saber científico, não seria de se admirar que o saber cotidiano fosse deslocado para segundo plano. Ora, então, o que se apresenta como novo comportamento de estudantes não é um processo natural da evolução da sociedade, mas o resultado de anos de exigência, de resistência e de disputa de forças do econômico sobre a cultura. O mesmo debate deve ser feito em relação ao termo experiência. A experiência de vida tem o mesmo impacto no sujeito do que a experiência mediada? Em uma realidade em que o novo é a todo o momento estabelecido como o ponto a ser alcançado, nada mais ilustrativo do que a análise de Debert descrita acima.

O que se reforça a todo o instante é o discurso da disponibilidade de novos desafios ser o que dá sentido positivo ao envelhecimento. Exemplo disso pode ser constatado na descrição de DEBERT sobre um trabalho desenvolvido em um asilo. Com o objetivo de aproveitar o interesse dos idosos de fazer leitura de textos, uma terapeuta ocupacional marcou o horário e iniciou as atividades. O conto relatado aos idosos trata de uma aldeia imaginária onde os jovens decidem, repentinamente, fazer uma revolução, eliminando todos os velhos. Os jovens assumem então o poder, e uma aldeia vizinha, percebendo a ausência de idosos no local, imediatamente declara guerra aos revolucionários. A situação é resolvida por um dos velhos, que, tendo sobrevivido ao massacre, ensina aos jovens uma frase misteriosa que deveria ser pronunciada diante dos inimigos. Ao ouvir a frase plena de sabedoria, os inimigos recuam, desistindo da guerra, certos de que nem todos os velhos foram eliminados. A paz é restabelecida. (DEBERT, 1999: 128).

Ninguém duvidaria que o conto é uma proposta de debate em que se procura valorizar a sabedoria e a experiência dos mais velhos. Há de certa forma o indicativo de que a destruição dos mais velhos indica a perda de algo tão precioso, um tesouro. Ao mesmo tempo em que se estabelece a destruição do passado, há automaticamente uma ameaça ao

futuro. Os velhos preservam a aldeia não por sua força física, mas pelo saber cotidiano. Ocorre que todo o debate que poderia suscitar entre os idosos sobre essa questão não os instigou. Pior: a reação de silêncio após a exposição da terapeuta deixou um indicativo de que alguém estava em outra realidade. A resposta dada pelos residentes sobre a insistência da terapeuta é importante para o debate que se faz nesta pesquisa.

"Eu tenho muita coisa para contar, para quem quiser ouvir. Mas tenho que aproveitar o dia de hoje. A velhice é viver a cada instante, para o velho não há futuro. Eu quero pôr uma pedra no passado" (DEBERT, 1999: 129). Quando a terapeuta invoca a importância da memória, vem outra resposta, desta vez de um senhor: "o velho assim não existe. Ele quer viver e aproveitar. Nós temos a mesma vontade de vocês, o físico às vezes não ajuda". Outra senhora concorda: "A aparência às vezes é boa, mas o físico não ajuda". Outro afirma: "Eu ainda estou aprendendo até hoje, estamos sempre na fase de aprender. Nós procuramos aprender com os mais jovens. Eles (os jovens) não procuram nos entender. O jovem acha que o velho só fala bobagem. O conflito dos jovens nós também tivemos" (DEBERT, 1999: 129-130).

Assim como DEBERT encerra esse texto, pode-se apontar que estamos aqui diante de duas realidades que se apresentam paralelas. Não são só esses velhos residentes do asilo e os estudantes da Terceira Idade, que Debert acompanhou nessa pesquisa cujo tempo se estendeu por 10 anos, que querem literalmente pôr uma pedra no passado. É o discurso que está mais ligado aos que se encaixam no que definimos como integrantes da Idade do Lazer. Eis a contradição apontada pela antropóloga:

> *"Procura-se criar uma identidade positiva da velhice, como a memória, a sabedoria e a experiência vivida. É essa identidade, no entanto, que os residentes procuram dissolver, proclamando a cada momento as diferenças que separam cada um dos demais residentes e dos velhos em geral. A cada investida, em termos de criação de*

> *uma identidade positiva, eles reagem mostrando que a idade cronológica não é sinônimo de sabedoria nem experiência. Cada momento vivido é uma nova experiência e em qualquer idade há muito o que aprender. Os velhos também são tiranos, chatos e indiscretos. O avanço da idade cronológica não é garantia para um comportamento adequado"* (DEBERT, 1999: 132).

A idade cronológica não é sinônima de sabedoria nem experiência. Essa expressão indica que o idoso exige que ele seja tratado como homem ou mulher. Como um ser humano. O diferencial entre os seres humanos não está teoricamente somente nos anos vividos. Esse reconhecimento, por si, tem um valor positivo porque se parte de uma constatação: o homem velho, na modernidade, está nu. E é isso que se compreende quando uma das senhoras diz que não se diferencia da pesquisadora jovem. O velho tratado restritamente como memória, como prisioneiro da recordação, sem que se valorize o seu presente, não existe, como bem realçou uma das senhoras. É preciso se deter primeiramente nesse discurso antes de prosseguir a análise.

Por que o velho somente enquanto memória não existe? A resposta parece estar na exigência com que somos levados a viver. A maioria dos depoimentos dos estudantes da Terceira Idade revela que houve um período em que se retiraram da vida, para vivenciarem uma outra vida da qual aparentemente não se tinha escolha. O significado disso, na prática, é que foi necessário abandonar um projeto de vida, um sonho, o princípio de prazer, para se adaptar à realidade. O retorno aos estudos, a possibilidade de fazer novas coisas no presente, além daquela realidade que se restringiu em sua vida, adquire um peso com dimensões existenciais. Talvez esteja aqui a compreensão do que Bosi nomina como reproposta. É a retomada da vida em que se defronta diante de projetos abandonados no futuro. É o que confessa a estudante Dalva Matoso Argoud ao dizer que saiu de casa no momento em que acabaram as suas obrigações com os filhos. E ela a todo instante procura deixar claro que em

nenhum momento se anulou. “Enquanto os meus filhos estavam em casa eu não me anulei, a gente não se anula. A gente passa as informações, a gente educa os próximos cidadãos. Então eu acho que enquanto eles estavam em casa, eu fiz a minha obrigação de mãe. Eu criei meus filhos. Hoje são cidadãos maravilhosos. E já estão livres. Eu saí. Saí. Voltei para a vida. Voltei para a vida fora da minha casa”. (Dalva, Entrevista: 06/2001).

O homem velho quer estar nu, luta para ser reconhecido como homem com capacidade de sentir e vivenciar novas experiências, entretanto a pedra que se quer pôr no passado descaracteriza o que parecia anunciar como uma nova identidade. Soma-se a isso a rejeição ao ser velho, já que o que se procura alcançar é a vitalidade da juventude. O desvio conceitual, em que a sabedoria e a experiência perdem sua força, aponta para outro discurso em que é preciso sobreviver nessa nova estrutura. Se o ato de relegar o passado a segundo plano trouxe uma conquista para o ser humano contribuir ativamente na sociedade, a questão já mereceria um debate. Mas a anulação do sujeito, em nome de um desvio da construção da subjetividade deve ser alvo de denúncia. Pois o que está em jogo é naturalizar a perda da sabedoria e da experiência.

O sujeito é preparado para esse desvio justamente no momento em que se abre a possibilidade de uma reproposta. Prova disso é o texto de Julio Simões em que ele analisa o aposentado como ator político. Não causa espanto que a proposta contida nos Programas de Preparação para a Aposentadoria, os chamados PPAs, se encarregam de atribuir esse mesmo critério identificado por DEBERT e que se estende por todos os setores da sociedade contemporânea.

> *“Os PPAs (Programa de Preparação para a Aposentadoria) procuram, sobretudo, ressignificar o envelhecimento diluindo o sentido da velhice enquanto momento intrínseco de sabedoria proporcionada pela experiência, em favor da idéia de que esse é um momento propício ao aprendizado de novas coisas. A educação*

> *é ressaltada como necessária para que o indivíduo aproveite as vantagens criadas para a velhice na sociedade contemporânea. Os PPAs incentivam esse aprendizado através da idéia da preparação, que é seu objetivo expresso oferecer. Ao dissociarem a experiência dos anos vividos da sabedoria, valorizam a idéia de que educação deve ser uma atividade permanente na vida dos indivíduos, e não somente em sua fase inicial"*. (LINS DE BARROS, 2000: 44-45).

Não há como dissociar a proposta do Programa de Preparação para a Aposentadoria do que se identifica como identidade positiva dos estudantes da Terceira Idade. Se nos detivéssemos estritamente nesse fato já teríamos um paralelo que não poderia se esquivar de uma análise aprofundada. Os PPAs são programas implantados pelas empresas, e não há dúvidas de que elas estejam sempre em sintonia com o atualizado. E a modernidade está ressignificando a velhice com uma prática excludente. Ao propor a inclusão do homem no contínuo da modernidade é preciso que ele se desfaça de algo substancial. E essa troca está em diluir o sentido da velhice como momento de sabedoria proporcionada pela experiência.

Na prática, isso implica que a sabedoria não tem mais consistência para o sujeito nessa nova realidade. O homem está liberto para o futuro da mesma forma que os jovens. Na busca da juventude, o caminho mais curto foi estabelecer como critério de sujeito histórico somente o fato de que todos passarão a vida inteira aprendendo.

> *"O preparo que ela proporciona habilitaria o pré-aposentado ao desempenho de novos papéis, que podem estar ligados a atividades associativas, de lazer, familiares, artísticas, ou a uma nova carreira, se isso lhe trouxer prazer. O aprendizado que os PPAs divulgam deve possibilitar o resgate e a realização de antigos sonhos. Dá-se ênfase especial à idéia de que cada um deve ser preparado para a principal tarefa dessa fase: aprender a aproveitar suas vantagens e encontrar a satisfação pessoal almejada por todos"*.(LINS DE BARROS, 2000: 44-45)

É difícil depois de encontrar nos PPAs a possibilidade de cada aposentado realizar antigos sonhos, dissociar o discurso de Dalva Argoud já descrito anteriormente. Ela é enfática de que não se anulou quando estava em casa. Mas sim, que saiu para a vida, fora de casa. O trabalhador é instigado a revalorizar seus sonhos, que por sinal também foi diluído em uma realidade conduzida pela norma industrial. Tanto que ele precisa ser preparado para voltar a viver novamente, sair para a vida fora da indústria. Mas o caminho já está preparado: você deve ter consciência de que não é o detentor da sabedoria. Para alcançar a satisfação pessoal almejada por todos é preciso que se oriente por essa nova identidade que se insurge: aprender continuamente, para não ficar preso a uma estrutura à margem da sociedade atual, da qual não se sabe se terá mais tempo suficiente de passar por outra preparação para voltar a viver.

3.1 – COMO TRANSMITIR O SABER?

A criação da Universidade Aberta à Terceira Idade no Brasil deve ser analisada além do propósito descrito por DEBERT (2001), de ser um espaço para uma sociabilidade mais gratificante para os mais velhos. Não há como negar historicamente esse pressuposto, mas como em todas as implantações que envolvem o contexto social na modernidade, há sempre uma outra face. E a outra expressão que aos poucos se torna visível pode assombrar com a sua grandeza, cuja magnitude foi alimentada por séculos no passado. A porta aberta das universidades no Brasil deixa clara a crise da experiência em uma sociedade cada vez mais ditada por um pragmatismo. Os depoimentos emocionados dos estudantes entrevistados revelam a reafirmação de uma expectativa que parecia se perder em meio ao que autores como ARENDT (2001) denominam de sociedade de massa.

"Pois uma sociedade de massas nada mais é que aquele tipo de vida organizada que automaticamente se estabelece entre seres humanos que se relacionam ainda uns aos outros, mas que perderam o mundo outrora comum a todos eles". (ARENDT, 2001:126). Esse diagnóstico e profundo lamento de Hannah Arendt ao analisar o conceito de história e a crise da cultura na sociedade contemporânea é sintomático. Implica diretamente em um momento histórico em que os homens perdem o sentido da comunicação interpessoal e se distanciam do significado do que é viver em comunidade. Eles ainda se relacionam, mas não com o mesmo interesse na troca de experiências de vida. O termo automaticamente adiciona outro ponto: estamos diante de um processo de desumanização do homem e o agravante é saber que esse caminho está sendo traçado por uma descaracterização daquilo que em outras circunstâncias poder-se-ia denominar como o mais humano de todos os meios de expressão, que é a comunicação.

Mais do que essa crise do sentido da comunicação, que altera o cotidiano e o iguala com o mesmo teor da rotina racionalizada de uma fábrica, a sociedade de massas sobrevém nitidamente quando a massa da população se incorpora à sociedade. E um dos pontos destacados por Arendt, dessa sociedade, citando Edward Shils, é essa incorporação de todos os estratos sociais. O principal efeito na realidade social dessa passagem é que a sociedade de massas fechou as brechas e derrubou as grandes probabilidades do indivíduo resistir às pressões. A identificação de traços de humanidade que haviam se extinguido na sociedade, serviam como motivo para buscar alternativas. Os idosos foram incorporados a essa sociedade mantida historicamente distante de suas vidas no cotidiano. Ao mesmo tempo em que incitava seus anseios, essa sociedade castrava as alternativas de suas existências. Mas essa relação condicionada é tão despersonalizada que nem mesmo os estudantes da Terceira Idade conseguem se situar dentro desse novo cenário em que todos fazem parte da sociedade.

Não é de se estranhar o fato de constantemente se defrontar com depoimentos como o de David Barbosa de Menezes, ao condicionar o respeito ao idoso à aquisição de conhecimento na universidade. Só esse fato consumaria a sua participação na sociedade. Certamente a sociedade descrita pelo autônomo não é a de massa, em que todos os estratos estão incorporados. Ele busca a todo o momento mostrar a diferença dos que caminham em direção ao esclarecimento e os que permanecem estáticos em uma sociedade dinâmica. “Boa parte do desespero dos indivíduos submetidos às condições da sociedade de massas se deve ao fato de hoje estarem essas vias de escape fechadas, já que a sociedade incorporou todos os estratos da população”. (ARENDT, 2001: 252).

Mas há outra divisão social discriminatória inscrita na estratificação social que ainda se perpetua na sociedade, mascarada por essa suposta abertura democrática. Esse

discurso só se propaga porque houve um salto de conceitos históricos de uma etapa para outra, sem que esse intervalo e os termos empregados fossem analisados no contexto em que pudesse tomar corpo no cotidiano social. Porém, o discurso dominante consistiu sempre na ênfase de negar os homens e mulheres como sujeitos históricos. O resultado desse descompromisso social conduzido pela ação prática e teórica do pragmatismo é desolador. A construção histórica no país foi edificada substituindo um estereótipo por outro, tratando os sujeitos como meros objetos, e isso pode ser verificado no debate que fizemos nos capítulos anteriores sobre o significado das expressões Terceira Idade, idoso e velho. A causa de todo esse processo de marginalização é alimentada por uma estratificação social que se esconde no discurso do individualismo. A todo momento se é levado à euforia de uma democracia que possibilita a todos superarem os obstáculos em uma sociedade livre.

A situação é tão forte que quando se defronta com esse quadro de desigualdade de oportunidades, há uma descrença na imagem disseminada no Brasil, como aconteceu com a filha de imigrantes, Elizabeth Vidor. “Infelizmente, no Brasil, a estratificação existe mesmo. É que a gente, que é classe média, escapou dela. Mas a classe mais pobre, menos favorecida, a gente sabe que continua pobre e desfavorecida. Isso é uma coisa que eu mudei completamente”. (Elizabeth, Entrevista: 07/2001).

A classe pobre continua desfavorecida e o futuro dela, entre os quais estão os idosos desfavorecidos, vive uma crise que parece atualmente amenizada pela universidade aberta. É por isso que as expressões de contentamento são a todo o momento entoados, gritados, como se pretendesse ecoar por todo o local do planeta em que a vida pulsa latente. É como se o grito atribuísse um novo valor a todo o passado. É inegável o avanço proporcionado por esse espaço, chamado de “portão” por alguns estudantes. Entretanto, não

se pode negar que a universidade aberta é uma forte confirmação da crise de experiência de uma sociedade em que há o triunfo da informação.

Neste momento de análise, torna-se necessário retomar a questão essencial para esta pesquisa, citada no final do capítulo anterior: como a experiência vivida dos estudantes da Terceira Idade pode ser transmitida aos jovens, sem se perder na massa de informações de uma sociedade que prioriza cada vez mais a experiência mediada? Essa pergunta não pode ser desvinculada do diagnóstico debatido anteriormente da predisposição dos estudantes de deslocarem para segundo plano suas experiências do passado em detrimento de vivenciar o presente com toda força, com a vitalidade da juventude. A questão enunciada deixa claro o principal aspecto da crise: como transmitir. Não se está falando de se apoderar de inovações tecnológicas para serem empregadas como facilitadores do processo de disseminar a informação. Trata-se de valorizar o encontro, a comunicação interpessoal, de provocar uma ruptura com essa organização automática da sociedade. Parte-se do pressuposto de que a abertura de espaço na universidade aos idosos, essencialmente aos mais pobres, é essencial para preencher uma lacuna e abrir uma alternativa para que eles possam desenvolver sua reproposta.

O diagnóstico é preocupante. Homens e mulheres crescem formulando sonhos de vida e no momento em que suas forças adquirem um exponencial de realização prática são desviados do caminho. Batem de frente contra um obstáculo que os obrigam a repensar sua existência. Com as brechas fechadas, vincula-se o existir, à exigência de se adaptar ao princípio de realidade. É esse adiamento da realização de um princípio de prazer para o princípio de realidade que o psicanalista Sigmund Freud elaborou um de seus conceitos: a história do homem é a história de sua repressão. Por mais que se tente encontrar uma situação fora desse conceito, o fato é que a própria expressão Melhor Idade, de se realizar

somente quando sua utilidade é descartada pelo sistema, soa como ratificador. O prazer poderia ser encontrado no trabalho se o processo de racionalização da indústria não estivesse seguindo a prática da impessoalidade, sufocando as possibilidades do exercício de comunicação e com isso apagando os rastros de percepção humana.

No momento em que a crise parece se incorporar à natureza da formação da própria sociedade, a universidade aberta questiona esses homens e mulheres e provoca a tensão a uma suposta harmonia que parecia navegar em calmaria. É esse embate que se almeja travar em sala de aula e que se estenda como manifestação política. O lema contido na proposta é que a crise não pode perdurar por mais tempo e os maus políticos não podem ficar impunes enquanto se assiste o mundo em destruição. O teor é claro: a construção da subjetividade não pode ser dissociada de um discurso social. E os alunos são instigados a cada instante da importância de sua missão na universidade aberta. Na prática, é o que está disposto no discurso da coordenadora Ecléa Bosi ao responder sobre o que a sociedade espera dos alunos da Terceira Idade. "O que a sociedade espera de vocês? Que ajam como jovens, que pratiquem esporte, que consumam coisas novas, que estejam sempre informados? Parecer jovens, agir como jovens... mas isso é pouco, muito pouco, pois o idoso tem algo bem mais precioso a oferecer".

Os idosos, que agora voltaram para a vida fora dos afazeres de casa, fora da rotina, se encontram em posse de um tesouro do qual eles mesmos não sabem nominar. Isso recorda a discussão proposta por Arendt ao analisar a crise de uma sociedade em que se perde a tradição. "Assim é que os primeiros a fracassarem no recordar como era o tesouro foram precisamente aqueles que o haviam possuído e o acharam tão estranho que nem sequer souberam como nomeá-lo. Na ocasião, isso não os incomodou; não conheciam seu tesouro, mas sabiam muito bem o significado do que faziam e que este estava acima da

vitória e da derrota". (ARENDT, 2001: 30). A análise da autora é sobre a perda do tesouro tendo como referência a história das revoluções – do verão de 1776, na Filadélfia, e do verão de 1789, em Paris, ao outono de 1956 em Budapeste. E ela conclui seu pensamento mostrando a importância do recordar e do transmitir: "a ação que possui sentido para os vivos somente tem valor para os mortos e só se completa nas mentes que herdam e questionam". (ARENDT, 2001: 31).

Quem são os herdeiros dos estudantes da Terceira Idade? A resposta parece estar revelada: certamente os jovens, com os quais estão dividindo as salas de aula. Principalmente em uma sociedade em que as brechas parecem fechadas, ou em outras palavras, em que o futuro tem uma séria propensão a ser atrelado ao delineamento determinista. Por isso é necessário subverter o discurso sistêmico da igualdade do velho com o jovem, cuja única intenção do pragmatismo é demolir seu passado. Torna-se fundamental que as diferenças sejam restabelecidas por critérios mais humanistas e com isso abra-se às portas reais de ação para os idosos. Esse aspecto é levantado por Ecléa Bosi nesta descrição de quem é o idoso. "Ele não é como os jovens, nem deve ser. Seu horizonte é mais amplo, sua biografia é mais densa, sua memória mais valiosa. Todas as civilizações esperam dele mensagem mais profunda: o ensinamento que vem de uma visão do mundo iluminado pela experiência".[15]

Os primeiros sinais positivos desse embate na universidade aberta começam a iluminar a história de homens e mulheres que vivem entre o passado e o futuro. Os conceitos aprendidos nos cursos da universidade possibilitaram à Elizabeth Vidor um posicionamento melhor sobre as questões de sua vida. A maneira como se expressou

---

[15] - Catálogo de cursos do Projeto Universidade Aberta à Terceira Idade – segundo semestre de 2000.

durante a entrevista deixa a interpretação de que o avanço intelectual obtido durante sua vida passava por aquilo que conceituo como crise de afirmação: o volume de informação da qual somos assaltados no dia-a-dia acarreta na maioria das vezes uma superficialidade ou uma apropriação impessoal de determinados conceitos. A falsa impressão desse saber é demolida no primeiro momento que somos instigados a defendê-la em público. Quando se sugere que se saia do campo do opinativo, que se apresente o significado histórico de determinada temática, o cidadão informado tem dificuldade de transpor para o campo de análise.

Então a universidade possibilitou a elucidação de um problema do qual a sociedade da informação não foi capaz de resolver para Elizabeth Vidor. "Alguns conceitos que eu tinha e que achava: 'será que sou eu que sou chata', algumas coisas relativas ao consumismo excessivo, esses programas de televisão que não levam a nada, não ensinam, só desvirtuam a cabeça dos moços. E coisas assim que eu falava: 'será que sou eu que estou ficando velha, ficando ranzinza' ". (Elizabeth, Entrevista: 06/2001). A aquisição de novos conhecimentos não teve o peso para Elizabeth de ser uma nova descoberta da realidade. Pelo contrário: apenas clarificou que suas preocupações antigas não podem ser deixadas de lado, devido a um discurso pragmático em que somente há valorização do presente.

Notam-se dois fatores a serem verificados no depoimento de Elizabeth e que põem em questionamento a sociedade contemporânea. O primeiro é a quebra do sentimento de individualismo por um posicionamento de interação social. E o segundo é a sua indagação, mesclado em recusa e estereótipo, de que o descontentamento com as mudanças no processo cultural só pode ser explicado por sua velhice. O que poderia ser traduzido em outro aspecto: essa "pobreza" cultural que se assiste é algo natural nessa estrutura social. E se essa prática se perpetua e se infiltra no cotidiano das pessoas sempre da mesma forma, é

difícil não acreditar em sua força. Mas Elizabeth rompeu esse estado ao participar das discussões em sala de aula e mais precisamente constatar que “alguns conceitos que você defende tem validade”. “Isso ela (a universidade) me deu. Essa afirmação”. (Elizabeth, Entrevista: 06/2001).

A sua ação no social aconteceu durante uma reunião do movimento “Piracicaba 2010”. O projeto é patrocinado por indústrias, com o objetivo de criar um roteiro para que a cidade tenha uma excelente qualidade de vida no futuro. Em uma das discussões setorizadas, voltada para a área de estrutura urbana, Elizabeth foi frontalmente contra algumas colocações de um arquiteto, que possui antiga influência na cidade. E questionou: “Por que mexer com o meio ambiente? O arquiteto estava levando em conta exclusivamente o escoamento do tráfego e se tivesse que passar por uma área verde ele estava pouco se incomodando”. (Elizabeth, Entrevista: 06/2001). Essa intervenção só foi possível por meio do conhecimento que adquiriu na universidade e possibilitou à arquiteta Elizabeth redirecionar a sua vida. “Eu acho que com o conhecimento que adquiri (...) me dá firmeza para me posicionar. ‘Não concordo por isso, por isso. Eu acho que vai virar um rio Tietê ou marginal do Tietê do jeito que o senhor está colocando’. Então eu acho que foi muito boa minha postura, eu encontrei um direcionamento que as aulas me deram, uma certeza de que aquelas coisas que eu penso, não são rabujice, mas é um caminho que a gente tem que seguir”. (Elizabeth, Entrevista: 06/2001).

A principal mudança provocada em Erlinda Casarotti foi o despertar da vontade de fazer e romper com o restrito universo que dava significado à sua existência. “Acho que desperta a vontade de você fazer mais coisas que dão prazer, que fazem bem para o seu espírito, para o seu corpo, do que ficar só preso nessas atividades que não levam a muita coisa”. (Erlinda, Entrevista: 11/2001). A mudança no comportamento ocorrido pelos

conhecimentos adquiridos na universidade contribuiu para visualizar e rejeitar um presente que poderia se estender em forma de rotina no futuro. Embora possa parecer incoerente, esse discurso é um salto, comparado à sua proposta anterior do “tudo que vier agora é lucro”, depois de ter criado os seus filhos, para uma descoberta de uma outra realidade. Ao se referir à importância da universidade para pessoas que tem dificuldade no relacionamento, Erlinda também encontra um significado para si. “Ela (as pessoas que têm dificuldade de se relacionar) tem contato com outras pessoas, sente o problema dos outros, convive e vê que a vida também tem coisas boas e ruins para os outros, não é só pra gente. É partilhar coisas com os outros”. (Erlinda, Entrevista: 11/2001).

Algumas vezes o processo de aquisição de conhecimento caminha em uma velocidade da qual não se tem tempo suficiente para compreender o impacto que essa totalidade provoca em sua existência. Nem sempre é o tempo, mas a intensidade e o valor das relações com que as pessoas se defrontam no seu dia-a-dia. A tradutora Ellen Schaffa não se cansa de anunciar sua satisfação em participar da vida intelectual. A vivência em sala de aula está amparada por outro quesito de realidade que foge dos problemas do cotidiano. “A gente passa por problemas que acha bem menores do que se tivéssemos no dia-a-dia de dona de casa”. (Ellen, Entrevista:12/2000-02/2002). A frase clarifica um problema típico de quem convive em outras estruturas sociais. A sobreposição valorativa da macro relação sobre à micro.

Quando há somente a realidade do dia-a-dia, o problema que se apresenta parece adquirir uma grandeza que nos força a tomar determinadas atitudes. É como se toda nossa existência fosse incitada a solucionar a questão que se atravessa à nossa frente. Ao tomarmos novas formas de vivência em outras estruturas da sociedade, como a freqüência à universidade, dá-se conta de inúmeras formas de leitura dos problemas do nosso cotidiano.

E essa diversidade identificada influencia diretamente a intensidade e muitas vezes o desprezo por problemas do dia-a-dia. Quando passamos a existir com a consciência de que todo o universo está sendo destruído, de que o futuro do homem está em jogo devido às ações de maus políticos, que é preciso conscientizar a sociedade da urgência de uma ação no social, determinados problemas do cotidiano são considerados menores. São reduzidos a um mínimo patamar que mesmo tomando conta da preocupação de todos no cotidiano chega-se ao estágio de ser desprezado. É nesse embate que encontramos as frases expostas em capítulos anteriores e que coloca em tensão os homens e mulheres da Terceira Idade, integrantes da Idade de Lazer e da Idade da Razão.

As conversas sobre os netos, as festas de famílias, a troca de receitas de bolos, os acontecimentos previstos para os próximos capítulos das novelas, a distância de alguns filhos, entre outras questões, são temas que se tornam banais vistos pelo prisma político. É isso o que faz com que idosos digam que sua missão na universidade é acordar os que estão dormindo. Ou, traduzindo: os que permanecem estáticos em uma realidade dinâmica da modernidade. A pobreza da comunicação no cotidiano tem efeito direto nos sujeitos, mesmo que eles tenham descoberto essas outras formas de leitura propiciadas pela universidade.

Durante a entrevista, Ellen Schaffa não tentou por nenhum minuto esconder uma descoberta aprisionada em seu espírito e que até aquele momento, não encontrava espaço para libertar-se. “As perguntas que me foram feitas, os meus próprios comentários, me deixaram muito admirada. Eu não sabia de toda essa preocupação e não sabia que eu tinha toda essa bagagem, que eu tentei agora transmitir. A gente tem ocasião de conversa com amigos, surgem assuntos, mas não no nível assim mais amplo. Geralmente são alguns

tópicos sobre os quais se tem mais conhecimento, que a gente então transmite. Isso não acontece todos os dias. São esporádicos". (Ellen, Entrevista:12/2000-02/2002)

Mais do que responder a pergunta de como transmitir suas experiências de vida, o primeiro problema de Ellen parece estar envolvido na descoberta de sua força, de sua capacidade de análise. Pois, toda a movimentação do dia-a-dia na universidade, o preenchimento de todo o tempo parece algumas vezes atuar de forma contrária à consciência da percepção de cada um. Conhece-se cada vez mais, mas não se tem o tempo mínimo suficiente para reelaborar essas informações diante dos problemas micros da sociedade e com isso reverter para uma mudança no cotidiano. As conversas sobre esses grandes problemas estão cada vez mais esporádicas. É isso o que pôde ser entendido no comentário de Ellen. As conversas acontecem, mas não se aprofundam a ponto de jorrar um saber para manifestar-se quando o assunto não consegue sair da superficialidade. A interpretação da realidade na sociedade contemporânea atingiu as proporções com o mesmo teor com que Ellen passou a compreender a importância da arte na modernidade e o significado dos quadros inseridos no contexto cultural. "Quadros abstratos para mim eram manchas de tinta sobre uma tela. E agora eu estou começando a entender o que significa ser o artista e que o quadro tem uma mensagem também. (...) A gente vai ao Museu, vê uma porção de quadros e vai passando e acabou. E agora não, já vejo com outros olhos". (Ellen, Entrevista:12/2000-02/2002).

O mundo passa a ser revelado de uma outra forma. O problema do dia-a-dia que parecia de determinada magnitude hoje se entende não ter mais a mesma dimensão. As situações mantém-se do mesmo jeito que anteriormente. O que muda é a relação de pensamento com o mundo. Transmitir suas vivências para os mais jovens significa dar mais um passo subscrito nesse processo. Os homens e mulheres da Terceira Idade não devem se

contentar essencialmente com essa descoberta no plano do pensamento. Devem estendê-la ao ato, único meio de mudar a realidade que se apresenta ora como obstáculo. É essa compreensão que a universidade mudou na vida de Shirley Graciano. “Pude analisar e avaliar através da crítica séria e construtiva a necessidade de termos uma política mais humana, voltada para o ser humano real, com suas carências não só do ponto de vista material, como também psicológico”. (Shirley, Questionário:12/2000)

Não se trata de incentivar o individualismo caraterístico da sociedade de massa, mas de incentivar a individuação: crescimento interior, que em seguida possa ser revertido para a sociedade. Maria Vera Ribeiro Thurler destaca de forma clara que a principal mudança provocada pela universidade tem início no plano individual. E essa mudança contribui para construir as bases existenciais para lidar com a dor, frustração, limites e empatia. “Tirar a inveja, redirecionar o ódio e o espaço deixado pelo ódio, cobrir com amor. As bases da felicidade: bondade, beleza interior que se externa através da ordem e do comportamento”. (Maria Vera, Questionário:12/2000).

A mudança da realidade não pode ser concretizada sem que se alterem o conceito sobre os sentimentos da sociedade atual. Redirecionar o ódio cujo espaço atual só fortalece essa destruição do ser humano, seu vínculo entre si, sua existência. E por que Maria Vera trata como fundamental essa mudança na expressão dos sentimentos das pessoas em seu cotidiano? A resposta parece ser dada logo adiante: “com o conhecimento buscar a sabedoria”. (Maria Vera, Questionário:12/2000). A frase indica um novo conceito de sabedoria que se projeta na sociedade da informação e comunicação. O saber cotidiano parece ficar atrelado aos problemas micros, ao entendimento de determinadas situações que, à luz dos que se embrenham em mudarem suas vidas na universidade, tem o seu valor deixado em segundo plano. Para atingir o saber agora, é necessário primeiramente que se

adquira o conhecimento científico. E isso leva um determinado tempo, como nos afirma Râmios.

A conseqüência dessa mudança de valor atribuído ao saber é ainda sentida pela sociedade. O pragmatismo social dissemina que a mudança só se provoca no plano pessoal e com o conhecimento. Só que o conhecimento está vinculado meramente à informação. Se a incorporação da realidade por alguns homens e mulheres da Terceira Idade implica na sua aceitação da velocidade com que o sistema se move, então o processo de conhecimento sofre um abalo. Pois o item mais importante que o compõe, que é a reflexão e sua relação com a realidade vivenciada, submerge. A luta contra essa sociedade que não se importa com suas experiências vividas, que concebe o velho como moderno somente com o abandono do seu passado, provoca o rompimento de alguns valores do qual a Universidade Aberta da USP ainda luta.

Houve uma hierarquização da existência: universidade, conhecimento científico, cotidiano, saber cotidiano. E o paradoxo desse processo é que a universidade aberta tem a proposta de valorizar o saber cotidiano. Com enfoque similar ao que constrói HELLER (2000), a universidade procura mostrar aos idosos que os valores, assim como as esferas sociais, são heterogêneas e o sentido da vida está em como agimos diante do cotidiano. Esse, aliás, é o ponto essencial discutido por Marshal BERMAN (2000) no prefácio de seu livro ao homenagear o filho morto de cinco anos.

> *"Sua vida e sua morte trazem muitas das idéias e temas do livro para bem perto: no mundo moderno, aqueles que são mais felizes na tranqüilidade doméstica, como ele era, talvez sejam os mais vulneráveis aos demônios que assediam esse mundo; a rotina diária dos parques e bicicletas, das compras, do comer e limpar-se, dos abraços e beijos costumeiros, talvez não seja infinitamente bela e festiva, mas também infinitamente frágil e precária; manter essa vida exige talvez esforços desesperados e heróicos, e às vezes perdemos".*

E complementa: “Ivan Karamazov diz que, acima de tudo o mais, a morte de uma criança lhe dá ganas de devolver ao universo o seu bilhete de entrada. Mas ele não o faz. Ele continua a lutar e a amar; ele continua a continuar”. Há um elogio ao cotidiano, à luta travada por pessoas comuns distantes do reducionismo com que é encarada essa realidade no dia atual. Se houve um empobrecimento do cotidiano, ou uma desvalorização porque ela não se orienta pelos grandes pensamentos de autores, é decorrente de um processo histórico que elevou a sistemática científica como forma oficial de conhecimento, saber e poder. E o abandono da luta no cotidiano, traduzido em adaptação da cultura para acompanhar os avanços tecnológicos, é um ato em andamento que somente reforça esse caminho.

Pois, fica constatado que para o idoso transmitir seu saber é preciso enriquecer a comunicação com conhecimento cientifico. E que o contato com os jovens em sala de aula é somente um espaço de ensaio. A comunicação deverá ser transmitida aos homens e mulheres, jovens e velhos, que lutam para sobreviver no cotidiano. Já discutimos anteriormente qual é o conceito dos estudantes da Terceira Idade sobre o velho. Antes de analisarmos o conceito de experiência, é necessário entender como esses homens e mulheres da Terceira Idade se posicionam sobre os jovens. Esse é um ponto essencial para analisar não só os sujeitos para quem irá se transmitir esse saber, assim como o destino que será dado àquilo que poderá ser transmitido.

3.2 – OS NOVOS HOMENS

Entender o conceito dos estudantes da Terceira Idade sobre os jovens significa identificar parte de suas esperanças estabelecidas em relação ao futuro da sociedade hodierna. Há um dado irreversível: os jovens hoje que lotam as universidades com um comportamento que retrata um novo espírito de ser, serão daqui a alguns anos um integrante da Terceira Idade. E se nada for feito socialmente para alterar essa rota de destruição alardeada, pela qual caminha a humanidade, talvez o futuro resultante deste constante presente seja desastroso. Todo o discurso da universidade aberta da USP procura alimentar no espírito dos estudantes, a importância de estender essa ação de mudança social, desde que vinculada às experiências do passado, à memória de cada sujeito. A predisposição de alguns de rejeitar seu passado, embora seja explicável, por um lado, que se pretende fugir do estado de prisioneiro da recordação, em nenhum momento pode ser justificável. Esse embate entre a Idade da Razão com a Idade do Lazer, discutido anteriormente, só tem sentido se esses homens depositarem confiança na transformação do futuro, nos novos homens da sociedade.

É claro que não se exige deles uma grande teoria formulada para traçar as perspectivas e formas de mudanças do século XXI que se inicia. Entretanto, as idéias que se reafirmam ou que passam a entender como base para sua nova identidade podem conduzi-los da frustração de um mundo fragmentado para a compreensão da totalidade dos conflitos do homem no mundo e suas contradições. Em partes, esta discussão está contida na seguinte questão: será que a memória marginalizada terá voz para quebrar os estereótipos na Sociedade de Informação ou ela se perderá no discurso massificado do sistema? É importante salientar aqui a mudança de referência. Poder-se-ia no andamento desta pesquisa ter entrevistado um número significativo de jovens e questionado sobre o que

pensavam dos idosos na universidade. Talvez nesse método pudesse encontrar alternativas para análise desta pesquisa. Mas optou-se em construir o suposto discurso da juventude no espaço onde se dá propriamente o encontro e a posição de idéias entre esses dois grupos: a sala de aula, nesse cenário que passou a ter outra característica com o ingresso dos estudantes da Terceira Idade. É com essa perspectiva que se procurou discutir com os sujeitos da pesquisa os seus conceitos sobre os jovens.

A mesma preocupação teórica desta pesquisa pode ser inscrita nesta questão. Qual é a confiança que esses homens e mulheres depositam na juventude? A incorporação de modelos ligados à juventude, como se pode observar em alguns homens e mulheres da Terceira Idade, pode dar a garantia automática de que todos crêem nesses jovens? Estamos diante de um problema sério apontado por BERMAN (2000) e que pode ser identificado como diferença entre fragmentação e totalidade de pensamento. A principal reflexão do autor ao diferenciar os pensadores do século XIX com os do século XX é que de certa forma "perdemos ou rompemos a conexão entre nossa cultura e nossas vidas".

No momento em que a modernidade parece atingir uma grandeza da qual não se tem notícia na história da humanidade, o homem parece estar cada vez mais distante de entender essa realidade. É uma realidade que o atravessa, interrompe o passo no cotidiano, mas não se absorve na sua inteira percepção. "A idéia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos, perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas. Em conseqüência disso, encontramo-nos hoje em meio a uma era que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade". (BERMAN, 2000: 17).

Os exemplos de autores com vitalidade para nos servir de experiência citado por Berman são Karl Marx e Nietzsche. O diagnóstico de Marx da sociedade industrial, que

então se desenvolvia, é a essência com que tratou politicamente a sua filosofia. Toda a sua elaboração partiu da situação crítica daquela sociedade e consistiu na busca incessante de um homem à procura de um espaço social para o desenvolvimento do homem como homem. Entretanto, vivemos em uma realidade em que a contradição se apresenta nua. Eis uma explanação de Marx sobre esse paradoxo da modernidade que Berman cita e inclusive se apropria para intitular a sua obra:

> *"De um lado, tiveram acesso à vida forças industriais e científicas de que nenhuma época anterior, na história da humanidade, chegara a suspeitar. De outro lado, estamos diante de sintomas de decadência que ultrapassam em muito os horrores dos últimos tempos do Império Romano. Em nossos dias, tudo parece impregnado do seu contrário. O maquinário, dotado do maravilhoso poder de amenizar e aperfeiçoar o trabalho humano, só faz, como se observa, sacrificá-lo e sobrecarregá-lo".* (BERMAN, 2000: 19).

E a explanação de Marx se segue mostrando exatamente uma contradição cuja força de atuação na sociedade moderna só pode ser explicada por uma distorção. Para solucionar essa contradição, Marx alimenta a esperança de que para governar essa sociedade somente os homens da vanguarda. "(...) e esses são os operários. Eles são uma invenção dos tempos modernos, tanto quanto o próprio maquinário". (BERMAN, 2000: 19). Décadas distante de Marx, Nietzsche sente com fervor o que representa toda essa modernidade. Ele vê com pesar essa necessidade do homem moderno querer se agarrar a valores, a buscar no passado um papel social que lhe sirva. "Nietzsche observa que há uma grande quantidade de mesquinhos e intrometidos cuja solução para o caos da vida moderna é tentar deixar de viver: para eles "tornar-se medíocre é a única moralidade que faz sentido". (BERMAN, 2000: 22).

É em que se propõe Nietzsche na sua interpretação sobre o futuro. Como bem descreve Berman, “tão fervorosamente quanto Marx, Nietzsche deposita sua fé em uma nova espécie de homem – ‘o homem do amanhã e do dia depois de amanhã – que ‘colocando-se em oposição ao seu hoje’, terá coragem e imaginação para ‘criar novos valores’, de que o homem e a mulher modernos necessitam para abrir seu caminho através dos perigosos infinitos em que vivem”. (BERMAN, 2001: 22).

Não se está discutindo aqui as brechas, falhas e distorções com que as teorias desses dois autores tiveram no desenvolver da realidade histórica da modernidade. O que interessa nessa citação é discutir o momento em que perdemos a dimensão da totalidade de análise da sociedade na passagem do século XIX ao XX. A grande crítica feita por Berman, e que é preponderante para esta pesquisa, é a crença que se projeta no homem moderno.

> *“Marx e Nietzsche – e Tocqueville e Carlyle e Mill e Kirkegaard e todos os demais grandes críticos do século XIX – chegam a compreender como a tecnologia moderna e a organização social condicionaram o destino dos homens. Porém, todos eles acreditavam que os homens modernos tinham a capacidade não só de compreender esse destino, mas também de tendo-o compreendido, combatê-lo. Assim, mesmo em meio a um presente tão desafortunado, eles poderiam imaginar uma brecha para o futuro. Os críticos da modernidade, no século XX, carecem quase inteiramente dessa empatia com e fé em seus camaradas, homens e mulheres modernos”*. (BERMAN, 2001: 26).

O que faz com que os grandes críticos do nosso século tenham perdido a esperança nos homens e mulheres modernos está determinado naquilo que Berman trata: passamos do Isto e Aquilo dos críticos do século XIX para Isto ou Aquilo no século XX. Há aqui a descrição de uma ruptura de continuidade na história do pensamento da humanidade. A força com que os grandes críticos pensaram a realidade no século XIX, em que a modernidade não era sentida assim com o vigor na atualidade, eles conseguiram pensar a

sociedade como um todo. Não se trata de criticar as linhas dos recentes críticos da qual inclusive nos orientamos para a reflexão. É certo que eles trouxeram enormes contribuições para entender os lados extremos da sociedade. Mas o resultado concreto dessa distância, essencialmente no campo da comunicação, para ficarmos num exemplo, é esse vazio teórico situado ora entre o subjetivismo, ora pelo determinismo tecnológico. Se é aceita a tecnologia como determinante para a sociedade, rejeita-se o pensamento do homem e o vincula ao mero sinônimo de massa. Se é rejeitado esse determinismo, a teoria tem a tendência de encontrar no homem o poder de transformar sua realidade, independente de outros fatores. “Nós perdemos o controle sobre nossas contradições que eles (grandes críticos do século XIX) tiveram de agarrar com toda a força, a todo o momento, em suas vidas cotidianas, para poderem sobreviver”. (BERMAN, 2000: 35).

Perdemos o controle sobre nossas contradições, porque perdemos o contato com as raízes do nosso passado. Se durante a constituição do que atualmente entendemos por modernidade, a experiência e o pensamento dos grandes autores fosse continuado, talvez o homem moderno não estivesse completamente perdido. Mas a destituição do pensamento seguiu como se fosse processo natural. A sociedade moderna caminhou rumo a uma estrada tratada sempre como irreversível, sem olhar para trás. De uma sociedade romana que se enriquecia com o olhar para o passado, o conceito de progresso seguiu outro rumo sustentado essencialmente por um presente, cuja dinâmica e velocidade não dava tempo suficiente de estabilizar toda a população.

Qual é a sugestão de Berman em sua obra? É, por um instante, interrompermos o caminho do sempre à frente e voltarmos atrás. “Pode acontecer então que voltar atrás seja uma maneira de seguir adiante: lembrar os modernistas do século XIX talvez nos dê a visão e a coragem para citar os modernistas do século XXI. Esse ato de lembrar pode ajudar-nos

a levar o modernismo de volta às suas raízes, para que ele possa nutrir-se e renovar-se, tornando-se apto a enfrentar as aventuras e perigos que estão por vir". (BERMAN, 2000: 35).

O que o autor expressa em toda a proposta do livro pode ser expressa atualmente em uma denúncia: a sociedade continua caminhando para frente sem se voltar para as raízes. Na atual conjuntura, parece não haver mais interesse. Isso porque essa fonte do passado, esse testemunho que nos foi deixado, parece tão distante e depositado em uma outra estrutura social da qual hoje já não teria mais significado. E com isso, os pensadores e determinados professores ditos modernos, que poderiam contribuir para essa retomada do controle das nossas contradições, seja na sociedade, seja nas salas de aula, consideram os pensamentos descartáveis, aprisionados em um contexto histórico e cujo prazo de validade se extinguiu.

As idéias sobre a cultura da sociedade são colocadas no mesmo plano das idéias desenvolvidas em outras ciências como Física e Química. Esse, aliás, é um tópico da critica do professor Renato Janine, do Departamento de Filosofia da USP, sobre essa descaracterização das ciências humanas. "Não existe em Filosofia um Centro de Referência absoluta".[16] Em uma sociedade tecnocrática, busca-se a todo o momento sistematizar o que caracteriza o pensamento moderno. E se em algumas ciências o desenvolvimento da tecnologia contribui para avanços significativos nas linhas de pesquisa, ocorre que em áreas de Humanas, como a Filosofia, não é determinante levar isso ao pé da letra. Designar um centro internacional de referência vem sempre acrescido do ato de discriminar autores

[16] – Seminário de Pesquisa em Comunicações e Artes realizado nos dias 4, 5 e 6 de agosto de 2002. O professor Renato Janine, do Departamento de Filosofia da USP, foi o convidado para abrir o seminário com a palestra " A pesquisa em ciências Humanas".

antigos porque já não tem mais nada a dizer sobre essa realidade virtual que se apresenta. Em conseqüência desse pensamento pragmático, desse caminhar somente para frente, busca-se desesperadamente encontrar respostas de problemas históricos na sociedade em cada nova tecnologia que se apresenta em nossa realidade. E, como num círculo vicioso, a esperança é deslocada cada vez mais do humano à tecnologia e passada, na comparação do mal feito pela máquina anterior e do bem que pode se suceder na atual.

É o computador que vem como solução para o velho no asilo retomar sua comunicação com a sociedade que o marginaliza, é a realidade virtual que pode ajudar as crianças a resolverem problemas deficientes na Educação. Esse é um tópico que discutiremos no próximo capítulo. A questão essencial aqui é entender como todo um sistema no plano macro influenciou homens e mulheres no cotidiano. Os integrantes da Terceira Idade são exemplos de todo esse processo que estruturou a sociedade de uma outra forma, destituindo cada vez mais a importância do passado, mesmo que isso provoque uma anulação de suas próprias experiências de vida. A diferença agora na análise é essa dupla transformação em suas vidas: a reproposta e a proposta de socialização política da universidade aberta. E o valor dessa mudança está na predisposição desses estudantes em interromper o passo por um momento e analisarem suas próprias vidas. Mais do que isso, entender o que é ser jovem nesse estágio da modernidade e trazê-lo a entender a importância da memória. E não será pelo processo de ser informado pelos veículos de informação, mas de exercitar um outro meio de comunicação: o encontro.

Não há dúvidas de que mais do que provocar a troca de experiências, a importância da universidade aberta está no encontro de gerações, de estruturas sociais diferentes, porém contidas em um mesmo processo de modernidade. Se olhar estritamente para a mudança de épocas, sem analisar o processo, o homem estará sendo cúmplice de seguir a história sem se

importar com o passado. Mas se inverter a questão e os jovens e os velhos discutirem o que há de comum nas suas realidades, o que é realmente novo, o que é aperfeiçoado no sistema, há um princípio de retomada das raízes do século XXI. E nada é mais representativo desta situação do que o artigo publicado recentemente na USP, com o título "Dois Dedos de Prosa".

A alegria entremeada de surpresa do aluno de graduação da USP, Camilo Vannuchi ao reencontrar Dona Maricota retrata o sentimento provocado pela universidade aberta como espaço do encontro. Não se trata do jogo de estereótipos disseminado pela mídia na sociedade, em que o velho só é visto como mero contador de histórias e o jovem é o sem experiência, que ainda vive no mundo da ilusão. O encontro significa recuperar o respeito entre homens e mulheres, que dialogam, constróem determinados conceitos não presos estritamente à sua época, mas no futuro que se projeta na sociedade. A emoção de Camilo é explicável. Há uma quebra na forma como ele visualiza Dona Cota, a mulher que fora sua vizinha durante grande parte de sua infância. O texto começa com a descrição: "Dona Cota é como um pinheiro velho, desses que enfeitam festas de Natal. Um pinheiro cujo tronco tem vários anéis, cada um acrescentando-lhe um ano de vida". (CLARO, 1999: 8).

A lembrança daqueles tempos está ligada aos jogos de futebol, mais precisamente quando a bola caía do outro lado do muro. O prazer de se dirigir à velha vizinha era de ouvir suas histórias, experimentar seus pastéis de queijo e escutar um ou dois dedos de prosa. O chá de camomila incluía o que parecia ser um ritual. As histórias de dona Cota eram narradas "com porte de romancista importante, era sobre o amor de Tristão e Isolda, a traição de Dalila, os feitos de Teseu e o vôo de Ícaro, explicava os segredos de Cleópatra e Júlio César e discorria sobre a descoberta do fogo". Na memória de Camilo ainda estão visíveis os livros enormes, cheios de figuras, onde se viam os rostos de Dom Quixote e

Capitão Nemo. “E eu acreditava piamente que a velha Maricota presenciara tudo aquilo; e cada vez a achava mais velha”. (CLARO, 1999: 8).

Dez anos se passaram e o jovem estudante de graduação Camilo e a velha Maricota se encontram nos corredores da Faculdade de comunicação. “Não acredito! Você não é a Dona Maricota, que morava na Avanhadava?”, perguntou ainda incrédulo. E a imagem da vizinha foi se reconstituindo e aos poucos dando espaço a uma nova forma de relação. “Para quem já a achava velha naquela época, parecia uma figura embalsamada, vestida com um dos seus tradicionais vestidos de flor. Nada mudara em sua voz pausada e experiente. Apenas um leve toque de humor estudantil, abençoava-lhe, por ora, os gestos”.

Mais do que no comportamento, as mudanças da imagem do ser de Dona Cota àquela que Camilo mantinha da antiga vizinha poderia ser elucidada pela alteração do conceito de sabedoria. Não é por menos que Camilo tenha acrescentado o fato de em seu período de infância ter acreditado que dona Cota sabia tudo o que ocorria no mundo. Suas histórias contadas eram tão vivas que deixavam a impressão de que ela havia presenciado todos os fatos. Mas agora, no corredor da faculdade, dona Cota confessa que saíra da biblioteca para pesquisar a vida de Chagall para um seminário em grupo. “Quer dizer, então Dona Cota, que essa biografia não faz parte do repertório da senhora? E ela gargalhou, graciosa”. A pergunta de Camilo esclarece o ponto que discutimos anteriormente: ao ingressarem na universidade, os estudantes passam por uma mudança, aplicando valores diferentes à sabedoria cotidiana em relação ao conhecimento científico. Ao mesmo tempo, a imagem reducionista de velha se transfigura.

Dona Cota não sabe tudo. Ela também necessita atravessar um período de aprendizado. E é nesse encontro como seres pertencentes a um mesmo mundo, que ambos foram tomar uma cerveja, na falta de chá de camomila, no Centro Acadêmico.

“Comentamos a índole de nossos melhores e piores professores, analisamos a necessidade da moratória e do fim das relações com o FMI, quase trocamos tapas ao contrapormos nossas opiniões sobre as privatizações. E, assim, dez anos depois, passamos mais uma daquelas tardes intermináveis, de muita conversa e muita prosa. Só que, dessa vez, ela ouviu tanto quanto falou”. (CLARO, 1999: 8).

Dez anos depois houve uma mudança drástica. As histórias contadas por Dona Maricota ainda são guardadas com boa dose de recordação, porém perdeu-se o encanto de antes. A única certeza da influência daquele tempo é de uma característica que o acompanha até hoje. “E eu entendi que havia sido ela quem me ensinara a contar ‘causos’, que me ensinara a arte de narrar e dissertar, que me ensinara a escolher as palavras e a florear cada momento, que me ensinara a contribuir para inventar esse mundo”. (CLARO, 1999:8). O espaço da universidade teve um papel fundamental para uma abertura dos velhos colegas ao diálogo. Não só pelo fato de Maricota estar cursando artes e sociologia. Mas por ambos se reconhecerem como estudantes e, portanto, cúmplices da proposta de que o estudo é essencial para desenvolver outras potencialidades como ser humano e com isso poder se expressar ao outro. De um monólogo encantado passou-se ao encanto do diálogo. Da beleza dos “causos” passou-se à discussão política e científica. Há uma outra forma de releitura de Tristão e Isolda contada por Dona Cota, permeada pela distância de 10 anos que separam um momento do outro. Mas agora o que os mantém ligados é discutir a relação do Brasil com o Fundo Monetário Internacional. Acredito que esta é uma forma rica dos idosos nutrirem um valor pelos jovens.

É preciso mais que esses dois dedos de prosa. O acaso faz parte da nossa vida, porém a idéia de um movimento não pode ficar à mercê somente desse fator. São jovens e

velhos lutando para mudar o mesmo mundo, para valorizar o ser humano. Cada um luta com sua força.

Mas qual é a análise que os estudantes da Terceira Idade faz dos jovens? Um dos tópicos lançado por Dalva Mattoso Argoud é a discriminação. Causa espanto em primeiro grau admitir que em uma sociedade na qual a juventude passa a ser um estilo de vida exigido a todos, o jovem é discriminado. Mas essa marginalização, Dalva denuncia ser de um sistema que ao mesmo tempo em que permite possibilidades, lhe fechas as portas para as realizações. Os jovens se formam na faculdade, mas depois descobrem que não há o tão almejado emprego. Isso significa que não há um espaço que possa desenvolver aquilo que aprendeu. Não se trata de decepção em relação aos jovens de hoje. “Eu tenho compaixão. Porque eles não tiveram essa oportunidade de serem corrigidos. Hoje o jovem não é corrigido. E você sabe que a liberdade a gente conquista, ela não é dada. Quando ela é dada, vira baderna”. (Dalva, Entrevista: 06/2001). A conclusão mais drástica dessa contadora de histórias é que a liberdade está solta e os jovens não sabem o que fazer com ela. Não sabem, porque as raízes do passado que o podiam guiar na atual sociedade estão perdidas. E fica difícil lutar contra todo um sistema sem um ideal, sem uma referência. “Porque está difícil para eles hoje. Difícil, porque eles estão todos soltos no mundo, eles não têm parâmetro. Não tem um ideal, não tem em quem se espelhar, entende? Ele não tem nada”. (Dalva, Entrevista:06/2001)

É preciso se aprofundar nesse comentário para entender a crítica de Dalva ao atual contexto histórico. O jovem não tem em quem se espelhar. A estudante descarta a Terceira Idade como uma referência para o jovem. Primeiro, porque o próprio idoso é marginalizado no Brasil. A única vez que ele tem na sociedade está determinada por espaço tão micro que não se pode saber ao certo sua importância. “Ele não tem vez. Tem vez sim, né? Agora

botaram nos ônibus aquele espaço da Terceira Idade, aquela coisinha, dois banquinhos pequenininhos". (Dalva, Entrevista: 06/2001). É essa a importância dos estudantes da Terceira Idade no Brasil enumerada por Dalva: compreender toda essa luta que os jovens têm para encontrar seus espaços. A luta se inicia com uma liberdade que não foi conquistada, contra a falta de incentivo das pessoas fora da universidade, contra o preconceito que os velhos tem contra o jovem. "É tudo isso. Tem que lutar contra toda essa informação que tem, essa tecnologia maluca. Que está por aí, às vezes toma o seu lugar". (Dalva, Entrevista: 06/2001).

Reconhece-se no discurso de Dalva um valor estimado aos jovens. Parte-se do pressuposto de que se é difícil, mesmo com toda a experiência de vida, viver nesta sociedade que prioriza o desenvolvimento tecnológico, então é mais terrível para o jovem. Está-se diante de duas situações trágicas. Se por um lado o desprezo pelas experiências do passado é inconcebível, por outro o vazio de experiências pela qual traça-se a história dos jovens dilacera qualquer perspectiva de mudança. O jovem não tem nada. Pois o que há de mais valioso na construção do homem como sujeito histórico é a sua continuidade. Na sociedade pragmática, só se valoriza positivamente o homem quando se mostra disposto a seguir o rumo traçado por um grupo dominante que controla o poder da tecnologia. Se jovens e velhos passam pelo mesmo processo de discriminação, por que não há uma união em prol da humanidade que possa mudar esse sistema? A resposta parece ser dada pelos próprios estudantes ao falar sobre os jovens.

Ignez Amélia Bredariol Gosuen, 62 anos, aponta que ser jovem "é enfrentar os desafios que a sociedade apresenta e encontrar soluções que se afinem com a própria personalidade". (Ignez, Questionário: 12/2000). O problema dessa resposta elucida um fato chave: jovens e velhos não se encontram no cotidiano. O diálogo toma uma distância em

que cada vez ganha força o individualismo. E no movimento solitário, perde-se a referência comum. É assim que podemos interpretar a frase de Áurea Di Rienzo Bulbão, 76 anos, “o jovem é gente boa que caminha praticamente sozinha por falta de orientação”. (Áurea, Questionário: 12/2000). A falta de confidência de ambos os lados agrava o problema de falta de diálogo. Sem referência, sem ideal, sem oportunidades, o homem se despe forçosamente a um mundo cujo único abrigo é acompanhar o irreversível da modernidade sustentado pelo econômico. Não é sem pesar que Graças Maria Santos Oliveira, 48 anos, estabelece um conceito sobre o jovem: “a juventude na sociedade contemporânea não gosta de abrir-se muito para o idoso, parece que ser idoso é uma doença, por isso que eles se sentem perdidos, pois os conselhos que as pessoas de idade poderiam passar para eles, eles não têm”. (Graças, Questionário:12/2000).

E diante de uma exigência para acompanhar a dinâmica da sociedade, a luta dos jovens se torna o próprio conceito do ser jovem hoje. Marina enfatiza que “ser jovem é se informar sobre tudo de novo que está surgindo”. (Marina, Entrevista: 12/2000). E esse tudo de novo implica em estar informado. Só que diante de uma realidade em que passou da censura para o excesso de informação, a falta de uma referência social cria a dificuldade de conseguir selecionar todos esses dados. É esse ponto em que toca Maria Vera Ribeiro Thurler: “a juventude hoje, tem acesso a informações do mundo todo pela televisão, pela Internet. Só falta elaborar essas informações”. (Maria Vera, Questionário:12/2000).

A estudante Dalva tem razão ao contrapor que a Terceira Idade de hoje não é uma referência legal para os jovens. Trata-se da Terceira Idade que despreza suas lutas no passado em busca de desenvolver novas potencialidades nesta estrutura social. Mas para que haja o encontro é preciso algo mais que dois dedos de prosa, do que uma troca de opiniões. É preciso que se recupere a essência do encontro, cujo ápice está em desvelar a

experiência. Mas o que é realmente a experiência? Está claro que ela não é algo automático que se produz com os anos de vida. Há algo mais na expressão “conte-me sua experiência”. É sobre o uso do conceito de experiência e sua importância na sociedade hodierna que se irá discutir no próximo tópico.

3.3 – A CRISE DA EXPERIÊNCIA

O principal sinal da crise da sociedade hodierna pode ser sentido no emprego de um termo que passou a ser comum no cotidiano e no desenvolvimento científico: experiência. Há em todo uso generalizado de determinado termo, o desgaste, e o conceito de experiência segue a regra. Em meio a tantas informações que são disseminadas pela mídia, nunca se utilizou tanto o termo. E ao mesmo tempo em que se torna uma prática, percebe-se que o seu significado muitas vezes soa indeterminado. Tem-se a impressão que experiência tornou-se um conceito tão genérico, tão associado ao ser humano, que dificilmente defenderíamos a tese de ser possível alguém sem experiência, numa realidade tão impregnada de informação.

No momento em que o termo parece alcançar um estágio avançado na sociedade, o que poderia ser um indicativo da riqueza de experiência, novamente se está diante do paradoxo. O que pode ser mais representativo da crise da experiência, do que a ausência de troca de experiência? Ou, elucidando o caso: não é exatamente esse vazio que a universidade aberta da USP procura preencher? O encontro propiciado a jovens e idosos nas salas de aula reforça esse discurso: se considerar o pressuposto de que os homens vivem uma riqueza de experiência incomum na sociedade atual, já se estaria defronte ao problema de encontrar uma explicação do por quê esse tesouro não é estendido a outros sujeitos. Qual explicação justificaria o diagnóstico de que a importância da universidade aberta é possibilitar a troca de experiência entre jovens e velhos, justamente numa sociedade de Informação e Comunicação – que teoricamente se privilegiaria esta forma de comunicação, mesmo que mediada? A resposta poderia ser elucidada pelo individualismo

levado às últimas conseqüências da política pragmática somada à marginalização dos velhos em uma estrutura social que prioriza a juventude.

Não se trata de uma análise falsa, porém parcial. Ocorre que assim como os termos da Terceira Idade, idoso, e velhice sofreram alteração no contexto histórico, sustentados em interesses muitas vezes alheios a dar uma identidade ao homem velho e o conceito de experiência também mudou de sentido. Ou melhor: mudou de meio. Há duas linhas significativas que se apresentam para demonstrar a transformação do conceito de experiência. A primeira vincula-se ao velho, esse homem e mulher cujo valor está ligado à sabedoria e memória. Essa linha estabelece que todo o valor da velhice está ligado à sua experiência de vida e é ponto essencial transmiti-la aos mais jovens. Na outra linha estão autores que partem do fato de que a realidade social alterou tanto com as tecnologias de informação que não dá mais para pensar estritamente ou majoritariamente numa comunicação interpessoal.

As possibilidades de experiências e de transmiti-las estão dadas nos veículos de informação como a televisão e o computador, que debateremos mais detidamente no próximo capítulo. O nosso tempo é o advento da experiência mediada. Há um conflito que se estabelece entre a experiência comunicável no contato entre os seres humanos e a experiência mediada pelos veículos de informação. No centro dessas duas discussões está o dilema de considerar se a sociedade foi vítima ou cúmplice daquilo que Thompson denomina como seqüestro de experiência ou se essa massificação da informação é o instrumento possível para o reverso dessa experiência afastada da realidade social. A televisão e a Internet seriam os veículos legais, por excelência, para que o homem moderno possa ver o mundo de outra forma e assim retirar a experiência de seu isolamento.

Por qualquer lado que se observe não há como escapar do reconhecimento de que há no mínimo um mal estar sobre o uso desse conceito. É a mesma impressão que nos assalta quando comparamos dois textos de Walter Benjamin que tratam essencialmente dessa questão. As duas décadas que separam as reflexões contidas no texto **Experiência** (1913) de **Experiência e Pobreza** (1933) revelam como a entrada da tecnologia, por um lado, deslocou uma discussão originada no primeiro processo de comunicação. Pois no primeiro texto, Benjamin procura a todo o momento mostrar a descaracterização do conceito de experiência pelo filisteu. A experiência se deslocou de viver os verdadeiros dramas da existência humana para um suposto local que alcançaríamos em determinado período da vida.

Do impulso para a vida, para a sua transformação, o conceito foi submetido a um controle de comportamento e ação na realidade social que os mais atingidos foram primeiramente os jovens. Justamente esses novos homens e mulheres que poderiam alterar esse estado de infelicidade que se insurge como natural na sociedade. É exatamente por isso que Benjamin inicia seu artigo apresentando o campo de luta onde se trava a batalha: “Em nossa luta por responsabilidade enfrentamos um mascarado. A máscara do adulto chama-se experiência”. (BENJAMIN, 1984: 23). O que se denuncia aqui é a distorção do conceito em que tudo o que o adulto já experimentou pode-se argumentar que não passou de ilusão. O que é essa ilusão? É exatamente tudo pelo que o jovem de hoje irá passar. A juventude, ideais, esperanças.

Quem já não escutou a célebre frase de que toda essa vitalidade do jovem, que se ergue com o propósito de alterar a realidade em que se vive, não passa de um sentimento passageiro que se esvai com os anos de juventude? Certamente poucas pessoas poderiam dizer que nunca se depararam com essa situação ou mesmo não o tenham pronunciado do

alto de sua experiência. Há um crime que se comete nesse ato de desprezo e que é alvo de crítica de Benjamin. “E ele sorri com ares de superioridade, pois o mesmo acontecerá conosco – de antemão ele já desvaloriza os anos que vivemos, converte-os em épocas de doces devaneios pueris, em enlevação infantil que precede a longa sobriedade da vida séria”. (BENJAMIN, 1984:23). Há aqui a denúncia de um determinismo, como se todos os nossos atos fossem no presente anulados de qualquer importância para o futuro da sociedade. Tudo o que o jovem fizer está circunscrito a algo próximo de um vício de idade. Um vício, por sinal, impertinente. Pois não há algo mais provocador do que alguém insistir em modificar algo, sabendo por antecipação de que se trata de uma ação sem significado e que no futuro o trem permanecerá seguindo o mesmo trilho.

É imprescindível para entender toda essa discussão provocada por Benjamin, identificar o que o autor apresenta como desvio do conceito. “E aqui está o segredo: a experiência se transformou no evangelho do filisteu, porque ele jamais levanta os olhos para as coisas grandes e plenas de sentido; a experiência se torna para ele a mensagem da vulgaridade da vida”. (BENJAMIN, 1984: 24). Quando o presente se torna aprisionado por um distorcido emprego do conceito de experiência, a única forma de conseguir superar esse obstáculo está em primeiro lugar, reconhecer como algo ligado à vida tornou-se doente. E em segundo lugar, encontrar outros valores que representem o retorno para o apego à vida. Se o adulto, se o filisteu se apropria indevidamente da experiência como forma de normatizar a sociedade, parte-se do pressuposto de que no decorrer dos anos ele perdeu um sentimento do que parece atingir a juventude. O que lança os jovens ao ato, a essa manifestação de mudança é o espírito, é essa vontade de mudar.

É essa falta de espírito que Benjamin vai identificar como algo de que o filisteu é privado e o diferencial para combater o que eles nominam como experiência. “Nós, porém

conhecemos algo que nenhuma experiência pode nos proporcionar ou tirar: sabemos que existe a verdade, ainda que tudo o que foi pensado até agora seja equivocado; sabemos que a fidelidade precisa ser sustentada, ainda que ninguém a sustentou até agora. Nenhuma experiência pode nos privar dessa vontade". (BENJAMIN, 1984: 24). A experiência se tornou um obstáculo a ser transposto por uma força da qual o adulto filisteu conhece seu poder e procura detê-la. E esse poder, que ele converte para seu favorecimento, se transforma em seu próprio rosto. É por isso que Benjamin considera como ponto essencial da discussão retirar essa máscara do adulto. Tirar a máscara, desmascarar esse adulto significa libertar o espírito para continuar uma caminhada que possa levar outros homens a essa luta.

O filisteu não incentiva os jovens a realizar grandes obras, só procura ocultar o espírito do jovem com uma experiência cinzenta. Mas essa tranqüilidade é ao mesmo tempo o seu incômodo. Pois o mesmo espírito que o convocou nos seus "sonhos de juventude" e que com o tempo se desfez – ou melhor, foi aos poucos sendo empurrada para um plano inconsciente - hoje convoca outros homens que procuram agir com a coragem do qual ele sente que não foi capaz de empreender. O adulto combate a juventude porque ela lhe é "uma lembrança incômoda do espírito".

E o texto finaliza justamente com uma defesa aberta para que todo o jovem não percam em sua caminhada esse espírito que o impulsiona à mudança, a essa vontade de liberdade. "O jovem vivenciará o espírito, e quanto mais difícil lhe seja conquistar algo grandioso, mais facilmente encontrará o espírito em sua caminhada e em todos os homens". (BENJAMIN, 1984: 25). Há nessa frase um ponto importante para a redefinição do conceito de experiência. Não se trata de um espaço de tempo que atingiremos ao longo dos anos. Trata-se de entender o que fizemos de nossas vidas com esse espírito que o convoca.

E aqui poderia estender a frase não só para o jovem como para os sujeitos da Terceira Idade desta pesquisa. A reproposta de vida, que a professora Ecléa Bosi explica ser talvez de forma mais intensa no idoso que no jovem, está amparada também por esse espírito. Os homens e mulheres da Terceira Idade são convocados a buscar novos caminhos em suas vidas. É o momento em que o sonho adormecido desperta para a realização. Ou pode ser traduzido em amargura e desencantamento do mundo, amparado no discurso de que por mais que se faça, nada será modificado.

A crítica desferida por Benjamin é que o filisteu, ao vivenciar sem o espírito sente que se trata de uma vida confortável, embora funesta. Isso seria uma tragédia para a humanidade se passasse a desfigurar as possibilidades de mudança da sociedade. Os homens e mulheres teriam aí o que também podemos chamar de uma outra forma de seqüestro de experiência. Pois o que se poderia contar aos mais jovens quando chegasse à velhice, além da amargura visualizada no filisteu?

Há algo mais substancial para se preocupar do que em derrubar a máscara do adulto, essa experiência apropriada como arma para cortar o espírito e jogar os sonhos da juventude a um plano de mera ilusão. É o que Benjamin vai chamar de pobreza de experiência. Se observar o primeiro texto, pode-se encontrar os passos iniciais dos quais o autor já inicia essa discussão e o que se persegue sobre a Experiência não é só o estrangulamento do futuro que se perpetua na manutenção de um presente dominado e mantido sempre constante. Mas sim, de um passado que parece se perder sem apresentar um significado aos mais jovens. A vida se transformou de tal forma pobre, funesta, como a vivência do filisteu, que a frustração que atinge os mais velhos é de não ter tido uma real experiência, de não ter vivido os verdadeiros dramas da existência humana. Isso significa que as pessoas se tornam mais velhas, cada vez com menos experiência, menos relatos

significativos que possam instigar os jovens a se apresentar com vitalidade à convocação do espírito. É uma seqüência que se estende socialmente, dominando todos os espaços significativos dos seres humanos, seja no trabalho, seja no lazer, seja na família. A experiência de vida, como a retratada em **Donana**, se por um lado confirma esse quadro, por outro deixa a certeza de que a vida, mesmo a mais enganosa, pode ser o testemunho para conservar o espírito vivo da sociedade.

Quando Benjamin escreve **Experiência**, às vésperas de uma das mais vigorosas experiências da humanidade com a 1ª Grande Guerra Mundial, as cores do quadro de todo esse cenário que irá estremecer o mundo estão próximas de mostrar-se com o vigor que ele analisa em **Experiência e Pobreza**. E neste segundo texto, já não se trata mais de analisar o desvio do conceito de experiência do adulto, do filisteu, e sim da pobreza de experiência comunicável que abarca toda a sociedade. De uma forma ou de outra, este espírito do qual somos todos convocados à juventude não consegue se estender a outros homens e mulheres. E o principal efeito desse problema pode ser encontrado na relação entre os velhos. No momento em que o significado da experiência é deslocado de seu ponto vital, torna-se difícil encontrar valores que ligam os homens a esse patrimônio. A melhor tradução desse quadro pode ser encontrada no problema citado por BERMAN (2000) de que "nós perdemos ou rompemos a conexão entre nossa cultura e nossas vidas".

É sintomático que a questão retorne com mais força no texto de **Experiência e Pobreza** e que o diagnóstico não se restrinja ao aprisionamento do conceito de experiência. Agora, a crise que se mostrava fragmentada, torna-se de forma clara. E o rosto nítido da grande pobreza, do qual a pobreza da experiência é apenas uma parte, revela uma realidade que precisa ser desprezada. É preciso encontrar algo com que o homem moderno se identifique. A cultura precisa estar vinculada às nossas vidas. "Pois qual o valor de todo o

nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?" (BENJAMIN, 1993: 115).

Há uma triste certeza na realidade, que se distancia dos tempos de um passado cujos homens tinham consciência do significado do conceito de experiência. Esse tesouro era comunicado "de forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos". E a pergunta que se segue parece ecoar: Que foi feito de tudo isso? (...) Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?". (BENJAMIN, 1993: 115).

Os sintomas dessa crise são observados por Benjamin no que significa ser uma dissociação da vida ao fato. O silêncio dos combatentes que retornavam da 1ª Guerra Mundial dava indício de que eles estavam mais pobres do que ricos em experiência comunicável. A confirmação desse fato veio nos anos seguintes, em que os "livros de guerra que inundaram o mercado literário não continham experiências transmissíveis de boca em boca". Há uma mudança no conceito de experiência. E isso é decorrente de um novo cenário em que as experiências são radicalmente desmoralizadas, como a estratégia pela guerra de trincheiras. Não sabemos mais o significado de se transmitir uma experiência. O esfacelamento do passado nos remete a um futuro. Mas que futuro podem criar os novos homens sem referência?

O primeiro passo sugerido por Benjamin é o reconhecimento de que somos pobres, de que adentramos em uma nova barbárie, no sentido positivo. O homem contemporâneo está nu e é assim que determinados autores passam a se direcionar para ele. A característica destes autores é "uma desilusão radical com o século (XX) e ao mesmo tempo uma total fidelidade a esse século". (BENJAMIN, 1993: 116) Não se trata de recuperar os mitos do

passado. É preciso começar de novo, com o pouco que se tem, a mudança do homem na sociedade. O conselho ao homem moderno nasce do exemplo dos grandes construtores da humanidade que partiram essencialmente de projetos simples, de tabula rasa, como salienta o autor. Descartes baseou sua filosofia numa única certeza: penso, logo, existo; Einstein, que subitamente perdeu o interesse por todo o universo da física, exceto por um único problema – uma pequena discrepância entre as equações de Newton e as observações astronômicas.

A proposta de pensarmos a realidade de uma nova forma resulta da constatação de que: "Ficamos pobres; abandonamos uma depois de outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do atual". (BENJAMIN, 1993: 119). As peças do patrimônio humano foram sendo substituídas uma a uma por algo moderno no qual o significado parece se diluir. O valor dos conceitos anteriores é maior dos que temos atualmente. Mas ao contrário dos filisteus, Benjamin acredita no novo homem cuja percepção é modificada por uma nova forma de cultura que se insurge. Como bem retrata BARBERO (2001): "Benjamin foi o pioneiro a vislumbrar a mediação fundamental que permite pensar historicamente a relação da transformação nas condições de produção com as mudanças no espaço da cultura, isto é, as transformações do sensorium dos modos de percepção, da experiência social". (BARBERO, 2001: 84). O homem nu se reencontra ao se admitir como pobre de experiência.

Desde o início desta pesquisa a experiência é um tema que se apresenta como crucial para o entendimento nas relações do ser humano hoje. Este debate está diretamente relacionado às inquietações e discussões sobre situações vivenciadas nos campos profissional e acadêmico: Por que a maioria das pessoas despreza a experiência do outro na

construção de suas realidades de vida? Esse questionamento acentuou-se durante o processo de graduação na Unimep. A constatação era de que a informação mediatizada sobrepõe-se às relações interpessoais, exige adaptações e não abre necessariamente espaço para a afirmação dos sujeitos na história. A questão essencial é: qual o significado do desenvolvimento do homem, enquanto ser social, uma vez que poucos se interessam por suas experiências de vida?

Não é à toa que o desprezo pela experiência e a ausência do diálogo tenham tomado corpo no final do século passado, o que influenciará na valorização do velho. Enquanto a sociedade busca encontrar algo tão valioso quanto ao significado que se tinha da experiência em outras estruturas sociais, alguns autores buscam encontrar o que provocou essa crise atual e denunciam as vítimas atingidas por esse triunfo tecnológico sobre o desenvolvimento humano.

No forte texto sobre **A Velhice**, Simone de Beauvoir descreve o que considera como fato contundente da sociedade: o descrédito da noção de experiência diminuiu o prestígio da velhice e traz ao debate novamente a citação: “A sociedade tecnocrática de hoje não crê que, com o passar dos anos, o saber se acumula, mas sim que acabe perecendo. A idade acarreta uma desqualificação. São os valores associados à juventude que são apreciados”. (BEAUVOIR, 1990: 257). Não há diferença entre o exposto por Beauvoir e o que Ecléa Bosi (1999) desenvolveu em **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. A pergunta da qual ela parte está contida na discussão feita por Benjamin. “Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta. A Guerra, a Burocracia, a Tecnologia desmentem cada dia o bom senso do cidadão: ele se espanta com

sua magia negra, mas cala-se porque lhe é difícil explicar um todo irracional". (BOSI, 1999: 84).

Os valores associados à velhice foram sendo destituídos um a um a cada vez que se colocava uma pedra no passado para viver o presente. A velhice perdeu o prestígio e seus contos hoje já perderam o significado na nova estrutura. Poderia-se argumentar que essa é uma possibilidade de começarmos pela tabula rasa, da qual a Terceira Idade seria um ponto fundamental. Ou descrever as experiências de contato entre jovens e idosos em contar histórias. Sobre esse foco retornemos ao que DEBERT vai encontrar em seu trabalho de pesquisa sobre a Reinvenção da Velhice e que discutimos no início deste capítulo. Durante a análise sobre a universidade aberta, a autora vai identificar que "a construção de uma imagem positiva do envelhecimento entre os alunos não tem como referência a idéia dos idosos como detentores de sabedoria e de experiência. É, antes, a disponibilidade para o aprendizado e para novas experiências que dá uma identidade aos estudantes e uma particularidade ao envelhecimento de cada um". (DEBERT, 1999: 155).

Essa característica apontada por DEBERT deixa claro como a identidade positiva dos idosos, na verdade, é a identidade positiva do homem moderno sufocado por uma sociedade tecnocrática. Mais do que o "ficamos pobres" de Benjamin, o diagnóstico parece decretar que estamos pobres. Por mais que se proclame que precisamos valorizar nossas experiências de vida, a realidade parece mostrar efetivamente o contrário. Ainda mais para o idoso.

Os estudantes da Terceira Idade creditam a importância da experiência vivida, embora apontem a dificuldade em transmiti-las. É o que confidencia Sebastião Naves de Souza: "A dificuldade em transmitir suas experiências é porque hoje tudo está muito imediatista. O avanço foi tão grande que está todo mundo correndo. (...) Então a evolução

parece ter sido tão grande que não dá nem tempo para troca de experiências" (Sebastião, Entrevista: 12/2000) E ele complementa: "talvez se tivesse um pouco mais de tempo eu gostaria de que essas experiências fossem trocadas". (Sebastião, Entrevista: 12/2000). Além do imediatismo, há outro fator da dificuldade física dos idosos. É o que tenta alertar o estudante Râmios Pereira do Nascimento. Ele explica que a experiência se pode adquirir, mas nunca vai poder ser comparado a um estudante jovem. O estudante da Terceira Idade vai ter uma dificuldade na visão, no físico, na capacidade de pensar. E por essa ótica, sustentado no valor estrito do ser útil, é difícil encontrar um significado valorativo nos idosos. "Pelo contrário, ele vai ter mais dificuldade. E quanto mais anos ele adquire mais dificuldade ele vai ter. Isso é da própria vida". (Râmios, Entrevista: 12/2000).

Mas o que se apresenta como positivo em toda a discussão é que o valor da experiência de vida relegada a segundo plano na sociedade tecnocrática alimenta o espírito dos convocados da Terceira Idade. E esse valor está tanto sobre o estudo, o aprendizado, quanto à tecnologia. É isso que pode ser visualizado pelo depoimento da tradutora Ellen Schaffa. "Então a gente tem muitas vezes uma vida muito mais ampla que os jovens, apesar de os jovens terem mais estudo. Eu acho que a experiência é uma coisa muito mais importante na vida porque a gente avalia ou tenta avaliar os acontecimentos com mais parcialidade, enquanto é possível. (Ao contrário da experiência construída que) é mais direcionada" (Ellen, Entrevista: 12/2000-02/2002).

Saber dos fatos não é o indicativo de tê-lo vivenciado. Mas o que diferencia um do outro está inevitavelmente na forma de sentir. "A melhor experiência é a de vida. O estudo traz diferença: a tecnologia. Mas a experiência de vida, olha, é importante demais. Acho que a experiência de vida você sente mais. A experiência que você viveu você vive mais dentro de você. Agora a experiência do estudo, da tecnologia ela é fascinante, fantástica.

Então você tem vontade de aprender, de saber essa tecnologia". (Esther, Entrevista: 11/2001). O que parece ser num primeiro momento uma contradição no depoimento de Esther soa como coerente se analisarmos o histórico do conceito de experiência. Ela tem a certeza de que a melhor experiência é a da vida porque você sente, vive dentro de si. E nesse caminho do irreversível da tecnologia no futuro, não é só na Terceira Idade que se vê o fascínio em saber essa tecnologia. Pois a mudança na forma de percepção do homem é decorrente da introdução de novas formas de viver. Os meios de comunicação possuem uma forte influência na vida das pessoas e essa nova estrutura social redefiniria um novo conceito de experiência. Para autores como Thompson, a experiência não estaria mais no encontro e sim na mediação. É sobre o valor da experiência na sociedade moderna que se iniciará a discussão do próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

SABER DAS EXPERIÊNCIAS

Há duas afirmações no capítulo anterior, mais precisamente no tópico experiência, que provoca sentimento de descrença aos teóricos que se guiam essencialmente pela sociedade da informação - conceituada aqui como a sociedade em que a mídia exerce papel central nas principais atividades da esfera humana-econômica, social, política e cultural. A primeira delas é a defesa explícita da importância da universidade aberta como um espaço de encontro. Não se trata de discordar do termo encontro, mas do contexto com o qual ele ganha corpo nesta pesquisa, do face a face. Os teóricos da informação creditam importância das relações interpessoais, mas como era de se esperar, a deslocam para segundo plano. No mundo em que a roda viva é alimentada pela informação, o encontro não pode ser mais determinado pela restrição do espaço geográfico. Caminhar por esse trilho é desprezar os avanços conseguidos pelas novas tecnologias no campo da comunicação. Ou mais precisamente, é ignorar essa nova estrutura social que se forma com a mídia.

Se há o encontro na sociedade contemporânea, esse movimento ganhou proporções imensas com a mídia. As pessoas podem se encontrar através de outros meios, além do face a face. E uma delas que ganha maior força atual é a Internet. Entrar em contato, o que significa na prática, se comunicar, é possível por meio de e-mails. Isso significa que o conceito de experiência não se sustenta na necessidade do encontro pessoal. Há uma outra realidade cuja força modifica substancialmente esse conceito, dando prioridade ao mediado. Se seguir a interpretação desses teóricos, por esse ângulo, se chega ao questionamento da segunda afirmação sustentada nesta pesquisa: vivemos realmente uma crise da experiência ou um deslocamento desta para outro meio?

A resposta à pergunta vem sempre sustentada por uma crítica ao que se pretende superar socialmente e que os teóricos afirmam não ser mais possível reverter o quadro. Critica-se, por exemplo, que sugerir o encontro, da forma como é tratada nesta pesquisa, é escandaloso. Pois o que vale é a sinceridade com que se expressa ao outro e isso independe de sua localização. Ao mesmo tempo, o discordar da afirmação de que vivemos uma crise da experiência é espelhada em falhas ocorridas nesse período em que a mídia não exercia sua influência com tamanha força como se sente agora.

Essa parece ser a tônica de toda a crítica dos teóricos da informação. Para justificar a importância do encontro pela Internet, busca-se descrever inúmeros exemplos que retratem comportamentos egoístas para justificar a falta de cooperação do homem moderno. Enumera-se o quanto cada um perdeu o contato com o vizinho, com os próprios familiares e com isso estabelece a definição de um novo conceito de proximidade, voltado agora não só para os que se encontram no dia-a-dia, mas dos que estão distantes. Por esse prisma, o discurso dos que caminham por essa linha aponta que o calor do sentimento não está mais no abraço do suposto amigo, e sim na mensagem sincera de alguém que se conheceu por meio da Internet. O raciocínio se justifica pela falsidade com que muitos se abraçam, mas não da importância do abraço em si.

É difícil alguém questionar o diagnóstico da distância entre as pessoas na sociedade atual. Entretanto, o quadro ganha outro tom se envolver essa crítica com a prática pragmática de uma política que privilegiou em todos os campos o individualismo. Enquanto a mídia crescia sua influência no cotidiano, o cotidiano passava por um processo de transformação que atingiria um estágio no qual Benjamin apontaria como pobreza de experiência. Antes de conceituarmos a experiência dentro desse contexto da sociedade da informação é preciso analisar uma das teorias que ganha força na sociedade moderna.

De certa forma, dois livros de Thompson, autor por sinal que não pode ser listado entre os defensores da informação, retratam a força de um teórico em sua luta para reconhecer o que parece ser um erro de pressuposto: o fato de a análise da sociedade atual ter partido essencialmente de um modelo das ciências sociais, tomando como essência de análise o processo de racionalização, em vez do desenvolvimento dos meios de comunicação e seus efeitos nos diversos segmentos.

É com esse propósito que THOMPSON inicia o debate em suas duas obras de importância para a discussão desta pesquisa. Em a **Mídia e a Modernidade,** o autor inicia sua explicação sobre o novo conceito de experiência, exatamente pela ausência dela na realidade social. Houve um seqüestro de experiência do qual o homem moderno foi privado na sua realidade. A institucionalização cada vez mais crescente na sociedade foi segmentando, fragmentando a realidade a um determinado nível, que o sentir, o tomar contato com alguns problemas do próprio social passou a ser algo raro em vez de corriqueiro. O autor cita a doença, a loucura, a morte, como fenômenos que foram separados dos contextos sociais cotidianos e deslocados para tratamento de instituições especializadas e pessoal profissionalizado. “Para muitos indivíduos, hoje, a experiência de ver alguém morrendo, ou sofrendo de uma doença crônica ou mental, é um evento mais raro que corriqueiro”. (THOMPSON, 1999:182).

A frase indica um grave problema na sociedade contemporânea. Os indivíduos são deslocados da convivência com outras pessoas que não integram os seus quadro de utilidade. Os loucos foram para o sanatório e os velhos para os asilos. A agonia a que dezenas e dezenas de velhos foram encontrados em asilos clandestinos no Rio de Janeiro, durante a CPI do Idoso, comprova a denúncia como já vimos em capítulo anterior. O nível de especialização para o tratamento e a internação afastou do contato os sujeitos diferentes para

priorizar um modelo de vida que possa acompanhar o ritmo que se imprime na realidade. É nesse vazio que a mídia irá atuar com a força de resgatar uma perda de imensurável importância para os indivíduos.

O grito de milhares de idosos em situações desumanas nos asilos ecoou com intensidade devido à cobertura da mídia. Enquanto não houve essa exposição, o problema poderia ser identificado com aquilo que BEAUVOIR (1994) chamou de "conspiração do silêncio". O retrato de descaso da família com o velho, traduzido no abandono para não conviver com quem não se encontra mais na posição de utilidade, desfigurou a harmonia com que algumas pessoas sentiam a realidade e da qual acreditavam não haver mais esse gesto egoísta no mundo. Ou, que era impossível haver tamanha brutalidade com o ser humano em pleno século XXI.

Esse é o contexto do qual parte a sustentação argumentativa de Thompson. Ele descreve que "a seqüestração institucional da experiência veio com um outro desenvolvimento que de alguma maneira o neutraliza: a maciça expansão de formas mediadas de experiência. Justamente quando muitas formas de experiência foram separadas dos contextos práticos da vida diária e reconstituídas em ambientes institucionais especializados, os indivíduos se confrontam com uma explosão de formas de experiências mediadas". (THOMPSON, 1999:196-197). Do seqüestro da experiência na realidade cotidiana o homem moderno foi levado a uma explosão por um outro meio. A televisão, o jornal, e outros meios de informação contribuíram para o homem rever o mundo sem a fragmentação institucionalizada. O autor chega a citar até mesmo uma ação de des-sequestro conduzido pela mídia.

A partir desse pressuposto há uma nova ordem que se distancia da anterior. "Hoje vivemos num mundo no qual a capacidade de experimentar se desligou da atividade de

encontrar. O seqüestro de experiências de locais espaço-temporais da vida cotidiana vai de mãos dadas com a profusão de experiências mediadas e com a rotineira mistura de experiências que muitos indivíduos dificilmente encontrariam face a face". (THOMPSON, 1999:182). Na primeira elaboração de sua teoria, Thompson releva a importância do encontro. Entende-se explicitamente essa descaracterização, já que não há exemplo maior de isolamento do que a institucionalização que se implantou em todos os segmentos sociais. Com a privação de ter uma relação intensa com o diferente, houve um desvio da percepção da realidade.

A frase: "a capacidade de experimentar se desligou da atividade de encontrar" está voltada essencialmente para explicitar o significado do experimento. Parte-se da concepção de que em uma sociedade onde a atividade de encontrar sofreu um desgaste, esse problema pode ser resolvido com a outra realidade que a substitui. Agora é possível experimentar por meio das notícias transmitidas pela mídia. E uma nova questão aflora: "Como os indivíduos encaram o afluxo de experiências mediadas em suas vidas diárias? Eles as recebem seletivamente, é claro, dando mais atenção aos aspectos que lhes são de maior interesse e ignorando ou filtrando outros". (THOMPSON, 1999:182). Se tomar ao pé da letra a interpretação do autor, segue-se que a sociedade anterior à mídia eletrônica, a da sociedade oral e da escrita, construía suas experiências na atividade de encontrar. Atividade essa que sofreu um impacto profundo com o deslocamento de experiências possíveis no cotidiano para instituições especializadas ou pessoal profissionalizado. A mediação propiciada pela mídia possibilitou ao homem moderno receber agora suas experiências em casa. Não há mais necessidade primeira do encontro face a face, até porque ela havia sido seqüestrada desse sentido.

A crítica do autor nessa etapa é o que entendo como deslocamento enganoso do problema. Em sua elaboração, Thompson em nenhum momento nega a crise do ato de encontrar, na sociedade da informação. E ao prosseguir essa interpretação, entende-se que havia um conceito de experiência que não se restringia a essa explosão que se assiste hoje. O problema inicial dessa fase de interpretação parece estar ligado a dois fatores: o primeiro é a substituição do conceito de experiência como ato de encontro, para o plano de multiplicidade de informações. O autor, como era de se esperar, não nega a experiência vivida, mas destaca a progressiva importância da experiência mediada no ser humano, como fundamental para a formação do self.[17] "Enquanto experiências vividas permanecem fundamentais, há uma crescente suplementação de experiências mediadas, que assumem um papel cada vez maior no processo de formação do self. Os indivíduos dependem mais e mais de experiências mediadas para informar e remodelar o próprio projeto do self". (THOMPSON, 1999:202).

É o triunfo da informação. O espaço das trocas da comunicação interpessoal se desfaz em detrimento agora do tempo em que são transmitidas as informações, transformadas em experiências. O homem moderno passou agora a ser testemunha de tudo o que ocorre no mundo. Ele as seleciona de acordo com o grau de importância na sua realidade. Na mediação vai se construindo o novo sujeito. A falha que se insurge neste tópico não é sobre a importância da mídia na sociedade atual. Mas do vazio decifrado por Thompson e que não fôra preenchido. Quando a experiência sai do campo do face a face para a mídia, é claro que o problema permanece pulsante e não há resposta prática para

[17] Para Thompson o self é um projeto simbólico que o indivíduo constrói ativamente. É um projeto que o indivíduo constrói com os materiais simbólicos que lhes são disponíveis, materiais com que ele vai tecendo uma narrativa coerente da própria identidade. (1999:183)

isso. O vazio da experiência que ele identifica não foi resolvido no cotidiano de milhares de pessoas. Não há uma substituição automática.

É nesse espaço deixado sem resposta que avalio como preponderante a experiência da universidade aberta da USP. Pois a retomada da atividade do encontrar implica que não se sustenta procurar soluções em outro meio tecnológico sem ter tido no mínimo uma elaboração de respostas aos problemas surgidos antes e que prossegue no decorrer da era eletrônica e digital. Não se nega a capacidade dos novos meios de alterarem a percepção dos homens no cotidiano. O que se critica é edificar paradigma, e em seguida procurar solucionar determinado fato nas possibilidades anunciadas pelos novos meios tecnológicos e não na tensão que ainda pulsa na cultura.

Não é sem razão que o autor utiliza o termo dependência para enfatizar a importância dos meios de comunicação na realidade cotidiana. O sujeito passou a sustentar a sua formação cada vez mais da informação. É um quesito que se torna imprescindível para se orientar na realidade. Como mesmo retratou Hegel: a primeira oração do homem moderno é a leitura do jornal diário. A ultravalorização do cidadão informado determinou essencialmente a diferença conceitual do que é a experiência vivida e a experiência mediada. Certamente, outro fato se levou em conta nessa formulação: a sociedade de informação é conduzida por meio de uma sociedade tecnocrática que considera os anos vividos não como crescimento de experiência, mas como seu decréscimo. A experiência vivida dos homens é desconsiderada, porque trata-se como irreversível a mudança de estrutura social e com isso estamos todos condenados ao aprendizado por toda a vida.

É com esse prisma que se deve entender o conceito de Thompson. O autor esclarece primeiro o que entende por experiência de vida:

> *"Refiro-me à experiência adquirida no curso normal da vida diária. É a experiência que adquirimos no fluxo temporal de nossas vidas; ela é imediata, contínua e, até certo ponto, pré-reflexiva, no sentido de que geralmente precede de qualquer ato de reflexão explícito. A experiência de vida, como eu irei construir aqui, é também uma experiência situada, no sentido de que a adquirimos em contextos práticos da vida cotidiana. São atividades práticas do nosso dia-a-dia e de nosso encontro com outros em contextos de interação face a face que lhe dão o conteúdo".* (THOMPSON, 1999: 197).

A experiência de vida é situada e restrita à interação face a face. Esta é a primeira das diferenciações tratadas pelo autor para distinguir a experiência de vida da experiência mediada. É importante salientar que a análise de Thompson será feita pela experiência adquirida através da quase-interação mediada, cujo meio mais representativo é a televisão. "Em primeiro lugar, experimentar eventos através da mídia é experimentar eventos que, em sua grande maioria, estão distantes espacialmente (e talvez também temporalmente) dos contextos práticos da vida diária". (THOMPSON, 1999:197) Qual a principal conseqüência que se vislumbra, com essa nova experiência, no primeiro item tomado como distinção por Thompson? É a diferença dos contextos em que estão o fato e o sujeito que os assiste. A quebra da distância, e muitas vezes do tempo em que ambos estão, provoca muitas vezes uma valorização excessiva das informações. Thompson retrata essa característica e aponta que os eventos "estão fora do alcance e, portanto, fora do controle de quem os assiste". (THOMPSON, 1999:198).

Se o sujeito que recebe as informações e o que edita os fatos estão em contextos espaço-temporais diferentes, há o segundo fator considerado por Thompson. É que os próprios fatos, ao serem deslocados do seu tempo de acontecimento, são recontextualizados. "Um segundo aspecto da experiência mediada é que ela acontece num contexto diferente daquele onde o evento de fato ocorre. Experiência mediada é sempre

experiência recontextualizada. É a experiência de eventos que transpiram em locais distantes e que são reimplantadas, através da recepção e apropriação dos produtos da mídia, nos contextos práticos da vida diária". (THOMPSON, 1999: 198).

E com isso atingimos o terceiro aspecto da experiência mediada conceituada por Thompson e que tem a ver com o que ele descreve como "relevância estrutural". "Não damos a todas as experiências o mesmo peso, mas nos orientamos para aquelas que fazem parte das prioridades do projeto do self que queremos. Desse ponto de vista, portanto, as experiências atuais ou potenciais são estruturadas em termos de relevância para o self". (THOMPSON, 1999: 198). Com o aumento do volume de informações distribuídos pela mídia, o sujeito, para fazer parte da história moderna, precisa ter a capacidade de selecionar suas experiências. E a valorização desse processo chegou ao status de transformação, da capacidade de sintetizar informação em processo de conhecimento.

Ao avaliar esses três aspectos citados por Thompson entende-se porque estudantes da Terceira Idade, como Râmios, se desloca para apreender as informações que lhe permitam um conhecimento científico. Parte-se da constatação de que para sobreviver na nova sociedade é preciso estar informado, da mesma forma com que os jovens atuam nesse campo. Então os quatro anos, assim como os jovens, que ele precisa ficar na universidade para adquirir conhecimento, têm a ver estritamente com a sua capacidade de selecionar as melhores informações para a formação do self e com isso poder opinar sobre o mundo.

Mas a experiência mediada vista por esse prisma ainda carrega uma pureza, que aos poucos o autor se encarrega de diluir, a começar pelo livro **Ideologia e Cultura Moderna.** Sua análise desloca-se de um espaço em que abre tantas possibilidades de conhecimento por meio da informação, mas que esbarra em interesses políticos. Costumo afirmar sempre que os meios de comunicação não atuam na sociedade com a proposta de ser uma

“pedagogia para o oprimido” (FREIRE, 1983). E é isso o que parece tomar conta do lamento de Thompson. O vazio, traduzido no seqüestro de experiência, a ser preenchido pela mídia, esbarra em outra dependência. A frase citada abaixo, do autor, contém o elemento positivo e negativo que caracteriza a nova experiência na sociedade moderna.

“Quando as pessoas em Londres ou Nova Iork, Moscou ou Praga, ligam seus televisores e vêem as tropas chinesas agredindo e ferindo os estudantes na Praça Tiananmen, ou os guardas da fronteira da Alemanha Oriental desmantelando o Muro de Berlim, elas estão testemunhando acontecimentos de importância histórica muito grande, mesmo que esses acontecimentos estejam sucedendo-se em distantes regiões do mundo”. (Thompson, 2000: 29). A conseqüência de que determinado fato esteja sendo assistido por milhares de pessoas no mundo indica a nova forma de experiência coletiva. Os acontecimentos estão assim sujeitos a um novo tipo de exame global, como nunca se testemunhara antes. “As pessoas têm possibilidade de participar de um conjunto de experiências culturais que não está mais restrito à partilha de um local comum, enquanto as atividades dos estados e outras organizações estiverem abertas a exame de uma maneira cada vez mais global”. (Thompson, 2000: 29).

Entretanto, o problema surge com o que o autor chama de natureza do impacto potencial dessa nova esfera de experiência, mais precisamente, como ela é moldada. “Apesar de o conjunto de experiência mediada, criado pelo desenvolvimento da comunicação de massa, não estar mais sujeito à necessidade de um local comum, a natureza, porém, do impacto potencial dessa nova esfera de experiência é moldada pelas negociações institucionais e formas de poder que caracterizam os contextos em que as mensagens dos meios são produzidas, transmitidas e recebidas”. (THOMPSON, 2000:29). O principal ponto positivo de Thompson é o seu reconhecimento das forças que controlam

o poder e com isso determinam o que e sobre qual contexto deve ser transmitido determinado evento. Esse novo aspecto determina a forma com que são produzidas, transmitidas e recebidas às informações.

De um contexto para outro, a explosão informativa que anunciava uma nova organização coletiva frente ao individualismo transformou-se em uma nova forma de isolamento e controle. Com a velocidade propagada pela informação, o homem moderno passa a comentar sobre todos os fatos, sem que isso se traduza no diálogo, no tão almejado conhecimento. Não temos mais a atividade do encontro, temos somente os dois dedos de prosa. A opinião passa a ser individual, que cada um sustenta, sem ter a responsabilidade ou o interesse social de entender o outro. E se ainda os defensores da informação nutrem esperanças de que o gradual aumento informativo represente em longo prazo a conscientização do indivíduo sobre o problema do mundo e resulte em sua exteriorização, manifestada por meio de atos políticos sociais, é porque já se abrem outras possibilidades com a implantação de outra inovação tecnológica. Ou melhor, com uma nova substituição do vazio. Não é possível admitir que o volume de informações tenha o mesmo significado da universidade aberta nessa proposta de conscientizar o sujeito para lutar contra a destruição do mundo.

No decorrer de seu debate, Thompson demonstra uma apreensão com o poder dominante que controla a televisão. Sabe-se que os indivíduos, sem sair de seus contextos domésticos, podem vivenciar acontecimentos públicos e privados. “Mas a natureza dessa experiência é peculiar, pois o fluxo de mensagens é, predominantemente, unidirecional, e a capacidade dos receptores para responder ao comunicador principal é limitada. Por isso, as pessoas são capazes de experenciar acontecimentos que se dão em domínios públicos e privados sem participar diretamente desses domínios; sua participação é, quando muito,

uma “quase participação”, onde há limites definidos no âmbito das respostas acessíveis aos receptores”. (THOMPSON, 2000:317).

O que se abria como algo imensurável na forma de participação do homem por meio da experiência mediada, com seu teor explosivo, agora é visto como uma quase-participação. O fluxo de mensagens, entendido como primordial para a constituição da experiência e formação do self, é contextualizado na política pragmática e não há como negar a sua predominância unidirecional. A televisão transmite os fatos, mas o espaço permitido ao sujeito de participar é limitado. O volume de informações, que antes era escasso, agora inunda a sociedade por todas as esferas. Estamos diante de um problema, de uma sociedade do qual POSTMAN (1994) vai chamar de tecnopólio.

> *“Então, uma maneira de definir tecnopólio é dizer que ele é o que ocorre com a sociedade quando as defesas contra o excesso de informação entram em colapso. É o que acontece quando a vida institucional se torna inadequada para fazer frente à informação em demasia. É o que ocorre quando uma cultura, dominada pela informação gerada pela tecnologia, tenta empregar a própria tecnologia como um meio para obter uma direção clara e propósito humano. Em geral, esse esforço está fadado ao fracasso. Embora às vezes seja possível usar uma enfermidade como cura para ela mesma, isso só ocorre quando temos plena consciência dos processos pelos quais a doença é mantida sob controle”* (POSTMAN, 1994: 80).

A crítica feita à primeira elaboração teórica de Thompson - de a experiência mediada preencher um vazio - de experiência, se adequa mais à tônica estabelecida por POSTMAN na definição do tecnopólio. As defesas da sociedade entram em colapso e busca-se um meio de regularizar todo esse volume de informação. O discurso é de quanto mais informação o sujeito apreender, mais ele estará em sintonia com a modernidade. Mas não está aqui o ponto mais crítico da denúncia de POSTMAN citada acima. O ponto mais grave, e do qual se discute nesta pesquisa, é o de uma cultura que passa a ser dominada pela

informação gerada pela tecnologia. E também como determinados teóricos encaram a tecnologia como o meio essencial para dar uma direção clara à sociedade e o seu propósito humano. Discutirei mais adiante o emprego do computador com esse mesmo sentido de solucionar um vazio. Por ora, torna-se necessário prosseguir a segunda face revelada por Thompson sobre a mídia e que será fundamental para defender o conceito de experiência, do qual está ligado o sentido da universidade aberta da USP.

A análise crítica de Thompson se verga do positivo, do boom explosivo das possibilidades da experiência, para o negativo, uma preocupação com os efeitos do crescimento da mídia para a formação do self. Voltamos à **Mídia e a Modernidade** para encerrarmos a discussão deste autor. Ele destaca quatro itens preponderantes que retratam os pontos negativos. O primeiro é a "intrusão mediada das mensagens ideológicas". Como defensor de que a mídia enriqueceu e acentuou a organização reflexiva do self, Thompson está preocupado com o poder que as dissemina e a manutenção de um problema do qual esse meio tinha a tendência de desviar. "Parece claro que em alguns contextos a apropriação das mensagens da mídia serve para estabilizar e reforçar as relações de poder, mais do que para as romper ou enfraquecer".(THOMPSON, 2000:187).

O segundo item é o que ele chama de "dupla dependência mediada". "Enquanto a disponibilidade dos produtos da mídia serve para enriquecer e acentuar a organização reflexiva do self, ao mesmo tempo a torna extremamente dependente de sistemas sobre os quais o indivíduo tem relativamente pouco controle". (THOMPSON, 2000: 187). Os terceiro e quarto itens estão relacionados ao volume de informações que passa a ser disseminado pela mídia e que, se por um lado tem uma via de orientar o sujeito, por outro pode provocar um efeito contrário. A crescente disseminação de materiais simbólicos pode

ter um “efeito desorientador”. A tão propagada explosão de informação, de experiência, pode levar o sujeito a uma sobrecarga simbólica.

> *“Os indivíduos se confrontam não apenas com uma outra narrativa autobiográfica que lhes permite refletir criticamente sobre suas próprias vidas, não somente com uma outra visão do mundo que contrasta com seus supostos pontos de vista: eles se confrontam com inúmeras narrativas autobiográficas, inúmeras cosmovisões, inúmeras formas de informação e comunicação que dificilmente poderiam ser coerente e efetivamente assimiladas.* (THOMPSON, 2000:188)”.

O quarto item é a “absorção do self na quase-interação mediada”. Thompson se mostra preocupado com os casos em que os indivíduos podem confiar muito mais na mediação dos materiais simbólicos. Em vez da informação ser um recurso para seu desenvolvimento, passa a ser algo de suma importância do qual essas pessoas se agarram fortemente e emocionalmente para se orientarem. “O caráter reflexivo do self, pelo qual elas são capazes de incorporar materiais simbólicos (mediados ou de alguma outra maneira) num processo relativamente autônomo de formação do self, desaparece quase imperceptivelmente em alguma outra coisa: o self é absorvido por uma forma de quase-interação mediada”. (THOMPSON, 2000:190).

Ao avaliar a discussão dos conceitos de Thompson nas duas obras citadas é necessário retornar às questões que deram origem ao debate e que provocam descontentamento aos defensores da informação: a crise de experiência e o encontro face a face propiciado pela universidade aberta da USP. Torna-se visível que o volume de informação e mais informação, na sociedade, não consegue estruturar e sustentar um novo conceito de experiência. Seria mesmo improvável avançar conceitualmente nesse campo, partindo do pressuposto de que o aumento do volume de notícias poderia automaticamente efetivar mais encontros e com isso mais experiência. Seria incoerência aqui afirmar que não

houve uma mudança substancial na sociedade por meio da mídia e que a experiência mediada está atuando com todas as suas forças. Mas o vazio da experiência decifrado por Thompson como seqüestro ainda permanece pulsando. Tanto que esse é o principal tópico da criação da universidade aberta para unir os jovens e velhos.

Não é de se estranhar que o excesso de informação seja o primeiro item descrito por Jorge Larrosa[18] para explicar o por quê da experiência ser cada vez mais rara na sociedade contemporânea. Ele deixa claro que informação não é sinônimo de experiência. Pelo contrário: essa ansiedade buscada pelo homem moderno de forma incessante para estar informado e sempre mais informado contribui para cancelar as possibilidades de experiência. "O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de sabedoria, mas no sentido de estar informado) o que consegue é que nada lhe aconteça". É um erro típico que se comete na sociedade contemporânea confundir o quanto mais atividades fazer, quanto mais informação processar, será maior a experiência. E se procura então participar de tudo, mas nessa busca se perde o que é essencial: o vivenciar, o sentir. Não se pode encontrar outra tradução para o emprego de Larrosa de que a única coisa que o homem consegue com toda essa obsessão é que nada lhe aconteça.

Há uma colocação que remete diretamente à discussão da experiência dos estudantes da Terceira Idade. Larrosa discute um tópico do qual conceituamos com

[18] Conferência intitulada "Notas sobre a experiência e o saber da experiência" proferida por Jorge Larrosa no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, em 15 de julho de 2001, na Universidade de Campinas (Unicamp)

BERMAN (1986): perdemos as conexões da cultura com as nossas vidas. Ele explica que assistir a uma aula ou a uma conferência, ler um livro ou um informe, viajar ou ter visitado uma escola não implica automaticamente acréscimo de experiência. “Podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa, mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu”.

A experiência se torna mais rara por excesso de opinião. Há novamente a crítica pela obsessão da opinião que toma conta da modernidade. A idéia do dever de opinar é conseqüência da obsessão pela informação. Pois qual importância teria ter tanta informação sobre o mundo, sem ter uma opinião? Assim como se sustenta como natural quanto mais informação melhor, acredita-se quanto mais opinião se construir, mais passos avançam no caminho de ser consciente dos problemas da atualidade. O diagnóstico do autor sobre o valor da opinião na sociedade é que o opinar se tornou uma substância imprescindível para o individuo comunicar sua presença no mundo. “A opinião seria como a dimensão significativa da assim chamada aprendizagem significativa. A informação seria o objetivo, a opinião seria o subjetivo, ela seria nossa reação subjetiva ao objetivo”.

Outro ponto que Larrosa destaca para explicar o por quê da experiência ser cada vez mais rara é a falta de tempo. E aqui está um problema que envolve a questão da memória. De certa forma, Larrosa comenta que a velocidade com que as notícias são transmitidas seguida por outra obsessão, o da novidade, impede o homem de estabelecer uma conexão significativa entre acontecimentos. E ao desencadear a substituição de um fato por outro, sem deixar vestígio, a memória é afetada. Esse, aliás, é um tema tratado com vigor por ARENDT ao analisar a perda da tradição na sociedade. “(...) A memória, que é apenas um dos modos do pensamento, embora dos mais importantes, é impotente fora de um quadro

de referência preestabelecido, e somente em raríssimas ocasiões a mente humana é capaz de reter algo inteiramente desconexo”. (ARENDT, 2001: 31).

Fica visível que esse ritmo de adaptação ao atual não se traduz em experiência. Larrosa traça a experiência exatamente no oposto do que o homem moderno a procura. “Ele quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso a velocidades e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, é também inimiga mortal da experiência”. O que o autor propõe está na mesma sintonia com o que se defende nesta pesquisa, ao destacar a importância do encontro. É preciso muitas vezes parar por alguns instantes para algo mais que os dois dedos de prosa. Parar para conectar a cultura com a nossa vida, silenciar para poder analisar e entender o outro com quem convivemos e com isso termos uma nova forma de leitura do mundo.

O último item citado por Larrosa é o excesso de trabalho. Este, aliás, é um ponto do qual se questionaria: por que o autor cita o excesso de trabalho como um item que torna a experiência mais rara? A crítica do autor está direcionada a esse comportamento de ultraatividade a que se lança o homem moderno, ou como ele diz, atravessado por um afã de mudar as coisas. “O sujeito moderno se relaciona com o acontecimento do ponto de vista da ação. Tudo é pretexto para sua atividade. Sempre está a se perguntar sobre o que pode fazer. Sempre está desejando fazer algo, produzir algo, modificar algo, regular algo”. E é exatamente por se estar sempre em atividade, sempre querendo o que não é, sempre mobilizado no qual não se pode parar, é que nada nos acontece.

Qual é então o conceito de experiência do qual Larrosa sustenta e que vai de encontro ao que se defende nesta pesquisa.

> *"A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço".*

No cultivar a arte do encontro está uma das possibilidades de que algo nos aconteça ou nos toque e assim possamos dizer que se atravessou por uma experiência. Sentir a experiência, e não obtê-la como um elemento externo de aquisição por meio da informação. Nota-se que Larrosa em nenhum momento remete a qualquer instrumento da nova tecnologia, o alicerce para recuperar o valor da experiência. Experiência não se refere a todos os fatos que passamos na vida, mas o que nos tocaram. Então retornamos ao debate: os anos de vida do velho não indicam que ele tenha mais experiência. Indica talvez as possibilidades a mais do que os jovens, que ele tenha tido para vivenciá-las. O que o torna humano não é o automatismo do fato de ser adulto e já ter passado por todas as experiências. É o que Benjamin critica tanto no filisteu. Mas o viver a experiência é algo diferencial, que evoca tamanha força, que não pode ficar restrito meramente ao único indivíduo. Deve ser transmitido aos jovens para auxiliá-los na vida.

Quando Râmios saiu chorando da entrevista, do qual não soube responder as perguntas feitas pelo jornalista, ele vivenciou uma experiência. Até hoje uma das três perguntas: qual é o papel do estudante brasileiro? ainda ressoa em sua memória e serve como incentivo para continuar seu caminho. E por que não dizer da carta, em forma de resumo, que ele escreve para a professora e que foi transcrita na íntegra no capítulo anterior.

O encontro de Dona Maricota com Camilo Vannuchi que resultou no parar o tempo, em reavaliar as suas vidas e a do país é uma experiência que a universidade propicia. Se observar atentamente, a universidade aberta da USP vai além do fato de propiciar a jovens e velhos troca de experiências. A universidade se torna o espaço para que jovens e velhos descubram o que é a experiência. É um confronto com aqueles que se inscrevem nos seus cursos mantendo arraigado esse vínculo do estar informado como estar experenciando.

Uma das fontes do qual Larrosa parte para conceituar experiência, como ele cita na conferência, é Martin Heidegger. Para Heidegger:

> *"Fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em 'fazer' uma experiência isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, ' fazer' significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo".*

Há um outro significado em fazer experiência. E a pergunta novamente retorna: será que vivenciamos os verdadeiros dramas de nossa existência? Nós, proprietários, estamos em casa quando esses dramas nos batem na porta da vida? O homem moderno, na obsessão de ser ativo, do sempre presente, na obsessão do futuro, na obsessão da juventude, na obsessão do estar informado, gradualmente anula as possibilidades de uma experiência que realmente o toque, sobrepondo uma outra que nem sempre consegue traduzir como significativo no futuro. O paradoxo é que o sujeito se lança nessa obsessão com o único propósito: existir. A indagação de uma senhora no asilo para a terapeuta ocupacional, descrito por DEBERT (1999), é correta: o velho entendido somente como prisioneiro da recordação não existe. Poderia se acrescentar que o seu contrário também é válido. O velho somente obcecado pelo

futuro e sempre em atividade, sem que nada o toque, sem sentir o mundo, também não existe. Não é à toa que Debert pressupõe nesta proposta de atividade uma nova conspiração do silêncio.

A conclusão da conferência de Larrosa é um elogio ao ser humano. Ele aponta que somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. Então a experiência é uma paixão. A experiência não se capta pela lógica da ação, ou a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, ou a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação. A experiência se capta a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. E é a partir da construção dos conceitos de experiência e sujeito de experiência que Larrosa estabelece o que denomina de saber da experiência. Um saber distinto do saber científico e do saber da informação. “O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos”.

E mais adiante ele ratifica: o saber da experiência é o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao largo da vida e no modo como vamos dando sentido ao que nos acontece. E se paira alguma brecha para os defensores da experiência mediada, submetida meramente ao volume de informação, Larrosa defende que o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria. O saber da experiência é a forma de conhecimento que se relaciona à vida. Não é um experimento, não é um caminho até o objetivo previsto, não é a meta a ser alcançada. É a forma com que o individuo existe. É com esse prisma que analisaremos a experiência de dois estudantes da Terceira Idade no final deste capítulo. Antes disso, torna-se necessário discutir o emprego do computador, que de certa forma a trajetória do discurso

não dissocia do que Thompson também visualizou como possível para a televisão, um dos veículos inseridos no que ele chamou de quase-interação mediada.

4.1 – INFORMAÇÃO X CONHECIMENTO

"Eu gostaria de entender o que sentem as milhares de pessoas que não têm acesso a um computador, à Internet, ao caminhar pelas ruas e serem bombardeadas com cartazes, outdoors, anúncios em jornais, propagandas de televisão anunciando para se comunicarem pelo endereço (W.W.W.)". Nada pode traduzir melhor a força da informática, ou melhor, a influência da Internet na sociedade da informação e comunicação do que essa indagação suscitada por um jovem estudante universitário. A questão foi lançada durante um seminário sobre novas Tecnologias da Informação em uma disciplina de graduação na USP. Depois de descrever a dificuldade no mundo de hoje em viver sem o computador, sem o acesso à Internet, o questionamento do grupo proferido pelo estudante buscava apreender o grau de aflição que assalta uma multidão de brasileiros que ainda não possui endereço eletrônico.

O sentido da expressão do estudante está estruturado em um caráter existencial. Estar à margem, hoje, do novo meio tecnológico representa estar fora da nova estrutura social que se anuncia, o tão proclamado pós-modernismo. A nova sociedade, a da informática, distingue um novo grupo como bem discute SCHAFF (1991). "Atualmente podemos observar uma divisão clara – algo parecido com a incultura das massas e a cultura de um certo número ainda reduzido de pessoas iniciadas na ciência dos computadores – entre as que conhecem e desconhecem o funcionamento dos computadores". (SCHAFF, 1991:27). Aprender o funcionamento do computador tende a ser o principal instrumento para sobreviver na modernidade. Nesse aspecto há dois tópicos essenciais para discutir a informática: primeiro é necessário entender qual o significado desse discurso que se sustenta na sociedade contemporânea com tamanha força a ponto de se impor como uma

nova realidade do homem. E segundo o que isso representa na realidade dos estudantes da Terceira Idade.

Para que o homem precisa de tanta informação? A primeira vez que ouvi essa pergunta estava no primeiro semestre do curso de jornalismo, em 93, na aula de Novas Tecnologias de Comunicação na Universidade Metodista de Piracicaba. O próprio ato de pensar sobre esse questionamento soa como contraditório à corrente que move os novos homens para essa atual concepção de realidade. O que se concebe como natural é o analfabeto da informática tomar consciência de que sem o novo aprendizado, certamente não sobreviverá. Estará sempre à margem da sociedade. Poderia-se ler a preocupação dos defensores dessa linha com o suposto pensamento: nada mais frustrante do que percorrer as ruas, ler, independente da direção que se olhe, o W.W.W. da Internet e, no entanto, sentir como se caísse de pára-quedas em um outro mundo, do qual precisa aprender tudo de novo. Esse discurso objetiva provar que a comunicação só pode ser concretizada por meio desse novo meio.

Mas ao mesmo tempo em que Schaff mostra a incultura das massas, o autor faz um alerta: “a sociedade da informação pode seguramente fornecer condições propícias para se alcançar a realização pessoal em uma escala sem precedentes. Por outro lado, a menos que se recorra ao empenho e à imaginação para atender às necessidades humanas puramente materiais, podemos facilmente criar o tédio, a alienação e o vazio existencial do qual podem surgir tantos males sociais”. (SCHAFF, 1991: 49).

Novamente se defronta com um outro meio, o computador, anunciando tantas possibilidades para o desenvolvimento do homem, mas que o seu uso dentro da política pragmática remete a um sentido contrário, ao perigo de um vazio existencial. O principal ponto de visualização dessas duas faces da Internet pode ser compreendido na discussão de

Pierre Lévy, criticado sempre por seu entusiasmo por esse novo meio. Lévy aponta que um dos principais impactos que a realidade virtual provoca no espaço da comunicação é a mudança no conceito de conhecimento. O homem, ao passar a ser orientado por um novo espaço, conceituado como ciberespaço, se defronta diante de uma realidade cuja velocidade nem sempre permite que ele consiga interiorizar o tempo trazido nesse outro contexto.

Não é gratuito que o debate que se acirra na entrada do novo milênio seja: qual o avanço que o ser humano conseguirá com a implementação dessas novas tecnologias, que nos insere no mundo digital? E em que medida essa modificação na estrutura dos sentimentos, da experiência de pensar a realidade, alinha a humanidade no trilho da tão almejada civilização? Ou a cibercultura reforçará o discurso da manipulação industrial, reacendendo novamente o diagnóstico de que a barbárie se aprofunda cada vez mais encobrindo os nobres valores do humano?

Primeiramente é preciso esclarecer os conceitos trabalhados por Pierre LÉVY (1999). Ele denomina ciberespaço, também chamado de rede, como o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo, prossegue o autor, especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999:17). Embora o autor dimensione o conceito, a palavra ciberespaço foi inventada em 1984, num romance de ficção científica **Neuromante**, de William Gibson. Na obra, o termo ciberespaço designa o universo das redes digitais, descrita como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e de cultura. Em Neuromante, como descreve Lévy, a exploração do ciberespaço coloca em cena as fortalezas de informações secretas protegidas

pelos programas ICE, ilhas banhadas pelos oceanos de dados que se metamorfoseiam e são trocados em grande velocidade ao redor do planeta. (Lévy, 1999:92).

Assim como se diferencia o desenvolvimento cultural na sociedade real, Lévy também justifica essa mudança conceitual na realidade virtual. A descrição do conceito de cibercultura tem uma fundamentação que ultrapassa a simples vinculação de que se trata de mera extensão do ciberespaço. Como o autor enfatiza, "cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração". (Lévy, 1999: 130).

A tônica das discussões de autores que buscam explicar a realidade virtual, determina, em princípio, que ainda é cedo para que se façam juízos de valor. Mas ao mesmo tempo pode ser tarde demais para empregar o virtual no desenvolvimento da inteligência humana, caso o ciberespaço seja movido por um reducionismo industrial. É esse temor que toma conta dos trabalhos de Pierre Lévy, que busca orientar na proposta de como a realidade virtual pode contribuir para o que nomina como inteligência coletiva: uma inteligência variada, distribuída por todos os lugares, constantemente valorizada, colocada em sinergia em tempo real, que engendra uma mobilização otimizada das competências. A proposta do autor sobre a finalidade da inteligência coletiva é colocar os recursos de grandes coletividades a serviço das pessoas e de pequenos grupos – e não o contrário.

O primeiro ponto discursivo é identificar em qual tempo histórico o ciberespaço se encontra na sociedade contemporânea. Como escreve Lévy em sua obra **Cibercultura**, longe de ser decididamente pós-moderno, o ciberespaço pode surgir como uma espécie de

materialização técnica dos ideais modernos. O discernimento acima é primordial para compreender a estrutura teórica que orienta esse autor. Quando se fala em saber no espaço da comunicação, dentro do irreversível mundo virtual, o que se vem em mente é a informação. Informação enquanto dados, enquanto fonte do saber. Nessa euforia, seguem autores como Jean François Lyotard (1986) que procura mostrar que o paradigma mudou e essa nova sociedade descobriu que a fonte de todas as fontes é a informação.

Esse é o diferencial. Ao inserir o ciberespaço como alternativa para fundamentar o conhecimento na modernidade, o autor mantém um preceito teórico: volume de informação não pode ser traduzido em conhecimento. Para Lévy, o nervo do ciberespaço não é o consumo de informações ou de serviços interativos, mas a participação em um processo social de inteligência coletiva. Essa compreensão do autor fica estabelecida quando ele anuncia qual o papel do ciberespaço na sociedade em rede.

> *"O ciberespaço não deve ser pensado como estando povoado por indivíduos isolados e perdidos entre massa de informações. A rede é antes de tudo um instrumento de comunicação entre indivíduos, um lugar virtual no qual as comunidades ajudam seus membros a aprender o que querem saber. Os dados representam apenas a matéria prima de um processo intelectual e social vivo e altamente elaborado. Finalmente, toda inteligência coletiva no mundo jamais pode prescindir da inteligência pessoal, do esforço individual e do tempo necessário para aprender, pesquisar, avaliar, integrar-se às diversas comunidades, mesmo que virtuais. A rede jamais pensará em seu lugar, e é melhor assim".* (LÉVY, 1999:244).

Para entender essa mudança é necessário confrontar não só a Internet com a Televisão, como identificar o novo papel do receptor nessa nova sociedade. A principal crítica ao meio televisivo é o fato de reduzir a comunicação social a uma dimensão de fatos definidos por meros interesses políticos, como bem criticou Thompson. As pesquisas e questionários levados ao ar que invadem a tela na pretensa busca de interação com o

público não conseguem afastar um modelo, que ao optar pela audiência em detrimento da inteligência e das relações sociais do sujeito receptor, somente reforça o discurso ideológico do homem enquanto massa. Essa representação do homem deformado, sem face, sem inteligência, sem identidade é a realidade que Lévy acredita ser possível derrubar com o auxílio da construção do ciberespaço, essencialmente por meio da Internet.

O diagnóstico da mudança do saber está no fato de que "hoje, a maioria dos saberes adquiridos no início de uma carreira ficam obsoletos no final de um percurso profissional, ou mesmo antes. As desordens da economia, bem como os ritmos precipitados das evoluções científica e técnica determinam uma aceleração geral da temporalidade social". (Lévy, 1999: 173). Note-se que a mudança de saber de Lévy se sustenta em um problema originado na sociedade tecnocrática. Se o saber se torna obsoleto, não se está em discussão a troca de conhecimento entre as pessoas, mas sim a impessoalidade do sistema. O constante avanço das máquinas exige um constante acompanhamento. É seguindo esse raciocínio do saber, determinado pela aceleração geral do tempo social que o autor busca o que é "o verdadeiro" uso da Internet.

A função das novas tecnologias de informação é contribuir para o desenvolvimento do homem. Não é a máquina, o meio, que é inteligente, mas as pessoas que a alimentam. Aqui se está diante da mudança de pressuposto teórico que diferencia o debate sobre a TV e a Internet: na fase televisiva, as pessoas eram nominadas por massa, alimentadas por determinadas informações; agora, o que se discute é como os sujeitos inteligentes podem excluir e incluir dados que consideram preponderante para sua realidade social, em meio a essa massa de informações.

Embora se reconheça que o crescimento da computação, leia-se Internet, não se fundou nem vem se desenvolvendo com uma preocupação cognitiva social, é preciso

reconhecer o movimento de jovens metropolitanos cultos que veio à tona no final dos anos 80. A proposta é colocar o computador a serviço do homem e demolir a idéia do mediador. É a efetivação da troca de conhecimento em que todos podem se comunicar com todos, em vez do modelo televisivo unidirecional. Embora pareça paradoxal falar em eliminar mediador, instituindo a realidade virtual, Pierre Lévy explica que o ideal mobilizador da informática não é mais a inteligência artificial (tornar uma máquina tão inteligente quanto, talvez mais inteligente que um homem), mas sim a inteligência coletiva, a saber, a valorização, a utilização otimizada e a criação de sinergia entre as competências, as imaginações e as energias intelectuais, qualquer que seja sua diversidade qualitativa e onde quer que ela se situe.

Esse ideal da inteligência coletiva, passa, evidentemente, pela disponibilização da memória, da imaginação e da experiência, por uma prática banalizada de troca de conhecimentos, por novas formas de organização e de coordenação flexíveis e em tempo real. Mas o autor alerta que essa troca da inteligência coletiva não se faz de forma automática. A defesa de poderes exclusivos, da rigidez institucional, a inércia das mentalidades e das culturas pode, evidentemente, levar a usos sociais das novas tecnologias que sejam muitos menos positivos de acordo com critérios humanistas.

Esse é o temor de Lévy que se aproxima do lamento de Thompson. Ele parte da certeza de que a Internet é o meio de comunicação que reverterá um problema originado pela televisão na modernidade. O autor, de certa forma, admite que com o aspecto unidirecional do foco televisivo, o poder passou a ser feito por um grupo dominante. Da possibilidade de explosão da comunicação, ou da experiência como visualizava Thompson, assiste-se exatamente o contrário: é o reducionismo de um meio de informação que

transporta tudo para o mero aspecto comercial. Mais do que a realidade, a mídia por esse prisma busca ser a memória da sociedade.

É nesse aspecto que se pode discutir um dos itens que identifica a falta de prestígio da velhice. Ao se impor como a memória da sociedade, a sociedade informática procura atribuir um outro conceito para a memória. Trata-se da mesma sistemática com que se procurou definir a experiência por meio da televisão. Por trás dessa elaboração há o crescimento de uma nova forma de poder: selecionar o que deve ser preservado do passado, o que é importante no presente e o que será discutido no futuro.

Essa mudança de preceito afeta diretamente os velhos na sociedade e se entende porque a sua marginalização se amplia a cada nova estrutura social anunciada dominada por outro meio tecnológico. Esta, aliás, foi a temática discutida pela professora Olga Rodrigues de Moraes Von Simson em sua palestra sobre **Memória, Velhice e Cultura**.[19] Olga não toma como parâmetro a Internet, mas procura reconstruir o conceito pelo desenvolvimento humano. A sua principal crítica é que com o consumo de informação que se acentuou na sociedade contemporânea perdemos a capacidade seletiva da memória. E aqui, defende Olga, está uma concepção de poder: o exercício de poder escolher o fato relevante e o que pode ser descartado. Perdemos de certa forma a importância do exercício de seleção das informações.

Ao se dissociar do elemento humano, a mídia procurava se sustentar como memória da sociedade. Porém, o diagnóstico apontado por Olga é exatamente o inverso. Tanto que ela aponta que vivemos atualmente em uma sociedade do esquecimento, em contraponto à sociedade da memória, que tinha os velhos como principais atores, responsáveis pela

[19] – Palestra ministrada durante o I Seminário Interno de Pesquisa em Gerontologia na Universidade de Campinas, no dia 31 de julho de 2000.

seleção e transmissão das experiências. “A cultura é memória que propicia essa capacidade de seleção”. A argumentação da professora se sustenta em um ponto essencial: a sociedade de memória, em que o velho era transmissor da experiência, se perdeu ao longo do tempo. Isso ocorreu porque o avanço tecnológico de certa forma libertaram os sujeitos da tarefa individual de selecionar, rejeitar e transmitir a outras gerações.

Essa suposta libertação na realidade implica em uma perda de poder: não somos mais donos daquilo que será selecionado. A tarefa foi retirada dos idosos e delegada a grupos institucionais. A diferença é que esse poder, antes a cargo dos velhos, hoje passa a grupos hegemônicos e que não representam a sociedade. Talvez por vivermos uma crise de experiência na sociedade do esquecimento, que a professora aponta outro problema que pulsa na modernidade: vivemos a crise de uma sociedade sem tempo de lembrar. Há a predominância de um individualismo, bem diferente da memória compartilhada, em que o velho tinha importância. Hoje essa memória compartilhada não está inserida na lógica do mercado. “Compartilhar a memória é dar ao velho o papel importante”. Olga corrige outra afirmação conceitual: “é errôneo dizer resgate da memória. A memória é reconstruída, é a transformação das pessoas quando ela é trabalhada”. Valorizar a memória e a cultura é um exercício de poder Político e Filosófico.

Não é à toa que os conceitos de experiência e memória são citados como cruciais nos que caminham por esse novo meio interpretativo. Esses dois conceitos – cujo significado é diferente ao defendido nesta pesquisa - demonstram ser palavras chaves que orientam os trabalhos desenvolvidos recentemente com a proposta de encontrar um modelo alternativo na sociedade da informação para a construção de um cidadão crítico. A experiência surge com um essencial enfoque: é preciso valorizar as vivências de cada pessoa como um requisito primordial para enriquecer o exercício de comunicação e para

questionar a realidade mediada pelas tecnologias da informação. A memória está sendo empregada como uma forma de demonstrar ao sujeito que ele tem valor na sociedade e que suas histórias de vida caracterizam-no como sujeito histórico.

É com essa proposta que Andréa Cecília Ramal desenvolve sua tese de doutorado, recentemente defendida na Pontifica Universidade Católica do Rio de Janeiro. Trabalhando com o contexto da educação na Cibercultura, a autora critica o que nomeia como monologismo da educação, que castra e estabelece barreiras à liberdade de expressão. Nesse sistema autoritário, que Paulo Freire (1983) denunciou como educação bancária, os alunos passam a ser tratados como meros objetos de informação e não como sujeitos. Para sustentar sua tese, Andréa Ramal enfatiza a importância do ciberespaço para a elaboração plural de uma proposta de conhecimento e constrói toda sua teoria afirmando a subversão do hipertexto frente ao sistema linear de aprendizagem, adotado com fundamento massivo.

Não é fortuito que uma palavra a se estender por todo o trabalho seja tratada com aspecto de denúncia: a despersonalização do homem – traduzido aqui como negação do sujeito. Tanto é que no final da tese, quando a autora discute o novo papel da educação, da formação do professor e do currículo, ela argumenta: “Algo excluído há muito tempo do currículo entrará na escola: a própria vida do estudante”. (RAMAL: 2001; 206). A vida do estudante passa a ser tão fundamental e com peso equivalente à mesma medida, que passa a ter o conhecimento do professor adquirido em suas vivências. É nesse aspecto que a tese de doutorado engrossa a denúncia social, que recrimina o sistema de exclusão e de negação que a instituição escolar instaura para o desenvolvimento da identidade de estudantes.

Estamos em um período histórico em que a manutenção desse controle social atinge uma situação tornada inaceitável. A acusação contra o monopólio da escola vem, para permanecermos em período recente, desde o início do século passado e se aprofunda no

momento em que a mídia é questionada por sua emissão com caráter industrial, num plano unidimensional dirigido aos receptores. Desde essa época no Brasil, como podemos avaliar o discurso de Lima Barreto, a crítica questionava o papel autoritário da escola e propunha a importância da pluralidade.

Ocorre que o discurso de Andréa Ramal precisa ser avaliado de forma diferente, até porque se fundamenta em outro contexto. O problema da proposta alternativa da autora é o peso que se coloca na pluralidade que se vislumbra no novo meio - embora Andréa Ramal se defronte com o controle sistêmico de uma sociedade, movida essencialmente por interesses consumistas. Andréa Ramal deixa explícito, na introdução, que toda sua motivação para defender a importância do hipertexto está em dois aspectos: a crítica à insuficiência de um sistema de ensino industrial, denunciado por alunos e professores - diálogos que foram preponderantes para sua experiência de vida - e principalmente, as possibilidades que se abrem no novo meio, o digital.

Ramal deixa claro que:

> *"as reflexões desta tese confluem no sentido de deixar evidenciada a idéia de que educar na cibercultura implicará formar seres conscientes, críticos e capazes de gerenciar a informação, o que tem poderá provocar uma revisão do papel do professor, passando a conceber-se a sua função como um arquiteto cognitivo e dinamizador da inteligência coletiva, para o que necessitará de uma formação menos disciplinar e mais voltada para a psicologia e a ecologia cognitivas, em abordagens globalizantes e não fragmentadas do conhecimento"*. (RAMAL: 2001; 273).

Mesmo deixando claro que as tecnologias de informação podem ser usadas para a alienação (tecnocracia domesticadora), ou como meio de exclusão (pay-per-learn), em vez de serem empreendidas com uma proposta de liberdade (cibereducação integradora), Ramal mostra uma euforia crítica da educação no ciberespaço, que não aproveita a angústia demonstrada por Pierre Lévy quando escreve Cibercultura. O autor, que ao lado de Mikail

Bakhtin é um elemento chave para a elaboração teórica da tese, revela um profundo lamento do uso do ciberespaço no futuro, cujas forças econômicas podem, em vez de culminar no que vislumbra como inteligência coletiva, recair em uma nova forma de emissão vertical que não se diferencia do que Thompson se defrontou na televisão.

Em um dos trechos do livro, Lévy explica que "um dos principais significados da emergência do ciberespaço é o desenvolvimento de uma alternativa às mídias de massa. Chamo de mídias de massa os dispositivos de comunicação que difundem uma informação organizada e programada a partir de um centro, em direção a um grande número de receptores anônimos, passivos e isolados uns dos outros". (LÉVY:1999; 239). Lévy critica o sistema unidirecional, cujos representantes são a televisão e o rádio, e confidencia a principal batalha que se defronta.

> "*Sabemos que o ciberespaço constitui um imenso campo de batalha para os industriais da comunicação e dos programas. Mas a guerra que opõe algumas grandes forças econômicas não deve mascarar a outra, que coloca em choque uma visão puramente consumista do ciberespaço, a dos industriais e vendedores – a rede como supermercado planetário e televisão interativa -, e uma outra visão, a do movimento social que propaga a cibercultura, inspirado pelo desenvolvimento das trocas de saberes, das novas formas de cooperação e de criação coletiva nos mundos virtuais*". (LÉVY, 1999: 199).

A proposta de Lévy está estruturada na inteligência coletiva. Mas o que o deixa angustiado é o uso comercial, o emprego massificador a ser feito do ciberespaço por um grupo político dominante. Mais do que isso: é a visualização da possibilidade da rede se tornar um supermercado planetário ou uma televisão interativa. É interessante notar que mesmo Andréa Ramal reconhece a força da sociedade tecnocrática e a possibilidade da alienação por esse meio tratado como libertador. Essa identificação traduz a emergência com que os autores solicitam aos homens e mulheres para darem um rumo revolucionário

ao meio, mas a sociedade ainda está alheia à realidade virtual. A velocidade da formulação dos conceitos não pode ser comparada com a velocidade que se move o significado da vida na cultura.

Para se ter uma idéia da preocupação na sociedade atual com o sujeito, basta analisar o temor da despersonalização posto em debate pelos autores Daniel Prieto e Francisco Gutierrez (1994). Embora o debate de ambos seja sobre educação à distância, a proposta do trabalho é defender uma universidade que não permaneça presa apenas ao repasse do conhecimento, mas sim na formação de seres humanos. Com o mesmo sentido de Andréa Ramal, os autores apontam sobre os riscos de um ensino industrializado, consumista, institucionalizado, autoritário e massificante. A proposta alternativa é educar para assumir a incerteza, para gozar a vida, para a significação, para a expressão, para a convivência e para se apropriar da história e da cultura.

As dificuldades para a implantação de propostas alternativas com o auxílio das novas tecnologias da informação demonstram que o desenvolvimento das máquinas nem sempre são aplicados para o aperfeiçoamento do homem. Essa questão se agrava quando se trata de analisar um sistema controlado por estruturas dominantes, que reforça o discurso, a cada controle, de que a relação do homem com os novos meios é na prática de mera adaptação.

Acredito ser positivo encontrar esperanças de mudança nos novos meios. Mas não se deve abandonar uma questão: será possível quebrar, em um novo modelo tecnológico, um sistema tecnocrático que exclui e despersonaliza sujeitos da história por décadas e décadas, enquanto alardeia o futuro como espaço de liberdade e ao mesmo tempo procura manter o presente distante de um possível ato de subversão? É possível definir um novo conceito de experiência na televisão ou na Internet, enquanto o sentir dessa experiência se

desgarra da constituição do humano, de sua vivência, para uma prática de gerenciar informações? É possível sustentar a construção de um novo conceito de memória pela mídia, enquanto se incentiva ao homem moderno pôr uma pedra no passado, o que significa desprezar a memória social? Qual é o valor concreto que se vislumbra na transformação do homem, de sair desse individualismo, desse distanciamento nas relações comunicativas, se o discurso dominante centra-se no desprezo da memória social em detrimento de uma ação pragmática de a mídia ser a memória da sociedade?

Essas são questões que precisam sempre ser considerada quando se analisam o discurso lançado periodicamente. E é nesse vazio das novas propostas que a universidade aberta adquire uma força para mostrar aos estudantes da Terceira Idade que existe uma vida fora dos afazeres de casa e fora da corrente determinista da modernidade.

Retornamos à análise da tese de doutorado de Andréa Ramal. Ao enfatizar o período histórico como referência à Internet, é preciso discutir o que considero como uma das brechas deixadas pela tese e que não fôra preenchida. Não encontro no desenvolvimento do texto, a angústia do texto de Lévy em **Cibercultura**. Para quem trabalha toda a contextualização e problemática teórica com base nesse autor, creio que a tese poderia ter se aprofundado também na elaboração de uma proposta alternativa para quebrar a estrutura monológica da escola tradicional, sem que se recorresse como único meio possível à introdução do hipertexto. Não pretendo desconsiderar essa nova realidade digital que se apresenta mediando a vida dos alunos. Mas se Andréa Ramal compartilha da mesma opinião de Lévy, de que há uma forte possibilidade de que o monologismo seja transferido com outro aspecto para o mundo virtual, então já não se trata mais de buscar a esperança no novo meio. É preciso buscar na desesperança do ser humano, na sua experiência e na memória, um instrumento de luta para o desenvolvimento do tão almejado cidadão crítico.

Porém, a crítica também remete aos conceitos de memória e experiência que Andréa Ramal se orienta na definição de sua tese.

Analisando a autonomia do emprego das novas tecnologias no plano cultural e nessas teorias analisadas é difícil não afirmar que o pensamento de Marshal MCLUHAN (1974) permanece vivo na Sociedade da Informação. Embora considere contraditório o pressuposto teórico do pensador canadense, é preciso reconhecer sua contribuição na proposta de construção de um novo sistema de conhecimento por meio dos meios tecnológicos. O grande contraponto de sua influência na Teoria da Comunicação é defrontar com a tese de um homem que procurou a todo o momento definir que os meios de comunicação são na verdade extensões do sentido do homem e que na fundamentação de seu trabalho praticamente anulou o indivíduo com a consagração do determinismo tecnológico.

Apontar que os meios de comunicação são extensão do sentido do homem é considerar que o ponto de referência social é o humano. Parte-se da tese de que as tecnologias devem ser desenvolvidas para que o homem aperfeiçoe os seus sentidos e que ao exteriorizar seus atos possa contribuir ativamente para a construção da civilização. Nesse aspecto, ele separa a ruptura que a televisão provoca na cultura de massas pela imprensa. O homem na era da imprensa é um sujeito unidimensional. São aqueles receptores que recebem o máximo de informação com o mínimo de participação, o que ele chama de meios quentes. O novo sujeito da era televisiva pertence aos meios frios, aqueles que dispõem de um mínimo de informação com o máximo de participação.

É nessa perspectiva que o autor transpõe a mudança teórica encontrada na Teoria da Comunicação para a instituição escolar. O ponto de discussão é o saber, a função do pensamento crítico. A constatação é que na era eletrônica a instituição escolar está distante

do social. Aqui começa o que nomino como contradição. O que Mcluhan chama de social é na verdade o determinismo tecnológico. Parece que ele deixa de lado que os meios são extensões do sentido do homem e seu discurso incorpora um discurso inverso. Para Mcluhan é a cultura que precisa a todo o momento se adaptar. Os efeitos provocados pela era eletrônica no social são transpostos como história inicial da civilização. Como bem critica Sierra é "la naturalización de la historia como progreso tecnológico". (SIERRA, 2000:96). Tal proposta atinge o máximo com a afirmação da qual "la história de la humanidad es la prolongación de los sentidos del hombre por medios técnicos".

Ao colocar em segundo plano a cultura, a teoria de Mcluhan nega o mecanicismo da era industrial, mas não consegue fugir do modelo unidimensional que ele tanto almeja romper com as novas tecnologias. O que não se leva em conta é que, do salto da imprensa para a televisão e atualmente para a Internet, o sistema implantado ainda reproduz um modelo unidirecional, sem se preocupar com o desenvolvimento cognitivo. Nesse embate, a crítica não deve ser direcionada somente à educação, para que assuma seu papel de "centro multidisciplinario para la reflexion, evitando transformarse en un obstáculo para el desarrollo del conocimiento". Deve ser estendida também a esse meio frio, a televisão, que em vez da busca participativa, reproduz o que o próprio autor denuncia como cultura de massa. E ao elaborarmos este diagnóstico fica claro que é a história da resistência do homem – aqui não como negação dos avanços tecnológicos - e não sua adaptação às tecnologias que deve ser o pressuposto inicial para a rediscussão desta Teoria.

Na ausência de participação do homem com a imprensa, McLuhan apontou como meio diferencial, a televisão. Thompson também viu as possibilidades da explosão da experiência com a quase-interação mediada, a televisão, porém o direcionamento pragmático estruturado em uma sociedade tecnocrática o frustrou, a ponto de creditar a

possibilidade de ocorrer o inverso: a limitação da participação do sujeito. Ao se frustrar com a televisão, com o sistema direcionado, Pierre Lévy encontra na Internet, ou melhor, na cibercultura, na realidade virtual, a real possibilidade de o homem materializar os seus ideais modernos. Mas se angustia ao ver esse novo espaço aos poucos ser conduzido a um outro rumo, a um vir a ser um supermercado planetário ou uma televisão interativa. Qual será o próximo meio tecnológico que irá suscitar novas expectativas de que lá estará o instrumento salvador que possibilitará ao homem participar da realidade? A resposta poderá ser encontrada, talvez, daqui a alguns anos, em que provavelmente virá com a sustentação de ser um novo paradigma.

A proposta então seria buscar no outro extremo da sociedade da informação, em que está o sujeito, ora tratado como receptor. Mas a análise do otimismo a que a Teoria da Recepção recai no subjetivo também implica em outro erro parcial. A defesa que se fará aqui é que repensar a teoria crítica, ao contrário do que muitos a dizem como descartável, ou que não condiz mais com esta nova estrutura social, é um passo essencial para encontrar o sentido do homem na modernidade. As diferentes teses que se levantam no campo da Teoria da Comunicação Educativa vêm estruturadas pelo seguinte discurso: o homem é o sujeito ativo no processo de socialização e suas relações culturais são fundamentais para ele elaborar as mensagens transmitidas com teor ideológico pelos veículos de informação.

O que se defende é que já não se trata mais de tratar o homem como ser passivo, como fantoche ou parte de uma massa manipulável pela publicidade. O que prevalece na elaboração dos novos estudos é que o “maniqueísmo” da teoria dos efeitos não se sustenta mais na reflexão na sociedade contemporânea, principalmente depois da construção de um novo paradigma contextualizado por Jesus Martins-Barbero (2001) com o livro **Dos Meios às Mediações.**

Não se trata de uma questão falsa. Pelo contrário: a proposta de uma transformação social exige que se acredite e se afirme a existência do homem enquanto sujeito histórico. Essa referência tem o claro propósito de criticar o uso de uma cultura de massa, que aniquila por puro propósito do consumo e trata o homem somente como fantoche. Essa é a principal crítica que toma conta essencialmente dos trabalhos desenvolvidos pela Escola de Frankfurt, por exemplo, que vai além do que os autores acusam de incoerente. O vigor dos textos de Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, por exemplo, em vez do maniqueísmo denunciado, deveria ser avaliado como um fundamento, um ponto problemático para a reflexão crítica na proposta de reformularmos uma consistente Teoria da Comunicação.

Essa incoerência histórica foi oportunamente retratada por Manuel Castells. Ao criticar o que a Teoria Crítica denominou como Cultura de Massa, o autor explica que ao usar esse conceito os autores incorreram na incoerência teórica. Castells não só denuncia como nega o conceito do homem enquanto massa e ao afirmar ao receptor como sujeito ao se orientar pelas mediações nas suas relações, ele aponta que há um abalo na Teoria Crítica social de Marcuse a Habermas. “Constitui uma das ironias da história intelectual o fato de serem precisamente aqueles pensadores que defendem a mudança social os que, com freqüência, vêem as pessoas como receptáculos passivos de manipulação ideológica, na verdade inibindo as idéias de movimentos e mudanças sociais, exceto sob o modo de eventos excepcionais singulares gerados fora do sistema social (CASTELLS, 2000: 360).

O que ocorre é que, ao ver a sociedade governada por estruturas, tendo como principal instrumento a mídia, a teoria crítica visualizou o estado de distanciamento do homem cada vez mais, da civilização, enquanto caminha para novas formas de barbárie. A denúncia de o homem estar sendo manipulado e cada vez mais perdendo sua capacidade

humana chegou ao extremo quando foi publicado o **Eclipse da Razão**. Talvez aqui esteja o paradoxo: não havia negação por parte dos teóricos sobre a existência do homem enquanto sujeito histórico. O que se afirmou, com teor trágico que imprimia à análise da sociedade pós-industrial, era um estruturalismo utilizado como instrumento político de manutenção de um sistema excludente, injusto, que buscava negar a todo o momento o desenvolvimento do indivíduo como sujeito histórico. Ao entendermos esse pressuposto, poderemos analisar em que momento a Escola de Frankfurt deixou de contribuir com o início de uma teoria da comunicação para além dos efeitos.

Utilizo aqui o conceito de estruturalismo como emprega Pierre Bordieu, citado por Cláudia Herrán Monedero: "Para Bordieu la contribución del estruturalismo estaría en tener en cuenta que existen en el mundo social estructuras objetivas, independientes de la conciencia y de la voluntad de los agentes, que orientan o coaccionan sus prácticas o sus representaciones". (OROZCO, 1994: 42). A crítica feita por Cláudia Monedero no texto **"Un salto no dado: de las mediaciones al sentido"** procura demonstrar uma das falhas iniciais na construção da Teoria da Recepção. "Las Teorías de la recepción no tuvieron que combatir duramente contra otros enfoques teóricos, sino que, por el contrario, vinieron a ocupar un lugar relativamente vacío; "levantaron vuelo" en América Latina aprovechando el declive de otras posturas teóricas" (OROZCO, 1994:32)

A principal crítica da autora é o caráter subjetivista a que estão recaindo as Teorias da Recepção, que tem como um dos principais representantes, Guillermo Orozco. Como questiona Sérgio Calleti, um dos autores citados por Cláudia no texto, o que falta é uma autêntica ruptura teórico-epistemológica das Teorias da Recepção. A denúncia é taxativa: não basta simplesmente rejeitar a teoria dos efeitos. É preciso aceitar a força da mídia enquanto um meio de estruturar o social em favor do poder dominante e como esta

estrutura pode ser direcionada para o desenvolvimento do homem. Aqui está o paradoxo: ao procurar acentuar o papel do sujeito ativo na sociedade da Informação, as teorias da recepção muitas vezes caem num enfoque direcionista: “El que asume que el sujeto está mediado social y culturalmente pero, a la hora de analizar su acción social, termina por concederle a su capacidad racional, libre y decisionista, un papel central”. (OROZCO; 1994:47). No momento em que a mídia assume um papel decisivo na construção dos sentidos do homem contemporâneo e as Teorias de Recepção, em Comunicação e Educação, reforçam o papel de sujeito histórico do homem, o reconhecimento da denúncia pela Escola de Frankfurt é um passo importante.

Não se trata mais de continuar no embate entre apocalípticos e integrados. É preciso ir além e reconhecer o conflito que se denunciava: há uma classe dominante utilizando aparatos tecnológicos para controlar o desenvolvimento social. Acredito que retomar como problemática teórica a denúncia estruturalista e sistêmica do mundo ,denunciada pela Teoria dos Efeitos, sem cair no erro de tratar apenas de um enunciado maniqueísta é diagnosticar qual o papel que o homem, negado historicamente e nominado apenas por estereótipos, tem desempenhado no processo de transformação social. Com essa identificação poderemos desenvolver uma Teoria da Comunicação que reformule o peso das mediações e da proposta de produção de sentidos.

4.2 – A INTERNET NO COTIDIANO

A confiança nas possibilidades de um exercício da comunicação propiciadas pela Internet, somada à preocupação com o rumo mercantilista pelo qual este meio pode ser conduzido, revela a emergência a que muitos autores se debruçam na discussão da sociedade informática. De uma certa forma, se está diante da força de um veículo a apontar uma realidade da qual sem ela, hoje em dia, não se existe. E com esse parâmetro, o discurso se estende para todos os segmentos sociais. Os idosos não ficaram à margem desse debate. É essa a tônica da dissertação de mestrado **A Terceira Idade e a Sociedade Informatizada** de Aldete Berlinck, defendida em 94, na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.

Berlinck defende que a inserção dos idosos na sociedade contemporânea será possível, se todos tiverem os mesmos direitos e oportunidades de acesso à informática. Esse é o principal teor da sua dissertação. A autora aponta que "permitir ao idoso o acesso e aprendizado aos equipamentos computadorizados é oferecer, além de tudo mais, condições para a integração do indivíduo na comunidade, reconhecendo seu potencial de contribuição e seus direitos como cidadão". (BERLINCK, 1994: 21).

É preciso debruçar um pouco sobre a proposta da autora. Ela parte essencialmente do que considera um problema crítico na sociedade da informação e comunicação: a marginalização dos idosos em relação aos equipamentos computadorizados. É difícil dissociar essa discussão com a questão, em tom existencialista de hoje, levantada por um aluno da graduação, sobre: qual o sentimento acomete homens e mulheres, analfabetos da informática, em uma sociedade onde tudo remete ao W.W.W.? Ou se atribuirmos um nome à discussão: qual o sentimento que assalta os idosos na modernidade diante desse bombardeio para se comunicarem, comprarem um produto, lerem revista, entre outros, por meio da Internet?

Ao se defrontar com esse problema que parece essencial ser resolvido atualmente, Berlinck estrutura toda a sua discussão em um enfoque cibernético. A autora trabalha toda dissertação procurando mostrar a importância de integrar as pessoas da Terceira Idade com a solução desse descompasso. Esse teor pode ser medido essencialmente pela "conclusão": "É direito de todo integrante do grupo da Terceira Idade, como cidadão, ter amplamente facilitado o seu acesso às novas tecnologias de informação, cabendo às instituições educacionais públicas e privadas, empresas, sindicatos e a mídia em geral, o dever de pesquisar e propiciar a concretização desse direito". (BERLINCK, 1994).

A solução para "otimizar" a situação do idoso na sociedade de informação é importante para solucionar o que SCHAFF (1991) chamou de incultura da massa. Mas será que sugerir o acesso à informática como direito de participação do idoso representa a sua principal preocupação ou se trata de uma necessidade estendida a toda a sociedade? O temor de seguir estritamente esse caminho é dimensionar a existência do idoso pelo seu aprendizado à informática com uma grandeza maior ao observado na realidade. E com isso se despreza a angústia do seu passado, a sua experiência, para indicar uma nova realidade de uma angústia que nem sempre ele incorpora como fundamental para viver.

É certo que a força da informática como meio de se manter atualizado na estrutura social contribua para o aumento de praticantes no decorrer dos anos. Pelos dados coletados na ESALQ, campus da USP em Piracicaba, o número de integrantes dos cursos de Introdução a Informática saltou de 35, em 1999, para 56, em 2000. O curso tem uma pedagogia específica para os estudantes da Terceira Idade. Acompanhei um desses cursos com 11 alunos ocorridos no primeiro semestre de 2001. As dificuldades em manusear os acessórios, em entender alguns contextos, embora houvesse explicações detalhadas do professor, são as barreiras que eles precisam saltar para dar os primeiros passos e entrar em

sintonia com os novos tempos. Entretanto, antes de emitir qualquer opinião, é preciso entender o motivo que os conduz a esse curso.

Erlinda Casarotti não se esquiva de dizer que entrou no curso de Informática da Esalq com dois objetivos: o primeiro, de ajudar com esse "conhecimento" o marido a se atualizar no trabalho. E o segundo, para entrar em contato com a atualidade. Aprender informática significa estar aberta para uma outra forma de desenvolvimento como, se observa em seus filhos. O seu interesse pela informática, aliás, começou exatamente pelo incentivo dos filhos. Consistia em trocar e-mail com a filha residente nos Estados Unidos e o aprendizado periódico de algum comando de outros filhos. "A gente vai pegando um pouquinho de jeito, se interessando". (Erlinda, Entrevista: 11/2001). Depois de incentivar o marido para fazer o curso, ela decidiu também faze-lo, em 2000. "Quando a gente quer fazer uma coisa como esse curso de informática, a gente pensa: eu tenho computador em casa, tenho tudo, então vou aprender. Porque pelo menos a gente pode fazer alguma coisa fora do esquema da casa". (Erlinda, Entrevista: 11/2001). Novamente a universidade é apontada como a possibilidade de vivenciar algo fora de casa. E embora Erlinda não tenha se confessado explicitamente como Dalva Argoud, sua entrevista deixa claro que ela é consciente de que não se anulou durante o período de criação dos filhos.

O computador é essencial para sua vida? Erlinda não considera o computador como algo essencial para sua vida. "Eu acho que a gente precisa ver televisão, precisa ler bastante, ler tudo. Eu gosto, por exemplo, de ler tudo o que cai na minha mão. Não é só revistas, mas livros também. Sinto eu não ter mais tempo para ler. É porque quando eu chego ali, eu estou cansada e acabo dormindo às vezes" (Erlinda, Entrevista;11/2001). A frase deixa claro que o computador para Erlinda é mais um meio de conseguir informação e isso é fundamental para estar em contato com a atualidade. Deixa transparecer que ela foi

aos poucos adquirindo uma proximidade com esse meio, criando um gosto que a levou a se inscrever no curso.

É certo que esse foi um dos caminhos que a conduziu, porém a aspiração de entrar em sintonia com a atualidade não seguiu num mar de tranqüilidades como aparenta. Para isso, basta retornarmos a afirmação anterior citada nesta pesquisa quando se discute o retorno aos estudos e a comunicação com a família. “Então eu não tenho o que conversar com o meu filho se eu não começar a ler, me instruir de alguma coisa, de alguma forma. Você perde o diálogo até com seus familiares. Então não é fácil para nós, idosos, a gente tem que se esforçar mesmo”. (Entrevista, Erlinda: 11/2001).

Quando se percebe um futuro com um cenário do qual não se identifica e é confrontado na realidade pelo cotidiano de seus filhos e seus netos, Erlinda está diante de duas opções: ou oficializa sua exclusão da nova estrutura ou se lança para encontrar um significado para sua existência fora dos afazeres de casa. Para manter a comunicação com os filhos, ela se lança a entender essa nova realidade. E a herança de sempre estar aprendendo, sempre em atividade é algo do que se orgulha em ter transmitido aos seus filhos. “Eu passei isso para meus filhos, essa coisa de sempre aprender, de sempre estar interessado nas coisas. E eu gosto de fazer de tudo, então, eu acho alegria na vida. Eu acho maravilhoso poder saber fazer, ir pra cá, pra lá, assim a atividade, sabe? Então eles puxaram muito esse lado. Eles gostam muito, aprenderam, acho que valeu a pena me dedicar a eles e ter deixado a minha carreira”. (Erlinda, Entrevista:11/2001).

Toda a vida de Erlinda, desde que deixou sua carreira após o casamento, foi dedicar-se aos filhos. O que pode implicar mais intensamente na ausência de sentido do que perder a comunicação com o mundo que ela criou? É com esse estado, em busca da sobrevivência, que Erlinda recorre à informática. Pode até ser uma forma de se integrar à

atualidade – um problema do qual já discutimos anteriormente – mas não se vê o que Berlinck aponta como reconhecimento da contribuição dos idosos para a comunidade.

Só por meio da identificação dessa realidade de Erlinda que podemos entender sua resposta a uma pergunta feita aos estudantes da Terceira Idade. Ao tomar como referência o projeto Oldnet cujo objetivo é fazer que os jovens ensinem os idosos em asilo a navegarem na Internet, quis saber dos estudantes algo que fosse além de uma preocupação pessoal sobre a informática. A proposta é entender qual o grau de importância para os idosos desta nova realidade. A pergunta aos homens e mulheres da Terceira Idade foi se consideravam importante estudantes do ensino médio em São Paulo ensinarem idosos no asilo a navegar na Internet.

O Oldnet é um projeto, desenvolvido pelo Projeto Aprendiz, de São Paulo, que visa aproximar jovens e idosos, a partir da Internet. Estudantes do ensino médio, de escolas públicas e particulares, ensinam os idosos do Lar Golda Meir, em São Paulo, a utilizar o computador, navegar na internet e enviar e-mails. Além de abrir para os idosos uma janela para o mundo, os jovens, orientados pela equipe do Museu da Pessoa, coletam histórias de vida e fotografias desses idosos. O material editado passa a integrar o site, valorizando e eternizando a memória de cada um dos idosos. O programa de trabalho envolve encontros preparatórios onde educadores estimulam os jovens a refletirem sobre suas idéias e concepções acerca da velhice. A formação é completada por uma oficina de memória oral, em que são trabalhados conceitos de história, memória e metodologia de trabalho com histórias de vida. A partir disso é montado um programa de trabalho a ser desenvolvido junto aos idosos.

Para Erlinda, esse projeto é maravilhoso. “Porque é uma oportunidade dele não ficar no ostracismo, não ficar assim, à parte do que acontece no mundo dele, viver uma pessoa

que está lá no abandono. Eu acho que daí não pode conversar com ninguém, não tem diálogo". (Erlinda, Entrevista: 11/2001). Para sair do estado do abandono no asilo, a solução contemporânea é aprender a se comunicar pela Internet. O computador passa a ter o peso de unir, por meio da informação, o que não se conseguiu por meio do calor do contato. Talvez seja a experiência do novo, do descobrir algo com que não se tinha contato, mas se está longe de constituir uma experiência. A experiência, por sinal, é a exposição do seu sentimento no asilo, em que o mundo parece não abrir mais alternativas para se comunicar como sujeito histórico. É nessa linha de opinião que Marina avalia esse projeto Oldnet. "É muito útil para a integração do idoso às novas tecnologias". (Marina, Questionário: 12/2000).

É um paradoxo entender a posição sobre as novas tecnologias no asilo e o conceito sobre essa instituição. Esther Wacchi Passos é uma entusiasta da continuidade de projetos como o Oldnet. E a sua explicação se justifica pelo fato de o projeto ser o exemplo claro do rejuvenescimento do espírito, enquanto as marcas da velhice se afirmam na face. "Acho esse projeto legal. E eles gostam? Os idosos gostam? Têm alguns que não gostam, têm medo. Acho que esse projeto deve continuar. Deve porque tem pessoas que sonham muito ainda. Eles têm idade, mas o espírito é jovem ainda. Entendeu?". (Esther, Entrevista: 11/2001).

Se interpretarmos a frase se dirá que o projeto deve continuar porque é o meio mais eficiente de realizar os sonhos adormecidos dos idosos. Estar em sintonia com a modernidade significa manter esperanças de realizar algo que pulsa em suas vidas. Poder-se-ia até dizer que o velho no asilo não se anula, mas para que seus sonhos se concretizem não será a vida no asilo. Mas encontrar um significado em uma vida fora do asilo. Até porque a mesma Esther não esconde o quanto é triste o asilo. "Às vezes eu vou no asilo,

tem pai que chora. Mãe. Ah! Meu filho não vem me ver. Entendeu? O filho tem condições, mas paga para o pai ficar lá. Porque o pai atrapalha em casa. Isso é triste demais. Não tem dor maior que essa: você levar um pai para o asilo e ele ficar distante dos filhos, dos netos". (Esther, Entrevista: 11/2001).

Como compactuar esse sentimento de tristeza no asilo, de ausência de vida, de uma dor que ela considera como a maior imposta a um ser humano pelos seus filhos, com a hipótese de que ao aprender a remeter uma mensagem via Internet manterá acesa as chamas para realizar o seu sonho? São dois fatores de uma mesma realidade, mas não é difícil apontar qual delas a própria Esther considera como o que lhe dá, ou melhor, o que lhe tira o sentido da existência dos idosos no asilo.

É com esse mesmo critério, o de dar aos velhos na sociedade os seus direitos e propor uma alternativa para os idosos no asilo, que alguns estudantes da Terceira Idade encaram com ressalva e até mesmo repulsa essa prática de os jovens estudantes ensinar o idoso no asilo a navegar pela Internet. A diretora Aracy Duarte Ferrari entende que como complemento, esse projeto é válido. Mas na confrontação com a realidade na qual o idoso se encontra ela questiona a utilidade. "Você vai ao asilo e quantas outras opções dariam para serem oferecidas: quanto à saúde. Até quanto à economia – de saber bem de economia, quanto ele ganha, quanto ele investe ali e se pode exigir do asilo mediante o pagamento que ele faz. Quer dizer que tem outras atividades que eu encaro como prioritárias". (Aracy, Entrevista: 06/2001).

Aprender a navegar na Internet seria para estar em sintonia com a atualidade, para não ficar desinformado. "Mas não que ele teria um auxílio direto". (Aracy, Entrevista: 06/2001). O incômodo sentido por Aracy pode nos levar para uma outra forma de leitura da realidade, porque o asilo é uma entre as instituições que poderiam se enquadrar no que

Thompson levantou como seqüestro de experiência. Pela análise dos asilos no segundo capítulo, entende-se que esse seqüestro, ou a negação da experiência é no seu duplo sentido: dos que não convivem com os idosos e dos idosos que são postos à margem do mundo onde alimentaram o significado de suas existências. Introduzir a Internet no asilo significa levar um novo meio de comunicação que abre possibilidades imensas de participação.

Aracy sabe das possibilidades de benefício social propiciado pelas novas tecnologias, mas o temor de seu controle político e o fato de não contribuir diretamente para o desenvolvimento intelectual do homem a deixa apreensiva. "A informática está dentro dos nossos lares e trouxe uma série de benefícios para o homem em si. Ele comunica-se, ele relaciona, ele produz com maior facilidade, mas tudo aquilo que exige menos da memória e menos participação intelectual. Porque os programas já são prontos por um grupo de pessoas que organizam, então ele faz, há um déficit nessa parte da solicitação intelectual". (Aracy, Entrevista: 06/2001).

O teor da frase de Aracy é o mesmo trabalhado por COLOMBO (1991) ao denunciar essa sociedade arquivística. Na ansiedade de não esquecermos os fatos, abrimos um programa no computador e o depositamos ali. Para enfrentar o terror do esquecimento, o homem moderno se lança às novas tecnologias como meio de solucionar esse problema.

> "*Gravar e arquivar o nosso passado parece-nos hoje algo de muito necessário, tão indispensável como catalogar cada momento de nossa própria experiência, fotografando as imagens colhidas durante as viagens, gravando em vídeo os momentos da vida de nossos filhos ou os programas televisivos que mais nos parecem dignos de serem"conservados", amontoando no computador nossas receitas culinárias e os números de telefones, os gostos dos amigos e o faturamento do último mês"* (COLOMBO, 1991:19).

COLOMBO critica a obsessão com que o homem busca cada vez mais gravar suas experiências, como uma forma de fechar as portas do esquecimento. Mas no fundo, nem se vive plenamente essa experiência e muitas vezes, as fitas de vídeo, com os momentos inesquecíveis, são esquecidos dentro do guarda-roupa. Retorna-se novamente a Olga Rodrigues Von Simson, da Unicamp: vivemos na sociedade de esquecimento em contraponto à sociedade de memória. É esse o sentido da frase de Aracy ao tocar na denúncia de que a informática exige menos da memória.

Os programas já estão todos prontos e isso implica que o trabalhar com a informática não é condição explícita de que se sabe usar o computador. No seu trabalho interno do banco, Sebastião Naves de Souza revela o mero uso instrumental do computador. “Nós já tínhamos um programa próprio para encaixar a pesquisa”. (Sebastião, Entrevista: 12/2000). Essa distância, esse delegar função à informática, não contribuiu para o desenvolvimento intelectual do homem. Tanto é que Sebastião confessa a intenção de fazer um curso rápido de computação, por acreditar ser muito útil hoje, não por indicar os seus benefícios. “Minha filha está estudando e foi obrigada a fazer um curso paralelo porque ela precisava usar no trabalho dela. Então eu não sou arcaico. Eu acho que a gente tem que acompanhar o progresso”. (Sebastião, Entrevista: 12/2000).

Não se trata meramente de acompanhar o progresso. Trata-se de discutir qual tipo de progresso se constitui com a implantação da informática. Quando Aracy Duarte indica a falta de participação humana de quem é mero utilitário da informática, há a obrigação de parar por um momento o caminho do irreversível futuro para confrontar com algo já sentido no passado. E o conceito de progresso que se alardeia, Aracy não consegue encontrar outra referência como o perigo de uma volta do taylorismo. “Que o famoso Taylor dizia: que a pessoa só faz aquilo, só prega botões, só prega a manga da roupa, prega zíper; eles ficam

num automatismo, só naquilo. A computação, se não tomar cuidado, vai resultar no mesmo taylorismo. Vai cair na mecanização dos processos". (Aracy, Entrevista: 06/2001).

A visão de Aracy sobre o computador não tem vínculo com o que autores como Pierre Lévy vislumbram como diferencial do computador, para a televisão. O que ela vê é o emprego da informática como mero instrumento de uso. Uma situação que se estenderá socialmente caso não haja uma mudança de concepção. "Naturalmente, se não houver uma reciclagem – acredito que exista – se não houver alternância de trabalho, dentro da própria computação você alternar e participar mais intensamente". (Aracy, Entrevista: 06/2001). Há um ponto interessante no conceito de Aracy. Ela reconhece esse grave percurso que pode seguir a Internet, porém arrisca comentar que esse meio ainda possibilita maior participação que a televisão.

Esse depoimento é sustentado pelo que ela percebe no contato com os filhos, netos, a amplitude de raio que atinge e a facilidade individual para atividades como as compras. A crítica dela é que nem os programas do computador como os programas televisivos contribuem para aguçar a memória. A Internet é hoje o meio que possibilita maior participação, mas a pergunta ecoa no ar: quem participa hoje da Internet no Brasil? "São alguns privilegiados e isso no Brasil pouco significa. É muito pouco pelo que vejo onde eu moro, conversando". (Aracy, Entrevista: 06/2001). Não é de se estranhar que Aracy tenha desistido do curso de computação menos pela falta de tempo e mais pela falta de estímulo. A pergunta que demarcou sua ação foi: fazer o quê com a computação? Se o sujeito não parte do discurso de que acompanhar o progresso significa continuar existindo e existir implica no aprendizado constante, e nesta estrutura social se inclui o computador, torna-se necessário encontrar um outro sentido para o ato. "Eu tinha uma opção: fazer uma língua ou

fazer informática. Então, para viajar eu precisaria mais da língua do que da informática. Então eu fiz a opção pela língua". (Aracy, Entrevista: 06/2001).

A falta de sentido na vida do homem e da mulher abandonados no asilo não será compensada pelo computador. Pelo contrário, o deixará mais separado das pessoas. Dalva Mattoso Argoud tem um posicionamento contrário ao discurso de a Internet passar a ser a existência de vida das pessoas. É uma incoerência. Esther Passos indicou como ponto positivo, o fato dos estudantes ensinarem o idoso no asilo a navegarem na Internet, o fato de que esse ato mantém acesa a chama desses homens e mulheres na concretização de seus sonhos. Seria uma forma de alimentar o espírito jovem que sobrevive.

Dalva utiliza os mesmos parâmetros, valor da vivência, sonhos, para afirmar que "o idoso não precisa entrar na Internet". Não se trata de viver a vida na Internet, fora da vida de rotina dos asilos – ou da ausência dela. "Ele precisa viver a vida fora de quatro paredes". (Dalva, Entrevista: 06/2001). É preciso um ato de des-seqüestro da experiência não sustentado na televisão ou na Internet. Ela entende que esses podem ser até estágios posteriores. O momento exige uma nova forma de ver e sentir o humano. "Antes disso (aprender a navegar na Internet), antes deles aprenderem, eles têm que precisar. Puxa, eu já estou farta de tanta informação, eu preciso mais. Não é você pegar o idoso hoje e falar: aqui você vai pegar, vai entrar no mundo, você vai entender melhor o mundo por esse veículo que é o computador. Se ele não tem uma vivência, se ele não tem uma afetividade com ele, das pessoas para com ele, o computador não vai dar essa vivência para ele". (Dalva, Entrevista: 06/2001).

A crítica ao uso da Internet no asilo no atual estágio é devido à experiência de Dalva, não no conceito genérico dos seus anos de vida, mas do sofrimento que a sufoca toda vez que entra em um asilo para contar histórias. O lar de velhinhos é deprimente exatamente

porque não abre qualquer possibilidade de o homem se expressar como homem. O lamento de Dalva é encontrar pessoas jogadas em um espaço, o ser humano desprezando o ser humano. Pessoas com sonhos de vida. E se esses sonhos não podem ser expressos significa que estão adormecidos, pulsando como contradição de sua existência. Significa que ainda ressoa no espírito a espera de alguma comunicação que instigue sua libertação. É exatamente nas histórias contadas por Dalva, e outros contadores, que os idosos se empolgam. E seu alívio, sua satisfação de um ato humano realizado, está no reconhecimento de o idoso pelo menos ter um sono melhor, depois de se reencontrarem no reviver das histórias. É como se o principio de prazer se encontrasse com algo na realidade até então sufocado, sem referência. Como bem reconheceu Esther Passos: não tem dor maior que essa.

Dalva recorre a outro sentimento: a afetividade. Um toque, um olhar, uma história, uma palavra amiga, um consolo, o ouvir as suas aflições, o respeitar. A interpretação da qual parte deixa claro que os homens e mulheres jogados no asilo não estão à espera da justificativa ora plausível na sociedade de informação. A de que não é a proximidade que estabelece o calor e a sinceridade da relação, mas a sua intenção. Os que vivem com maior intensidade a crise do individualismo, a perda de contato com os filhos, não podem ser aliviados somente com e-mails. “É pura ilusão. É que é um conhecimento novo para eles; então: Oba! Agora! Puxa vida! Mas o computador não vai trazer nada de bom para ele”. (Dalva, Entrevista: 06/2001).

Cabe aqui questionar: será que o aprendizado de enviar mensagens para o filho pela Internet – que há anos não o vem visitar no asilo ou em casa – resolverá o problema da solidão em que se encontra o idoso? A pergunta é significativa, porque para Dalva, sofrer de solidão é a pior doença. Há uma diferença crucial entre estar só e solidão. “Tem época que eu quero estar só, quero estar comigo mesma. Não é solidão. Eu quero ficar comigo, quero

ficar sozinha. Agora, você estar numa solidão, com um monte de gente em volta de você, mas você está naquela solidão que mata. As pessoas hoje em dia estão sozinhas; não sozinhas, só tem solidão". (Dalva, Entrevista: 06/2001). A solidão como sinônimo de tristeza é uma doença que atinge a sociedade. É essa expressão sentida por Dalva no movimento do cotidiano. "As pessoas tem solidão aqui (coração). Elas não estão compartilhando. Elas deixaram de compartilhar. Então essa solidão você nota quando anda por São Paulo e você vê como as pessoas estão tristes. A multidão é muito triste". (Dalva, Entrevista: 06/2001).

As interrogações prosseguem: o acesso ao volume de informações transformará o idoso como agente social da história? A inserção social do idoso que se projeta nesse contexto poderá servir como um instrumento para confrontar a opressão social que ele sofre na sociedade? As respostas a essas questões estão respondidas na própria angústia expostas pelos teóricos e pelos próprios sujeitos da Terceira Idade que não se esquivam de mostrar o rosto da contradição. Dalva não poderia ter outra opinião sobre o projeto Oldnet, já que seu pressuposto inicial do problema, sobre a amargura dos idosos no asilo, é a falta de afetividade. E essa ausência de afetividade é conseqüência da desintegração da família. "Não se tem mais o afeto porque não se vive mais junto. Os avós não acompanham o crescimento dos seus netos. Ou porque eles estão na creche, porque a mãe precisa trabalhar e então levam os filhos para a creche – então são outras pessoas que cuidam das crianças, não tem nada a ver. E esse velhinho, essa pessoa idosa tem tanto carinho para dar, tem tanta afetividade que não pode ser usada". (Dalva, entrevista: 06/2001).

Não se vive mais junto, portanto, as pessoas não se encontram. E se não há o encontro, qual a vivência poderá ressurgir da memória na velhice, se o único sentido é acompanhar o progresso com o objetivo de se estar informado? A surpresa de Ecléa Bosi

(1999) ao retomar os jornais de oito anos atrás e constatar o esquecimento das notícias a fez apontar a seguinte crítica. “O receptor de comunicação de massa é um ser desmemoriado. Recebe um excesso de informações que saturam sua fome de conhecer, incham sem nutrir, pois não há lenta mastigação e assimilação. A comunicação em mosaico reúne contrastes, episódios díspares sem síntese, é a-histórica, por isso é que seu espectador perde o sentido da história”. (BOSI, 1999:87).

O fato de reconhecermos que a cada novo meio de comunicação há uma mudança da percepção da realidade não implica em admitir que a tecnologia terá o poder de alterar essa realidade. GUZMAN (1999?) aponta que “a única igualdade que conseguimos obter com todo o avanço tecnológico é que as coisas sigam iguais ao que era antes: que persistam a desigualdade, a injustiça, a exploração dos débeis em todos os sentidos e a corrupção, e que sigam sendo as minorias que determinam o curso da história ou, pelo menos, aquilo que se conta dela” (GUZMAN, 1999?:18).

A luta do jovem é contra toda essa informação, essa tecnologia que às vezes toma o seu lugar. Ao repetir a afirmação, já citada anteriormente, de Dalva que é fundamental para entender seu conceito de tecnologia. “Essas tecnologias... até o nome, tecnologias. Técnicos: você não vê o homem inserido nisso daí. Você vê o homem fora dessa palavra”. (Dalva, Entrevista: 06/2001). Ela não admite vincular o aprender a Internet como meio de estar em sintonia com a modernidade, ações tidas como naturais no mundo de hoje. “Mas que modernidade!!! O homem não foi feito para ter todas essas tecnologias”. (Dalva, Entrevista: 06/2001).

Ao procurar provar o seu enunciado, Dalva relata as mudanças ocorridas em sua vida depois que ganhou o carro para vir à Faculdade. Entretanto, ao se defrontar com a

contradição da realidade objetiva, a sua crítica à tecnologia não consegue sair do campo subjetivo.

> *"Porque era um tal de eu querer vir a pé da minha casa que é longe (risos). Então me deram o carro e acabou com a minha andança. Me favoreceu: eu chego mais cedo, eu faço mais coisas; mas eu, Dalva, o meu organismo já se acostumou a andar de carro. Antigamente eu não tinha esse costume, esse hábito. Antes eu entrava cansada, entrava transpirando. Agora eu entro cheirosa. Não, nesse ponto eu não sou contra o carro. Não, não sou, porque, olha,eu entro em contradição: eu sou e não sou. Eu não sou contra, por exemplo, o avião; mas por outro lado eu sou contra porque eles separam as pessoas. Você está entendendo o que eu quero falar?"* (Dalva, Entrevista: 06/2001).

Ao tratar da contradição, pode-se citar um ponto positivo de projeto, como o Oldnet. Se por um lado critica-se a Internet nesse estágio, não se pode fechar os olhos para a importância da experiência dos adolescentes ao transporem os muros do asilo. Então o valor da experiência não está no aprendizado da nova forma de se comunicar pela tecnologia, mas no encontro. E as aflições dos idosos se tornam um rico tesouro transmitido aos mais jovens. No Brasil, há exemplos que podem ser citados nessa proposta de reescrever a história promovendo o encontro entre jovens e idosos. A valorização da memória, da experiência é instigada por meio do diálogo e não meramente no informar. Este, aliás, é um argumento defendido por SODRÉ (1984) para contrapor ao que identifica como alienação da expressão dialogal do sistema informativo. O autor explica que é no "diálogo que a comunicação se revela plenamente como troca, dando margem ao conhecimento recíproco dos sujeitos ou até ao conhecimento de si mesmo, na medida em que pode incorporar o discurso do outro. Ao contrário do informar, que significa impor ou doar uma significação sem dar margem à troca, separando ao mesmo tempo as instâncias do falante e do ouvinte". (SODRÉ: 1984; 25).

É com essa identificação de modernidade que alguns trabalhos encontram na memória um ponto importante para a reconstrução do passado, para a análise crítica do presente e um meio de traçar metas para o futuro. O avanço nesse campo é importante em um país em que a República foi construída sem o povo. Ou melhor, num país onde o sistema político, em vez de entender o povo brasileiro, esteve no decorrer da história procurando modular uma identidade européia. Com esse histórico, os discursos orais que sustentam essas linhas de pesquisas podem atuar como um confronto ao discurso de controle exercido pela ideologia dominante.

Em Florianópolis, acontece o projeto **Artista da Palavra**, formado por um grupo composto de profissionais das áreas de sociologia, jornalismo, pedagogia, literatura e antropologia. O projeto surgiu após interação com pessoas do Núcleo de Estudos da Terceira Idade na Universidade Federal de Santa Catarina. O **Artista da Palavra** é, segundo o grupo, "esse ser incapaz de ficar quieto até que possa, de um modo ou de outro, passar para a frente suas histórias e experiências".

A proposta do **Artista da Palavra** é mostrar a importância da transmissão do saber. Por sinal, uma das preocupações dos pesquisadores e participantes do projeto é possibilitar momentos de encontro entre gerações – entre crianças, pais e avós – mediados por educadores, valorizando fatos, vidas, valores e brincadeiras que marcaram época. Pelo trecho de um artigo publicado por Evani Barbosa Nadas é possível identificar a essência do projeto. No artigo intitulado "**Isto me lembra uma História...**" Nadas expõe que:

> *"A imaginação precisa ser despertada e nutrida por uma chama viva. As histórias foram feitas para passarem de boca em boca, pelo coração... Nada pode substituir a experiência de uma história contada ao vivo. As nossas vidas estão cheias de aparelhos e computadores. Mas, e os contadores de histórias? A espécie humana nunca teve tantos dispositivos para preservar a linguagem. E no entanto, percebo um estranho e incômodo silêncio, pois junto*

> *com essa surpreendente capacidade de armazenar informações nós perdemos nossas histórias e nossa capacidade de ouvir, deixando de comunicar nossas experiências, de contar a nossa História”***.**

Outro exemplo prático desse processo ocorreu em São Paulo. Os alunos de ensino fundamental da escola Estadual Raul Fonseca, do bairro Metropolitano, realizaram trabalho de reconstrução do passado. O projeto “**A Escola: centro de memória e produção de comunicação e cultura”**, coordenado pelo professor Luiz Roberto Alves, da ECA/USP, procurou mostrar aos adolescentes pesquisadores que a cultura não é somente encontrada nos livros. E principalmente que o exercício da memória é revelador da cultura. O resultado foi a “reescritura da história do bairro sem o oficialismo dos memorialistas”, como se pode observar pelo vídeo intitulado “**Olhares que se intercruzam: Memória e Cultura**”.

O mesmo trabalho é desenvolvido pelo Centro de Memória da Universidade de Campinas, coordenado por Olga de Moraes Von Simson, em conjunto com os moradores de bairros de cidades da região. Em alguns casos, há uma reconstrução material do bairro como forma de recuperar o que foi danificado com o progresso da modernidade. É nesse espírito de modernidade que a Universidade Aberta da USP, especificamente, possui um papel essencial. Ao mesmo tempo em que o estudo pode aprofundar seus conhecimentos nas disciplinas e possibilite atuar na luta por causas públicas, espera-se dos estudantes da Terceira Idade uma mensagem mais profunda, o ensinamento que vem de uma visão do mundo iluminada pela experiência.

4.3 – A TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE

Qual a principal mudança na vida dos estudantes da Terceira Idade provocada pela Universidade Aberta da USP? A resposta a esta pergunta permite apontar a principal transformação sofrida por esses homens e mulheres nessa idade da reproposta. Embora as novas perspectivas de vida com o conhecimento adquirido na universidade aberta já tenham sido apontadas nas discussões anteriores, neste tópico se analisará essencialmente a transformação na realidade de dois estudantes da Terceira Idade: David Barboza de Menezes, de São Paulo, e Dalva Matoso Argoud, de Piracicaba.

A escolha desses dois estudantes é essencial para poder identificar os rumos tomados pela universidade aberta. A coordenadora Ecléa Bosi explica que o projeto nasceu com a proposta de dar oportunidade aos velhos trabalhadores, principalmente de classes menos favorecidas, de adquirir conhecimentos aos quais não tiveram acesso antes. O migrante David Menezes é um representante da classe menos favorecida, que passa a retomar seus sonhos ao participar de uma nova fase de sua vida. A enfermeira-padrão Dalva Argoud, de Piracicaba, integra o grupo de idosos com formação universitária, que encontram no projeto da Terceira Idade a oportunidade de reafirmarem seus conceitos. Ela representa a extensão do raio de influência tomada pelo projeto, sinalizando o preenchimento de um vazio nesta sociedade pragmática que não valoriza a experiência de vida.

David Menezes é um homem buscando conquistar o respeito da sociedade com o conhecimento cientifico que se lança a adquirir. No entanto, quanto mais ele avança no caminho do esclarecimento e se afasta de um passado constituído por pessoas sem estudo de sua terra natal, mais ele se dá conta de que o seu valor não está no enumerar autores e sim no cotidiano. A riqueza está na sua vivência. A relação natural dos conceitos discutidos na disciplina Comunicação Comparada com o cotidiano, com o seu bairro, com o seu passado,

era o diferencial. A discussão sobre a violência em São Paulo em sala de aula foi um exemplo disso. Os alunos apontavam o Jardim Ângela, bairro de sua residência, como um dos locais onde mais ocorrem mortes na capital. A referência dos estudantes era a notícia divulgada pelos meios de comunicação. David se contrapôs revelando que não vê nas ruas a violência transmitida na mídia. “Não sei se é mentira, mas se é publicado no jornal...”. (David, Anotações: 09/2000). A sua condição financeira o faz permanecer em silêncio na sala de aula, quando estudantes com melhores condições de vida comentam sobre a “experiência” de terem viajado a outros países, como Portugal.

A principal mudança em sua vida foi iniciar o caminho para se tornar um homem esclarecido, para viver no meio da sociedade. E o conhecimento não é um bem para ficar trancafiado no indivíduo. “Você tem que aprender a estudar e levar para aqueles que não estudaram, aqueles que não conhecem, não é verdade? É levar o conhecimento pros outros. Isso é o que é mais importante”. (David, Entrevista: 12/2000; 02/2002). Desde que passou a freqüentar a USP, David é surpreendido com as possibilidades de realizar o seu grande desejo: o de ter um lugar para falar, para o seu saber ser aproveitado pela sociedade.Uma participação no Globo Repórter, uma entrevista para uma revista, o seminário na USP. A maioria das vezes é a sua história de vida que lhe dá significado para outros seguirem o caminho.

E ao mudar a sua forma de percepção da realidade com os conhecimentos, com o respeito ouvido pelos jovens de sua história de vida, David muda a sua forma de interpretar a realidade. “A mudança a gente percebe nos outros que não estudam”. Ele percebe a nova dinâmica da sociedade e se reafirma no novo homem que surge da distância entre aqueles que estudam e os que nada sabem. “Parece que a gente vai andando e deixando aqueles para trás”. (David, Entrevista: 12/2000;02/2002). O filho de lavrador, que aos 7 anos pediu ao pai

um espaço da terra para plantar, hoje acredita ter caído do céu a oportunidade de estudar na USP. A sua obsessão está distante de mais informação. Ele quer aprender e transmitir o seu saber. Esse é o seu conceito de homem civilizado.

A universidade aberta contribui para Dalva Argoud reafirmar a visão da outra face humana discriminada na sociedade contemporânea. “A principal transformação é que eu aprendi muito mais e pude compreender muito mais esses jovens”. (Dalva, Entrevista: 06/2001) É preciso sair da restrita discussão, sempre em tom acusatório, de encontrar a geração culpada pela falta de valores na sociedade atual. “Falam que a culpa é dos jovens. Não culpo a minha geração também. Eu culpo essa vida que todo mundo leva só com consumismo, sempre querendo mais”. (Dalva, Entrevista: 06/2001). A culpa é da obsessão do homem moderno aprisionado pelo desejo de sempre conseguir mais e mais e o essencial da vida é abandonado. Ela compara os seus tempos de criança em que a vida era feliz, sem ter todos esses aparatos tecnológicos. Poderia formular uma pergunta com base nos dados comparativos de Dalva: é possível ser feliz com toda essa tecnologia?

Mais importante que a resposta é a formulação das perguntas nos dias de hoje. POSTMAN reproduz a história contada por Sócrates para seu amigo Fedro e que consta no livro de Platão. Thamus, o rei de uma grande cidade do Alto Egito, recebe o deus Theuth. A proposta de Theuth era que o rei deveria tornar suas invenções conhecidas e disponíveis ao Egito. Durante sua explanação, Theuth destacou a invenção da escrita como a realização que irá aperfeiçoar tanto a sabedoria como a memória dos egípcios. O que para Theuth era a receita segura para a sabedoria e a memória foi contestado pelo rei Thamus com sua outra face.

> *“Aqueles que a adquirirem vão parar de exercitar a memória e se tornarão esquecidos; confiarão na escrita para trazer coisas à sua lembrança por sinais externos. O que você descobriu é*

> *a receita para a recordação, não para a memória. E quanto à sabedoria, seus discípulos terão a reputação dela sem a realidade, vão receber uma quantidade de informação sem a instrução adequada, e , como conseqüência, serão vistos como muito instruídos, quando na maior parte serão bastante ignorantes. E como estarão supridos com o conceito de sabedoria, e não com sabedoria verdadeira, serão um fardo para a sociedade"* (POSTMAN, 1994:14).

O grande questionamento de Postman é encontrar um erro no julgamento de Thamus de considerar a escrita um fardo. "Toda tecnologia tanto é um fardo como uma benção; não uma coisa ou outra, mas sim isto e aquilo". Entretanto, aponta um ensinamento importante transmitido por Thamus. "Ele nos deseja ensinar que a tecnologia se apodera imperiosamente de nossa terminologia mais importante. Ela redefine 'liberdade', 'verdade', 'inteligência', 'fato', 'sabedoria', 'memória', 'história' – todas as palavras com que vivemos. E ela não pára para nos contar. E nós não paramos para perguntar". (POSTMAN, 1994:18).

Dalva parou para perguntar sobre essa sociedade. Ela revela que uma das coisas que aprendeu na USP foi "a falta de precisão das coisas. Não se precisa de tanta coisa para viver". (Dalva, Entrevista: 06/2001). Em meio a um mundo onde as pessoas expressam na face a tristeza do homem moderno, o seu sonho é ver todo mundo feliz. E se a tristeza está vinculada aos sonhos que estão abandonados com o gradual aumento dos anos, então é necessário desejar mudar esse quadro, mesmo que permaneça apenas no imaginário. "Eu acho que a vida das pessoas deveria começar de 100 anos para 1 ano. Nasce com 100 anos, daí vai ficando jovem. Acho que isso resume tudo".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma euforia dos estudantes da Terceira Idade refletida no espaço aberto pela Universidade Aberta da USP. O portão escancarado é uma oportunidade de concretizar os sonhos adormecidos no decorrer da vida ou prosseguir uma luta pela vida em uma sociedade pragmática e individualista. Nem sempre se pode afirmar como diferencial entre o idoso e o jovem o fato de ele estar fora do mercado de trabalho. Pôde ser acompanhado nesta pesquisa exemplos demonstrativos de integrantes da Terceira Idade perturbados com o aprendizado e ao mesmo tempo com a produção. O sucesso no estudo indica uma esperança de mudar a vida, porém o salário do mês será menor. O aumento da produção significa manter o sustento do hoje, mas empurra para um futuro cada vez mais distante a possibilidade de mudar o cotidiano.

O primeiro aspecto visível constatado nesta pesquisa é a emergência dos estudantes mudarem seu cotidiano. Há na maioria dos sujeitos da pesquisa, um sentimento de mal estar com os rumos tomados pela sua vida e que pode ser alterado com o conhecimento. Embora entrem com o intuito de estar em sintonia com a modernidade, desprezando o passado, o sujeito se defronta com o discurso de valorização do cotidiano, da memória e experiência de vida pela universidade aberta. O conhecimento científico é importante para compreender e dar sentido aos seus atos. No entanto, a luta se dá no cotidiano. E é esse cotidiano reclamado pelos estudantes como sem sentido que passa a ser o fio condutor para valorizar o conceito de homem na sociedade. Pode-se afirmar que a universidade aberta é o espaço de retomada de forças desses homens e mulheres para darem um novo significado ao seu cotidiano.

Os estudantes da Terceira Idade demonstram sinais claros de entender que a mudança substancial em suas vidas provocada pelo ingresso na USP não pode ficar restrita a realizações particulares no cotidiano.

Seguir este caminho seria incorrer em erro. Até porque, a proposta de sair de uma realidade fragmentada, conduzida pelo pragmatismo, para se reintegrar com todo o seu ser na sociedade mostra, existencialmente, a fragilidade do individualismo no sistema. Esse comportamento imposto pela sociedade tecnocrática é o sinal de fragilidade de um forte sistema que procura delimitar o caminho de desenvolvimento como proveniente do esforço de cada um. Com isso, a Universidade Aberta passa a ter um outro significado socialmente. A universidade aberta foi criada na França com o objetivo de ser um espaço para uma socialização mais gratificante aos mais velhos. Já a universidade aberta da USP torna-se uma base de confronto com esse sistema. Ela proclama o tempo de rebeldia, de entrar na luta para conter a destruição, em andamento, do planeta. Entretanto, os alunos da Terceira Idade entrevistados, estão num processo inicial de transformação, na maioria das vezes, pessoal, e engatinhando no campo político.

Há um conflito em aberto com esse novo espaço: provar que a memória, as experiências de vida e o passado são fundamentais para o estudante atingir a tão procurada totalidade, o desenvolvimento no futuro. E nada mais representativo do encontro concreto entre o passado e o futuro como o fato de jovens e idosos dividirem a sala de aula. O movimento de ingresso dos estudantes na universidade, interessados em revigorar seus conhecimentos, mostra uma nova cultura da Terceira Idade. O novo conceito não está mais ligado à imagem disseminada pela mídia somente como fonte de divertimento. A face da nova Terceira Idade, associada ao velho, ao ancião, tem a tendência de analisar a realidade por completo.

Não é casual que mesmo sendo de níveis sócio-econômico-culturais diferentes, o autônomo David Barbosa de Menezes e a enfermeira-padrão Dalva Mattoso Argoud carregam o mesmo propósito de vida: socializar o conhecimento. Há uma enorme

preocupação de encontrar novos companheiros de luta. A realidade política do país tem uma ação de marginalizar o velho cada vez mais. O vigor demonstrado pelos estudantes em modificar suas vidas implicará em testemunhos de vida para os jovens entenderem a dimensão da realidade que precisa ser transformada com o seu espírito.

Há outra diferença entre a proposta da universidade aberta e os anseios dos estudantes que para ela se deslocam. A coordenadora Ecléa Bosi é enfática ao demonstrar a beleza de ser velho, ancião. A universidade aberta, nesse sentido, teria o objetivo de apresentar uma conotação positiva ao termo. A maior parte dos estudantes, porém, não se situa como velha. Eles estão mergulhados no perfil da Terceira Idade, em que a principal característica deixa de ser a experiência do passado em detrimento de um novo espírito que renasce com a reproposta.

A sociedade brasileira precisa enfrentar a discussão sobre os velhos. Para isso, é necessário suspender esse círculo vicioso do pragmatismo de encadear termos sem apresentar significado, como ocorreu com a incorporação do termo Terceira Idade. Esse é o ponto positivo da universidade aberta. O contato entre jovens e idosos mostra que se trata de gerações diferentes, com seus valores no passado e lutas no presente. Ambos sonham em transformar a mesma realidade em que vivem rumo a um futuro mais significativo.

Há o perigo de o conhecimento científico nutrir na ação dos estudantes da Terceira Idade o desprezo por suas experiências no passado. Mesmo esse temor é confrontado pela universidade aberta com a valorização da memória. O principal ponto de mudança social propiciado pela universidade aberta é mostrar ser possível reconceituar a experiência na sociedade de informação e comunicação. Enquanto os teóricos anunciam outras formas essenciais de comunicação, como McLuhan, Pierre Lévy, Jean Lyotard, a universidade instiga o prazer do encontro, do diálogo entre as gerações. Quebra-se primeiro a euforia

valorativa da experiência mediada como mola propulsora e se institui a experiência de vida, mediada por outros valores, como primordial para mudar a sua realidade.

Ao mesmo tempo, a proposta de minimizar os problemas de marginalização do velho com as tecnologias de informação e comunicação sofre abalo. A imprensa, a televisão e a Internet, espaços que abriam as possibilidades de uma nova experiência social, são na prática deslocados a cumprir um caminho de sustentação do poder. O que parecia ser alternativo no todo, passa a se constituir num grande aliado desde que se encontre a brecha deixada pelo sistema. O encontro face a face, o abraço, o diálogo, é o meio mais poderoso encontrado pelos estudantes de transmitir seus conhecimentos e suas experiências.

O que é a experiência? Esta parece ser a pergunta que os idosos terão necessidade de formular para continuar existindo na universidade aberta e no cotidiano. Ao admitir o significado da experiência não pelos anos vividos, mas por vivenciar os dramas que nos é destinado, todo o seu ser está em discussão. E esse parar para pensar, para sentir a sua vida, é um momento de encontro entre a consciência e a lucidez. A memória, por esse prisma, não ficará delimitada ao plano individual. O encontro de homens e mulheres da Terceira Idade na universidade significa o encontro de sonhos, a busca de uma nova vida fora dos afazeres de casa, da rotina do dia-a-dia. E se a realidade para tantos se torna sem significado, então é porque a sociedade nega um sentido para a vida do indivíduo.

A invencibilidade da essência humana está na possibilidade de os sujeitos mostrarem que determinados valores sociais podem ter sido deslocados para outros meios, mas não sucumbiram. No momento em que se nega a velhice com o discurso da Terceira Idade, a universidade aberta da USP luta para recuperar o sentido positivo do estar velho na modernidade. E a sociedade de massa, que parecia calar a voz do artista pelo excesso de informação, é perturbada pelo seu grito. O paraíso esportivo da Terceira Idade é

estremecido pela lucidez de **Donana** e pela consciência de **Últimas Luas**. O estereótipo do velho sem utilidade para o sistema é contraposto pelo convite de se engajar na luta por grandes causas públicas. E aos poucos os idosos se surpreendem com sua capacidade de mudar o cotidiano e reunir os fragmentos de toda uma vida para construir uma nova interpretação da realidade.

Esther Wacchi Passos passa a escrever um livro sobre sua vida. David Barbosa de Menezes analisa comparativamente o companheirismo de sua cidade natal com a falta de solidariedade em São Paulo. Ellen Schaffa descobre as suas potencialidades de analisar o seu cotidiano e a superficialidade das conversas do grupo de que participa. Elizabeth Vidor reafirma seus conceitos de vida e presta testemunho de que ser crítico da sociedade contemporânea não é um desvio da idade, mas um processo de conscientização. Râmios Pereira do Nascimento retorna à mesma disciplina para superar as dificuldades de entender o texto, como o de Adélia Prado e o seu cotidiano. Dalva Argoud luta para mostrar aos jovens e idosos que o problema não é de geração, e sim de uma sociedade que prioriza o consumismo. Erlinda Casarotti se defronta com a contradição: ao negar ser velha pela disposição de lutar no presente, descobre-se estar velha por não se enquadrar na velocidade em que se move o sistema. Aracy Duarte Ferrari protesta por ser chamada de menininha, um diminutivo que não traduz o respeito aos idosos como seres humanos. E, em 2002, participa com três poesias da Antologia V, livro publicado pelo Centro Literário de Piracicaba. Sebastião Naves de Souza reconhece na cultura, no cotidiano, no que está em torno de você, o conhecimento.

A experiência dos estudantes da Terceira Idade no projeto Universidade Aberta da USP é um passo importante para dar um novo tom à realidade. É preciso reconhecer que as análises desses homens e mulheres ainda estão fragmentadas. Os comentários dos

estudantes demonstram uma consciência das contradições da sociedade, mas na busca de um sentido para a vida, opta-se por um caminho. Este é um problema que não é específico dos grandes críticos do século XX. De certa forma, o homem moderno se defronta com a contradição, mas se esquiva em agarrá-la como parte de sua constituição como ser humano. É uma dificuldade revelada tanto no salto dado pelas teorias de comunicação como na justificativa de Dalva Argoud sobre a importância do carro em seu cotidiano. Não se trata de um processo fácil. Mas essa é uma perspectiva que pode ser conseguida em longo prazo pela universidade aberta da USP, desde que o objetivo dos alunos não seja o de estar à procura de ter somente um semestre feliz.

> Agarrar as contradições e conectar a cultura em nossas vidas. Está comprovado que esse caminho não será conquistado com o encadeamento de novas tecnologias como meio de libertar o homem. Mas em reconhecer a gênese do problema, instigar as possibilidades humanas e em seguida utilizar formas de transmissão designadas por cada estrutura social. A mudança não está na informação e mais informação. Está no sentir o espírito dos jovens em sala de aula, na importância da vida de cada idoso na história do país e no prazer de viver as estruturas sociais diferentes, anulando a tão execrável frase “na minha época”.

O testemunho de Ana, em **Donana**, e do ex-professor de literatura, em **Últimas Luas**, no teatro, reforça a luta cujo único objetivo é fazer com que um homem seja respeitado como homem em toda a sua vida. Simone de Beauvoir, em 1970, deixou clara sua proposta no intuito de quebrar a conspiração de silêncio. “Se lhes ouvíssemos a voz, seríamos obrigados a reconhecer que é uma voz humana; eu forçarei meus leitores a ouvir essa voz. Descreverei a situação que se reservou aos velhos e a maneira como eles a vivem;

direi tudo aquilo que – desvirtuado pelas mentiras, pelos mitos, pelos clichês da cultura burguesa – se passa realmente em suas cabeças e em seus corações". (BEAUVOIR, 1994:08).

O objetivo desta pesquisa é contribuir para quebrar essa segunda conspiração do silêncio desencadeada pela sobreposição do termo Terceira Idade e da negação do velho. E a única forma de revelar os efeitos de um discurso pragmático, como se sustenta no Brasil, é mostrar a vida de homens e mulheres que vivenciam esse momento no cotidiano. O sofrimento, as suas tristezas, alegrias, esperanças, sonhos, derrotas, vitórias, frustrações e contradições.

A análise desta pesquisa partiu do plano micro para o macro social, do individuo para a sociedade, da discussão das mudanças em suas vidas para o que mudou na política brasileira. Não se teve a pretensão de apenas dar voz a esses homens e mulheres. Até por que poderia se perder em meio a tantas informações enunciadas pelo sistema. Mas o de possibilitar um diálogo, agarrando-se às contradições, conflito que se pode perceber na distância do ato ao pensamento de alguns estudantes. Essa metodologia é fundamental para valorizar a experiência do pesquisador. Não se exige que se tenha opinião para tudo, critério exigido pela Sociedade da Informação e Comunicação. Mas que o sentido da vida esteja no prazer constante de que algo nos toque tão profundamente, e que cuja a intensidade não caiba em si e precise ser transmitido e cultivado no encontro. Esta pesquisa é uma dessas experiências.

BIBLIOGRAFIA

ABRIGO de idosos será interditado. **Jornal do Brasil Online**, Rio de Janeiro, 04 mai. 2001. Disponível em: <http://www.jb.com.br/jb/papel/cidade/2001/04/05/jorcid20010405012a.html> Acesso em: 27 jul. 2001.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro.** 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem.** 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

BARROS FILHO, Clóvis; BARTOLOZZI, Pedro Lozzano (col.). **Ética na Comunicação:** da informação ao receptor. São Paulo: Moderna, 1995.

BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou Terceira Idade?** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

_____ . ; GOLDMAN, Sara Nigri. Bate-papo Intergeracional na Internet: sexo, agressão e realidade virtual. **Cadernos PAGU** – Revista do Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, Campinas (SP), n. 13, p. 37-62, 1999.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política.** Trad. Sérgio Paulo Roaunet. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____ . Experiência. In: **A Criança, o Brinquedo, a Educação.** Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

BERLINCK, Aldete Büchler Zorrón. **A Terceira Idade e a Sociedade Informatizada**. 1994. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, São Paulo.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Amaria Ioriatti e Marcelo Macca. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BORGES, Waleska. Assaltos à terceira idade. **Jornal do Brasil Online**, Rio de Janeiro, 15 ago 2002. Disponível em:

<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cidade/2002/08/15/jorcid20020815001.html> Acesso em: 04 out. 2002.

BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular**: Leituras de Operárias. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____ . A Pesquisa em Memória Social. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 277-284, 1993.

_____ (Org.). **SIMONE WEIL: A Condição Operária e outros estudos sobre a opressão**. Trad. Therezinha G.G. Langlada. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____ . A USP aberta à Terceira Idade. **Jornal da USP**, São Paulo, p. 4, 23-29 jun. 1997.

_____ . **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos.** 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRAGA, Brunno. CPI do Idoso confirma denúncias em asilo de Campo Grande. **Jornal do Brasil Online**, Rio de Janeiro, 04 mai 2001. Disponível em: <http://www.jb.com.br/extra/e0504110a.html> Acesso em: 27 jul. 2001.

CAFIERO, Carlota. A Idade da Razão. **Correio Popular**, Campinas (SP), 13 out. 2000. Caderno C, p. 1.

_____ . Tantas Noites e Dias. **Correio Popular**, Campinas (SP), out. 2000, Caderno C, p. 1.

CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. Trad. Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol. 1 – **A Sociedade em Rede.** 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL. **Memória e Cultura**.

Texto de Marilza E. Brito. Rio de Janeiro: CMEB, 1989.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação:** A linguagem em movimento**.** São Paulo: Editora Senac, 2000.

CLARO. De Volta às Aulas. São Paulo: Jornal do Campus (ECA/USP), ano 2, n. 9, dez. 1999. Suplemento.

COGO, Denise. **Multiculturalismo, Comunicação e Educação: possibilidades da comunicação inter-cultural em espaços educativos.** 2000. 441 f. Tese (Doutorado em

Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, São Paulo.

COHN, Gabriel (Comp.). **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

COLOMBO, Fausto. **Os Arquivos Imperfeitos**: Memória Social e Cultura Eletrônica. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

CPI do Idoso encontra irregularidades em asilos da Região Serrana. **Jornal do Brasil Online**, Rio de Janeiro, 21 mai. 2001. Disponível em: <http://www.jb.com.br/extra/2001/05/21/e2105144a.html> Acesso em: 27 jul. 2001.

CPI do Idoso fecha asilo ilegal no Rio. **Jornal do Brasil Online**, Rio de Janeiro, 09 mar. 2001. Disponível em: <http://www.jb.com.br/extra/e0903075a.html> Acesso em: 27 jul. 2001.

DA REDAÇÃO – Projeto Redigir. Aventura de Recordar. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes (USP), ano 1, n. 2, dez. 2000.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice**: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1999.

_____ . Desbravando Fronteiras e Redefinindo Padrões. **Tempo e Presença.** São Paulo, CEDI, v. 14, n. 264, p. 13-16, 10 ago. 1992.

DERTOUZOS, M. L. **O Que Será**: como o novo mundo da informação transformará nossas vidas. Tradução Celso Nogueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

DOENÇA da Informação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 set. 2000. Caderno Folha Equilíbrio.

DÜRRENMATT, Friedrich. **A Visita da Velha Senhora**. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

FELICE, Andréa de. **Turismo Rural para a Terceira Idade**. 2002. 82 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERNANDES, Millôr. Não sou meu tipo de homem. **Jornal do Brasil Online**, Rio de Janeiro, 27 jun. 2001. Disponível em: <http://www.jb.com.br/jb/papel/cadernob/2001/06/27/jorcab20010627006a.html> Acesso em: 27 jul. 2001.

FIGUEIREDO, Talita. Alerj condena 22 abrigos de idosos. **Jornal do Brasil Online**, Rio de Janeiro, 22 out. 2001. Disponível em: <http://www.jb.com.br/jb/papel/cidade/2001/10/22/jorcid200110220006.html> Acesso em: 04 out. 2002.

FLEXA, Rodrigo Arco. Terceira Idade, Sabedoria e Novos Caminhos. **Calendário**, São Paulo, p. 6-7, set. 1999.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GARCIA, Maria Teresa Gonçalves. **Auto-Imagem na Aposentadoria – Mito e Realidade.** 1993. 118 f.Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, São Paulo.

GROISMAN, Daniel. Duas abordagens aos asilos de velhos: da clínica Santa Genoveva à história da institucionalização da velhice. **Cadernos PAGU** – Revista do Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, Campinas (SP), n. 13, p. 161-190, 1999.

GUTIERREZ, Francisco; PRIETO, Daniel. **A mediação pedagógica: educação a distância alternativa**. Campinas (SP): Papirus, 1994.

GUZMÁN, Délia Steinberg. Meios de Comunicação: A informação Confusa. **Caderno de Cultura Nova Acrópole**, [S.l.]: Nova Acrópole, ano 9, n. 38, p. 18-24, [1999?].

HADDAD, Eneida G. Macedo. **A Ideologia da Velhice**. São Paulo: Cortez, 1986.

_____ . Rompendo o Cerco. **Tempo e Presença.** São Paulo, CEDI, v. 14, n. 264, p. 22-24, 10 ago. 1992.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

_____ . ; ADORNO, Theodor. **Dialética do Esclarecimento:** fragmento filosóficos**.** Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

IDOSOS vão receber assistência jurídica. Jornal Diário, Marília (SP), 03 jun. 2001. Disponível em:

<http://www.diariodemarilia.com/imp_not.php?noticia=1679> Acesso em 31 ago. 2001.

JORDÃO NETTO, Antonio. Asilo de Velhos: uma instituição social nada exemplar. **Rev. São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, SEADE, v. 1, n. 3, p. 71-76, 10 dez 1987.

LAHUD, Altair Macedo. O Velho na Universidade. **Humanidades**, Brasília, Ed. UNB, v. 10, n. 35, p. 68-75, 10 jan. 1994.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DE CAMPINAS, 1. , 2001, Campinas. **Anais da Faculdade de Educação.** Campinas: UNICAMP, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____ . **A Inteligência Coletiva**: Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

_____ . **As Tecnologias da Inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____ . **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LYOTARD, Jean-François. **O Pós-Moderno**. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 2. ed. Rio de janeiro: José Olympio Editora, 1986.

LUIZ, Macksen. Ensaio sensível sobre a velhice. Jornal do Brasil Online, Rio de Janeiro, 07 mar. 2001. Disponível em: <http://www.jb.com.br/jb/papel/cadernob/2001/07/03/jorcab20010703008a.html> Acesso em: 27 jul. 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Imprensa e Capitalismo.** São Paulo: Kairós Livraria Editora, 1984.

_____ . Contra a banalização da violência: a recuperação produtiva do passado como garantia contra a barbárie do futuro. Barão em Revista, ano 2, Piracicaba, nov. 2002. Disponível em: <http://www.baraoemrevista.org/ciencia/default.asp?ncont=312> Acesso em: 10 nov. 2002.

MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial.** Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

_____ . **Eros e Civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Trad. Álvaro Cabral. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara & Koogan, [199-?]

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito; Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARTINS, Joel. Não somos cronos, somos kairós. **Tempo e Presença.** São Paulo, CEDI, v. 14, n. 264, p. 10-12, 10 ago. 1992.

MARTINS, José de Souza. A aparição do demônio na fábrica, no meio da produção. **Tempo Social –** Revista Sociologia USP, São Paulo, v. 5, n. 1-2, 1993.

MARX, Karl. **Manuscrito Econômico-Filosóficos.** Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MASCARO, Sônia de Amorim. **As Imagens dos Velhos e da Velhice nas páginas do Jornal "O Estado de S. Paulo" (1988 – 1991)**. 1993. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1993.

MATTELART, Armand. **La Invención de la Comunicación**. Espanha: Siglo Veintiuno, 1995.

_____. ; MATTELART, Michèle. Os Novos Paradigmas da Comunicação. **Líbero**, Ano 3, v. 3, nº 6, 2000, p. 4-17.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem (Understanding Media)**. Trad. Décio Pignatari. 4. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O Diálogo Possível**. São Paulo: Ática, 1986.

_____ . **Notícia: um produto à venda:** jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Alfa Omega, 1978.

MELO, José Marques de. Imprensa Comunitária no Brasil: discussão conceitual e alternativas para ação. **Polímica**, São Paulo, ano 1, p. 51-60, nov. 1979.

MELLO, Regina Célia Pastore. O tempo programado e os idosos. **A Terceira Idade**, São Paulo, SESC, v. 5, n. 9, p. 37-43, 10 dez 1994.

Midia e Educação: perspectivas para a Qualidade da Informação. Brasília, 2000.

MORDUCHOWICA, Roxana. Pensar La Televisión. Programa **"La Televisión y la Escuela".** Gobierno de la ciudad de Buenos Aires, Secretaria de Educación, 1999.

MORSE, Richard. **O Espelho de Próspero:** Cultura e Idéias nas Américas. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

NERI, Anita Liberalesso. Chinelo velho para pé cansado. **Tempo e Presença.** São Paulo, CEDI, v. 14, n. 264, p. 8-9, 10 ago. 1992.

NIETZSCHE, Frederico. **A Genealogia da Moral**. Trad. A. A. Rocha. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--].

_____ . **Para Além de Bem e Mal**. Lisboa: Guimarães Editores, LDA., 1987.

NOVAES, Adauto (Org.). **Rede Imaginária: Televisão e Democracia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

NUNES, Benedito. Elogio Humanista da Velhice. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 mar. 1995, p. 6-10.

OHARA, Carlos. Polícia investiga morte de idosa. **Folha da Região**, Araçatuba (SP), 6 jul. 2001. Cidades, p. 14.

OLIVEIRA, Dennis. **Globalização e Racismo no Brasil:** Estratégias políticas de combate ao racismo na sociedade capitalista contemporânea. São Paulo: Unegro, 2000.

OROZCO, Guillermo (Coord.). **Televidencia:** Perspectivas para el análisis de los procesos de recepción televisiva. México: Universidad Iberoamericana, 1994.

_____. Elementos para una política de educación mediática, In: VALDERRAMA, Carlos. **Comunicación-Educación, Coordinadas, Abordajes Y Travesías.** Bogotá: Diuc, 2000, p. 3-25

PEIXOTO, Clarice Ehlers. A imagem da velhice nas telas do cinema documentário. **Cadernos PAGU** – Revista do Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, Campinas (SP), n. 13, p. 357-369, 1999.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio:** A rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel, 1994.

PROJETO ajuda idosa a localizar família. **Jornal Diário**, Marília (SP), 06 jun. 2001. Disponível em:
<http://www.diariodemarilia.com/imp_not.php?noticia=1708> Acesso em: 31 ago. 2001.

RAMAL, Andréa Cecília. **Educação na Cibercultura, Hipertexto, Leitura, Escrita e Aprendizagem**. 2001. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

REPROPOSTA = Jornal da Universidade Aberta à Terceira Idade (ECA/USP). São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 2, jun. 1998.

REPROPOSTA = Jornal da Universidade Aberta à Terceira Idade (ECA/USP). São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 3, nov. 1998.

REPROPOSTA = Jornal da Universidade Aberta à Terceira Idade (ECA/USP). São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 5, mai. 1999.

REPROPOSTA = Jornal da Universidade Aberta à Terceira Idade (ECA/USP). São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 8, dez. 1999/jan. 2000.

REPROPOSTA = Jornal da Universidade Aberta à Terceira Idade (ECA/USP). São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 9, jun./jul. 2000.

REPROPOSTA = Jornal da Universidade Aberta à Terceira Idade (ECA/USP). São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 10, dez. 2000/jan. 2001.

REPROPOSTA = Jornal da Universidade Aberta à Terceira Idade (ECA/USP). São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 12, dez. 2001.

RODRIGUES, Adriano. **Comunicação e Cultura**: a experiência cultural na Era da Informação. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

ROSA, Maria Inês. “Velhice” do Trabalhador e relações de trabalho. **Tempo e Presença.** São Paulo, CEDI, v. 14, n. 264, p.18-21, 10 ago. 1992.

RUIZ, Daniele. Desigualdade marca a vida dos idosos. **Jornal de Jundiaí,** São Paulo, 20 set. 2001. Cidades, Caderno 2, p. 2.

SALGADO, Marcelo Antonio. **Velhice: uma nova questão social.** 2. ed. São Paulo: SESC-CETI, 1982.

SANTOS, Milton (Org.). **Fim de Século e Globalização.** 3. ed. São Paulo: Huicitec/ANPUR, 1997.

SCHAFF, Adam. **A Sociedade Informática**: As conseqüências da Segunda Revolução Industrial. Trad. Carlos Eduardo Jordão Machado e Luiz Arturo Obojes. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SCHMIDT, Maria Luisa; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1 / 2, -. 285-298, 1993.

SCHWARTZ, Tony. **Mídia: o Segundo Deus**. Trad. Ana Maria Rocha. São Paulo: Summus, 1985.

SIERRA, Francisco. **Introducción a La Teoria de la Comunicación Educativa.** Sevilla: MAD, 2000.

SILVA, Maria Ana Moura Oliveira. Velhos de rua no Brasil: a morte silenciosa. **A Terceira Idade**, São Paulo, SESC, v. 9, n. 12, p. 35-43, 10 ago. 1996.

SILVA, Cândido da Costa e. O Dizimo do Tempo. In: _____. **Roteiro da Vida e da Morte**. São Paulo: Ática, 1982. cap. 4, p. 56-76.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Sociedade de Informação ou da Comunicação?** São Paulo: Cidade Nova, 1996.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola: uma Perspectiva Social.** 7. ed. São Paulo: Ática, 1986.

SODRÉ, Muniz. **O Monopólio da Fala:** Função e Linguagem da Televisão no Brasil. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

SPITZ, Eva. Os bravos guerreiros da Terceira Idade. **Caderno Terceiro Mundo**, Rio de Janeiro, Ed. Terceiro Mundo, v. 14, n. 150, p. 10-13, 10 mai. 1992.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Trad. Grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____ . **A Mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

TONDATO, Marcia ; JACOB, Maria Marta. Programación televisiva orientada a la violencia y estudios de recepción, In: **DiaLogos de la Comunicación**, FELAFACS, p. 59-60, outubro de 2000.

WITTER, José Sebastião. **República, Política e Partido**. Bauru (SP): Edusc, 1999.